

A PRIMEIRA GRANDE OBRA POLICIAL DE SEMPRE

EDGAR ALLAN POE



OS CRIMES
DA RUA MORGUE
E OUTRAS HISTÓRIAS





LIVRO EM DOMÍNIO PÚBLICO

Esta obra encontra-se, no Brasil, em domínio público, conforme art. 41 da Lei federal nº. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Criação do EPUB:

Eremita

Este e-book foi revisado em conformidade com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Sumário

[CAPA](#)

[Folha de Rosto](#)

[Apresentação](#)

[Os Crimes da Rua Morgue](#)

[O Mistério de Marie Rogêt](#) (continuação de "Os Crimes da Rua Morgue")

[És Tu o Homem!](#)

[O Escaravelho de Ouro](#)

[A Carta Furtada](#)

Apresentação

Neste volume estão incluídos todos os contos policiais de Edgar Allan Poe (1809-1849), escritor "maldito" na sua época. Nestas novelas assiste-se à "invenção" do primeiro detetive, Dupin, que mais tarde serviu de modelo aos grandes mestres para a criação de personagens tão célebres como Sherlock Holmes (de Conan Doyle) ou mesmo Hercule Poirot (de Agatha Christie).

Inclui os seguintes contos:

- Os Crimes da Rua Morgue
- O Mistério de Marie Rogêt (continuação de "Os Crimes da Rua Morgue")
- És Tu o Homem!
- O Escaravelho de Ouro
- A Carta Furtada

OS CRIMES DA RUA MORGUE

Que canção cantavam as sereias? Que nome tomara Aquiles quando se ocultou entre as mulheres? Perguntas são estas de embaraçosa resposta, é certo, mas que não estão fora de possíveis conjeturas.

Sir Thomas Browne: Urn-Burial.

As faculdades do espírito, denominadas analíticas, são, em si mesmas, bem pouco suscetíveis de análise. Apreciamo-las somente em seus efeitos. O que delas sabemos, entre outras coisas, é que são sempre, para quem as possui em grau extraordinário, fonte do mais intenso prazer. Da mesma forma que o homem forte se rejubila com suas aptidões físicas, deleitando-se com os exercícios que põem em atividade seus músculos, exultam os analistas com essa atividade espiritual, cuja função é destrinchar enredos.

Acha prazer até mesmo nas circunstâncias mais triviais desde que ponham em jogo seu talento. Adora os enigmas, as adivinhas, os hieróglifos, exibindo nas soluções de todos eles um poder de acuidade, que, para o vulgo, toma o aspecto de coisa sobrenatural.

Seus resultados, alcançados apenas pela própria alma e essência, têm, na verdade, ares de intuição.

Essa faculdade de resolução é, talvez, bastante revigorada pelo estudo da matemática e especialmente pelo do mais alto ramo desta, que injustamente e tão só por causa de suas operações retrógradas, tem sido denominada de análise. Como se fosse a análise por excelência. No entanto o cálculo em si mesmo não é análise. O jogador de xadrez por exemplo, exercita um, sem fazer uso da outra. Daí decorre ser o jogo de xadrez grandemente mal apreciado nos seus efeitos sobre a natureza mental.

Não pretendo escrever aqui um tratado, mas simplesmente prefaciá-lo uma estória bastante singular com algumas observações um tanto à ligeira. Aproveitarei, pois, a ocasião para afirmar que os mais altos poderes do intelecto reflexivo se põem mais decidida e mais utilmente à prova no modesto jogo de damas do que em todas as complicadas frivolidades do xadrez. Neste último jogo, em que as peças têm movimentos diferentes e estranhos, com diversos e variados valores, o que é complexo - erro bastante comum - se confunde com o que é profundo. A atenção é nele posta poderosamente em jogo. Se ela se distrai por um instante, comete-se um erro que resulta em perda ou em derrota.

Como os movimentos possíveis não são somente múltiplos, como também intrincados, as possibilidades de tais enganos se multiplicam. E em nove casos dentre dez é o jogador mais atento, e não mais hábil, quem ganha. No jogo de damas, pelo contrário, e que os movimentos são únicos e pouco variam, as probabilidades de engano ficam diminuídas e, a atenção não estando de todo absorvida, todas as vantagens obtidas pelos jogadores só o são graças a uma perspicácia superior.

Concretizando o que dissemos, suponhamos um jogo de dama em que as pedras fiquem reduzidas a quatro damas, e onde, sem dúvida, não se deve esperar engano algum. É evidente que aqui a vitória pode ser decidida - estando as duas partes em iguais condições - somente por algum movimento muito hábil, resultado dum forte esforço intelectual. Privado dos recursos habituais, o analista coloca-se no lugar de seu adversário, identifica-se com ele não poucas vezes descobre, num simples relance de vista, o único meio - às vezes absurdamente simples - de induzi-lo a um erro ou precipitá-lo num cálculo errado.

O jogo de whist tem sido famoso desde muito por sua influência sobre o que se chama "faculdade de calcular" e conhecem-se homens do elevado valor intelectual que dele auferem um deleite aparentemente inacreditável, ao passo que menosprezam o jogo de xadrez como frívolo. É fora de dúvida que nenhum jogo análogo existe que tão grandemente exercite a faculdade de análise. O melhor jogador de xadrez da cristandade não passa de ser o melhor enxadrista; mas o jogador proficiente de whist tem capacidade de êxito em todas as especulações de bem maior importância, em que o espírito luta com o espírito. Quando digo jogador proficiente, quero significar essa perfeição no jogo, que inclui o conhecimento de todas as fontes donde pode derivar um proveito legítimo. E estas não são apenas numerosas, mas complexas, e jazem frequentemente em recessos do pensamento, totalmente inacessíveis a uma inteligência comum.

Observar atentamente equivale a recordar com clareza; e, conseqüentemente, o jogador de xadrez capaz de concentração intensa será bom jogador de whist, porquanto as regras de Hoyle, baseada apenas no simples mecanismo do jogo, são geralmente bastante inteligíveis. Por isso, ter uma boa memória e jogar de acordo com "livro" são pontos comumente encarados como o sumo do bem jogar. Mas é nas questões acima dos limites da simples regra que se evidencia o talento do analista. Em silêncio, faz ele uma série enorme de observações e inferências. O mesmo talvez façam seus parceiros e a diferença de extensão das informações obtidas não se encontra tanto na validade da dedução como na qualidade da observação.

O necessário é saber o que se tem de observar. Nosso jogador não se confina no seu jogo, nem rejeita deduções nascidas de coisas externas ao jogo, somente porque é o jogo seu objetivo do momento. Examina a fisionomia do parceiro, comparando-a cuidadosamente com a de cada um de seus adversários. Considera a maneira pela qual são arrumadas as cartas em cada mão; e muitas vezes conta pelos olhares lançados pelos seus possuidores às suas cartas, os trunfos e figuras que têm.

Nota cada movimento do rosto, à medida que o jogo se adianta, coligindo um cabedal de ideias, graças às diferenças fisionômicas indicativas de certeza, surpresa, triunfo, ou pesar. Da maneira de recolher uma vasa, adivinha se a pessoa pode fazer outra da mesma espécie. Reconhece um jogo fingido da maneira com que é lançada a carta na mesa. Uma palavra casual ou inadvertida, uma carta que cai acidentalmente, ou que é virada, e o conseqüente olhar de ansiedade ou despreocupação com que é apanhada, a contagem das vasa pela sua ordem de arrumação, embaraço, a hesitação, a angústia ou a trepidação, tudo isso são sintomas para sua percepção aparentemente intuitiva, do verdadeiro estado das coisas. Realizadas as duas ou três primeiras jogadas, está ele de posse completa das cartas que estão em cada mão e portanto, joga suas cartas com uma tão absoluta precisão como se o resto dos

jogadores houvesse mostrado as suas.

O poder analítico não deve confundir-se com a simples engenhosidade porque, se bem que seja o analista necessariamente engenhoso, muitas vezes acontece que o homem engenhoso é notavelmente incapaz de análise. A capacidade de construtividade e de combinação, por meio da qual usualmente se manifesta a engenhosidade e à qual os frenólogos (a meu ver, erroneamente) atribuem um órgão separado, supondo-a uma faculdade primordial, tem sido tão frequentemente encontrada naqueles cujo intelecto está quase nos limites da idiotia, que atraiu a atenção geral dos tratadistas de moral social. Entre o engenho e a habilidade analítica existe uma diferença muito maior, na verdade, do que entre a fantasia e a imaginação, mas de caráter estritamente análogo.

Verificar-se-á, com efeito, que os homens engenhosos são sempre fantasistas e os verdadeiramente imaginativos são, por sua vez, sempre analíticos. A estória que se segue aparecerá ao leitor como um comentário luminoso das proposições que acabo de anunciar.

Residindo em Paris, durante a primavera e parte do verão de 18..., travei ali conhecimento com um Sr. C. Augusto Dupin, jovem cavalheiro de excelente e ilustre família. Em consequência duma série de acontecimentos desastrosos, ficara reduzido a tal pobreza que a energia de seu caráter sucumbira aos reveses, tendo ele deixado de frequentar a sociedade e de esforçar-se em recuperar sua fortuna. Graças à condescendência de seus credores, mantinha-se ainda de posse dum resto de seu patrimônio, com cuja renda conseguia, com rigorosa economia, prover-se do necessário, sem cuidar de coisas supérfluas. Tinha na verdade um único luxo: os livros, que, em Paris, podem ser adquiridos a baixo custo.

Nosso primeiro encontro se deu numa escura livraria da Rua Montmartre, onde o acaso de estarmos à procura do mesmo livro, notável e raro, nos fez entrar em estreitas relações. Via-mo-nos frequentemente. Interessou-me intensamente a pequena estória de família que ele me contou, com toda aquela sinceridade característica do francês, quando se trata de si mesmo. Causou-me também admiração a vasta extensão de suas leituras e, acima de tudo, empolgaram-me a alma o intenso fervor e a vívida frescura de sua imaginação. Procurando em Paris certas coisas que me interessavam, vi que a convivência com tal homem seria para mim tesouro inapreciável.

E isso mesmo, francamente, lho disse. Resolvemos por fim morar juntos durante minha permanência em Paris e, como minha situação financeira era muito melhor que a dele, a mim coube a despesa de alugar e mobiliar, num estilo adequado à um tanto fantástica melancolia de nossos caracteres, uma velha e grotesca casinha, quase em ruínas, há muito desabitada, em virtude de superstições de que não indagamos, e situada em solitário recanto do bairro de São Germano.

Se a rotina da vida que ali levávamos viesse a ser conhecida do mundo, ter-nos-iam como doidos ou, talvez, por simples malucos inofensivos... Nossa reclusão era completa. Não recebíamos visitas. Para dizer a verdade, tínhamos mantido sigilo absoluto a respeito do lugar de nosso retiro até mesmo para com nossos antigos camaradas. Havia muitos anos que Dupin cessara de travar novos conhecimentos, ou de ser conhecido em Paris.

Vivíamos, pois, sozinhos os dois.

Tinha meu amigo uma esquisitice - que outro nome posso lhe senão esse? - que era a de amar a noite por amor da noite. E dessa esquisitice, bem como de todas as outras dele, me deixei eu contagiar, abandonando-me ao sabor de suas extravagantes originalidades.

A negra divindade não podia viver sempre conosco, mas nós, lhe imitávamos a presença.

Aos primeiros albores da manhã fechávamos todos os pesados postigos de nossa velha casa, acendíamos um par de círios, fortemente perfumados, que emitiam uma luz fraca e pálida. Graças a ela, mergulhávamos nossas almas nos sonhos, líamos, escrevíamos, ou conversávamos, até que o relógio nos advertisse da chegada da verdadeira escuridão.

Então, saía pelas ruas, de braço dado, continuando a conversa do dia, ou vagando por toda parte, até hora avançada, à procura, entre as luzes desordenadas e as sombras da populosa cidade, daquelas inumeráveis excitações cerebrais que a tranquila observação pode proporcionar.

Em tais ocasiões, não podia deixar eu de notar e de admirar em Dupín (embora a rica idealidade de que era ele dotado a isso conduzisse, como era de esperar) certa habilidade analítica peculiar. Parecia, também, sentir acre prazer no exercitá-la, senão mais exatamente em exibí-la, e não hesitava em confessar a satisfação disso lhe provinha. Dizia-me, com vanglória e com uma risadinha escarminha, que a maioria dos homens tinha para ele janelas no coração, acompanhando geralmente tal afirmativa de provas diretas e bem surpreendentes de seu profundo conhecimento de minha própria pessoa.

Seus modos, nesses momentos, eram frios e abstratos; seus olhos tinham uma expressão vaga, ao passo que sua voz, geralmente de belo timbre de tenor, elevava-se agudamente, num tom que seria insolente, não fosse a ponderação e inteira segurança da enunciação. Observando-lhe esses modos, muitas vezes fiquei a meditar sobre a velha filosofia da Alma Dupla, e divertia-me com a ideia de um duplo Dupin: o criador e o analista.

Não se suponha, do que acabo justamente de dizer, que estou circunstanciando algum mistério, ou escrevendo algum romance. O que descrevi na pessoa desse francês foi simplesmente o efeito de uma inteligência excitada, ou talvez doentia, mas um exemplo melhor da natureza de suas observações na época em questão.

Passeávamos, certa noite, por uma comprida e suja rua, nas vizinhanças do Palais Royal.

Estando, aparentemente ambos nós, ocupados com os próprios pensamentos, havia já uns quinze minutos que nenhum dos dois dizia uma só sílaba. Subitamente, Dupin pronunciou as seguintes palavras: - A verdade é que ele é mesmo um sujeito muito pequeno e daria mais para o Théâtre des Variétés.

Não pode haver dúvida alguma a respeito - respondi, inconscientemente, e sem reparar, a princípio (tão absorto estivera em minha meditação), a maneira extraordinária pela qual as palavras de meu companheiro coincidiam com o objeto de minhas reflexões. Um instante depois dei-me conta do fato e meu espanto não teve limites.

- Dupin - disse eu, com gravidade -, isto passa as raías de minha compreensão. Não hesito em dizer que estou maravilhado e mal posso dar crédito a meus sentidos.

Como é possível que soubesse você que eu estava pensando em...

Aqui me detive, para certificar-me, sem sombra de dúvida, se ele realmente sabia em quem pensava eu.

- Em Chantilly - disse ele. - Por que parou? Não estava você justamente a pensar que o tamanho diminuto dele não se adequava à representação de tragédias?

Era esse precisamente o assunto de minhas reflexões. Chantilly era um antigo sapateiro-remendão da Rua São Diniz, que, fanático pelo teatro, atrevera-se a desempenhar o papel de Xerxes, na tragédia de Crébillon, do mesmo nome, tendo por isso merecido críticas violentas.

- Diga-me, pelo amor de Deus - exclamei -, qual foi o processo... se é que há algum... que o capacitou a sondar o íntimo de minha alma.

Eu estava, na verdade, mais surpreso do que desejava parecer.

- Foi o fruteiro - respondeu meu amigo - quem levou você à conclusão de que o remendador de solas não tinha bastante altura para o papel de Xerxes et id genus omne.(e para nenhum de sua classe N.T.)

- O fruteiro?! Você me assombra! Não conheço fruteiro de espécie alguma.

- O homem que lhe deu um encontrão quando entramos nesta rua, há talvez uns quinze minutos.

Lembrei-me então que, de fato, um fruteiro, carregando na cabeça um grande cesto de maçãs, quase me derrubara acidentalmente, quando havíamos passado da Rua C*** para a avenida em que nos achávamos. Mas o que tivesse isso que ver com Chantilly é o que eu não podia compreender.

Não havia em Dupin uma partícula sequer de charlatanice.

- Vou explicar - disse ele -, e, para que você possa compreender tudo claramente, vamos primeiro retroceder, seguindo curso de suas meditações, desde o momento em que lhe falei até o do encontrão com o tal fruteiro. Os elos mais importantes da cadeia são estes: Chantilly, Órion, Dr. Nichols, Epicuro, a estereotomia, as pedras da rua, o fruteiro.

Há bem poucas pessoas que não tenham, em algum momento de sua vida, procurado divertir-se; remontando os degraus pelos quais atingiram certas conclusões particulares de suas ideias. Esta ocupação é, não poucas vezes, cheia de interesse e o que a experimenta pela primeira vez fica admirado diante da aparente distância ilimitada e da incoerência que há entre o ponto de partida e a chegada. Qual não foi, pois, o meu espanto, quando ouvi o francês falar daquela maneira, e não pude deixar de reconhecer que ele havia falado a verdade.

Continuou: - Estávamos conversando a respeito de cavalos, se bem lembro, justamente antes de deixar a Rua C***... Foi o último assunto que discutimos. Ao cruzarmos na direção desta avenida, um fruteiro, com um grande cesto sobre a cabeça, passando a toda pressa à nossa frente, lançou você de encontro a um monte de pedras, empilhadas no lugar onde estão consertando o calçamento. Você pisou em uma das pedras soltas, escorregou, torceu levemente o tornozelo, pareceu aborrecido ou contrariado, resmungou uma palavras, voltou-se para olhar o monte de pedras e depois continuou a caminhar em silêncio. Não estava particularmente atento ao que você fazia, mas é que a observação se tornou para mim, ultimamente, uma espécie de necessidade.

Você manteve os olhos fixos no chão, olhando com expressão mal-humorada os

buracos e sulcos do pavimento (de modo que você continuava pensando ainda nas pedras), até que alcançamos a pequena Travessa Lamartine, que foi calçada, a título de experiência, com tacos de madeira solidamente reajustados e fixos. Ali, sua fisionomia se iluminou e, percebendo que seus lábios se moviam, não tive dúvida em que você murmurava a palavra "estereotomia", termo demasiado pedante que se aplica a essa espécie de calçamento. Sabia que você não podia dizer consigo mesmo a palavra "estereotomia" sem vir a pensar em átomos e portanto teorias de Epicuro. Como não faz muito tempo que discutimos este assunto, lembro-me haver mencionado quão singularmente, embora muito pouco notado, as vagas conjeturas daquele nobre grego tinham tido confirmação com a recente cosmogonia nebulosa, e vi que você não que não erguesse os olhos para a grande nebulosa de Órion, coisa que eu esperava, você não deixaria de fazer. Você olhou, pois, para cima e tinha então a certeza de haver acompanhado estritamente o fio de suas ideias. Naquela crítica ferina que apareceu a respeito de Chantilly, ontem, no Musée, o satirista, fazendo algumas maldosas alusões à mudança de nome do remendão ao calçar coturnos, citou um verso latino, a respeito do qual temos tantas vezes conversado. Refiro-me ao verso: *Perdedit antiquum litera prima sonum*. (a antiga palavra perdeu sua primeira letra N.T.)

Eu havia lhe explicado a você que este verso aludia a Órion, que antigamente se escrevia Urion, e, por causa de certa mordacidade ligada a esta explicação, estava eu certo de que você não poderia tê-la esquecido. Era, portanto, bem claro que você não deixaria de combinar as duas ideias de Órion e Chantilly. Que você as havia combinado vi pela espécie de sorriso que lhe pairou nos lábios. Pensou na imolação do pobre remendão. Até então estivera você a caminhar meio curvado, mas naquele momento você se endireitou, ficando bem espigado, a toda a altura. Certifiquei-me então de que estivera pensando na pequena estatura de Chantilly. Neste ponto, interrompi suas meditações para observar que, como, de fato, era ele um sujeito muito baixo, o tal Chantilly daria melhor para representar no Théâtre des Variétés.

Pouco tempo depois disto, estávamos lendo uma edição vespertina da Gazette des Tribunaux quando os seguintes parágrafos detiveram nossa atenção: CRIMES EXTRAORDINÁRIOS Esta manhã, cerca das três horas, os moradores do bairro de São Roque foram despertados do sono por sucessivos gritos aterradorizadores, provindos, ao que parecia, do quarto andar duma casa da Rua Morgue, da qual eram únicos inquilinos uma tal Sra. L'Espanaye e sua filha, a Srta. Camila L'Espanaye. Depois de certa demora, ocasionada pela infrutífera tentativa de penetrar na casa pela maneira habitual, foi a porta arrombada com um pé-de-cabra, oito ou dez vizinhos entraram, em companhia de dois gendarmes,. A esse tempo, já haviam cessado os gritos, mas, ao subir o grupo o primeiro lanço de escada, ouviram-se duas ou mais vozes, ásperas, em colérica disputa, quais pareciam provir da parte mais alta da casa. Alcançado o segundo andar, também esses sons cessaram e tudo ficou em completo silêncio.

O grupo espalhou-se, a correr quarto por quarto. Ao chegarem a um grande quarto, da parte de trás, no quarto andar (cuja porta foi arrombada, por se achar fechada a chave, por dentro), o espetáculo que se apresentou à vista dos presentes os encheu não só de assombro como de horror. O aposento apresentava a mais selvagem desordem, com a mobília partida e jogada em todas as direções. Havia apenas uma

armação de cama, cujas roupas e colchão tinham sido arrancados e lançados no meio do quarto.

Sobre uma cadeira via-se uma navalha, manchada de sangue. Na chaminé encontravam-se duas ou três longas e espessas mechas de cabelo humano grisalho, também sujas de sangue e parecendo terem sido arrancada pela raiz. Espalhados no chão, quatro napoleões, um brinco de topázio, três grandes colheres de prata, três pequenas, de metal d'Alger, e duas bolsas contendo cerca de quatro mil francos em ouro. As gavetas duma escrivaninha, ao canto, estavam abertas, e tinham sido, ao que parecia, saqueadas, embora ainda contivessem muitos objetos. Um pequeno cofre de ferro foi descoberto debaixo do colchão e não da armação da cama. Estava aberto e com a chave ainda na fechadura. Continha apenas umas poucas cartas velhas e outros papéis de pequena importância.

Não se viam sinais da Sra. L'Espanaye, mas, tendo sido notada uma quantidade insólita de fuligem na estufa, deu-se uma busca na chaminé, e (horrível de contar-se!) dela se retirou o cadáver da filha, de cabeça baixo. Fora ali introduzido, à força, pela estreita abertura, até uma altura considerável. O corpo ainda estava quente. Ao examiná-lo, notaram-se numerosas escoriações, causadas, sem dúvida, pela violência com que fora metido na chaminé e depois dela retirado. O rosto apresentava muitas arranhaduras profundas e na garganta viam-se negras equimoses e fundas marcas de unhas como se a vítima tivesse sido mortalmente estrangulada.

Depois de cuidadosa investigação de todos os aposentos da casa, sem nenhuma outra descoberta, o grupo encaminhou-se para um pequeno pátio calçado que havia atrás da casa, e lá encontrou o cadáver da velha, com a garganta tão cortada que, ao tentar-se levantar o corpo, a cabeça caiu. Tanto o corpo como a cabeça estavam terrivelmente mutilados, sendo que aquele mal conservava qualquer aparência humana. Segundo parece, não se descobriu até agora nenhum indício revelador de tão horrível mistério.

O jornal do dia seguinte trazia estes novos pormenores.

A TRAGÉDIA DA RUA MORGUE Muitas são as pessoas que têm sido interrogadas a respeito deste tão extraordinário e terrível caso, mas nada do que até agora se sabe pode lançar luz sobre ele. Damos abaixo todos os depoimentos prestados à polícia: PAULINA DUBOURG, lavadeira, depõe que conhecia ambas as vítimas há já três anos, tendo lavado para elas durante esse período. A velha e sua filha pareciam viver em boa harmonia, mostrando-se muito afetuosas uma para a outra. Eram boas pagadoras. Nada podia informar a respeito do modo e dos meios de viver delas. Acredita que a Sra. L'Espanaye exercesse a profissão de adivinha, para manter-se Dizia-se que tinha dinheiro guardado. Nunca encontrou qualquer outra pessoa na casa, quando ia buscar roupa para lavar ou entregá-la. Está certa de que elas não tinham empregada. Parece que a casa tinha mobília apenas no quarto andar.

PEDRO MOREAU, vendedor de fumo, depõe que estava habituado a vender pequenas quantidades de fumo e de rapé à Sra. L'Espanaye, havia quase quatro anos. Nasceu nas vizinhanças e sempre residiu ali. A morta e sua filha ocupavam a casa onde os cadáveres foram encontrados há mais de seis anos. Antigamente, lá residira um joalheiro, que sublocava os quartos de cima a várias pessoas. A casa era de propriedade da Sra. L'Espanaye. Descontente com os estragos feitos na casa pelo inquilino, mudou para lá, recusando porém, a alugar qualquer outra parte da casa. A

velha era um tanto caduca. A testemunha vira a filha umas cinco ou seis vezes durante aqueles seis dias. As duas levavam uma vida excessivamente reclusa e dizia-se que tinham dinheiro. Ouvira de alguns vizinhos que a Sra. L'Espanaye tirava sortes mas não acreditava nisso. Nunca viu qualquer outra pessoa entrar na casa, a velha e sua filha, um carregador, uma ou duas vezes, e um médico.

Oito, dez, outros vizinhos depuseram a mesma coisa. Ninguém se referiu a frequentadores da casa. Não se conhece a existência de parentes vivos da Sra. L'Espanaye e de sua filha.

Os postigos das janelas da frente raramente se abriam. Os das de trás estavam sempre fechados, exceto as do grande e sombrio aposento do quarto andar. A casa não era muito velha e estava em boas condições.

ISIDORO MUSET, gendarme, depõe que foi chamado para o caso, cerca das três horas da madrugada, e encontrou umas vinte ou trinta pessoas tentando penetrar na casa. Foi forçada a porta, afinal, com uma baioneta e não com um pé de cabra. Não teve grande dificuldade em abri-la, por ser de duas folhas e não ter ferrolhos nem em cima nem embaixo. Os gritos continuaram até que a porta foi forçada e então cessaram subitamente. Pareciam alarido de uma pessoa, ou de várias pessoas, em grande agonia, gritos altos e prolongados, nem curtos, nem rápidos. A testemunha subiu as escadas. Ao alcançar o primeiro patamar, ouviu duas vozes em forte e colérica alteração, uma delas rouca, a outra mais aguda, bastante estranha aliás. Conseguiu distinguir algumas palavras da primeira, que eram dum francês. Não era positivamente voz de mulher. Pôde ouvir as palavras *sacré* e *diable*. A voz aguda era de um estrangeiro. Não podia garantir fosse voz de homem ou de mulher. Não entendeu o que dizia, mas acha que estavam falando espanhol. O estado do quarto e dos corpos foi descrito pela testemunha tal como o fizemos ontem.

HENRIQUE DUVAL, vizinho, de profissão ourives, depõe que foi um dos que primeiro entrou na casa. Corroborava o testemunho de Muset, em geral. Logo que forçaram a entrada, tornaram a fechar a porta, para impedir que a multidão entrasse, pois se havia juntado bastante gente bem depressa, não obstante a hora matinal. A voz aguda, pensa a testemunha, era de um italiano. Com certeza não era de francês. Não podia afirmar fosse voz de homem. Podia ser de mulher. Não conhece a língua italiana. Não pôde distinguir as palavras mas está convencido, pela entonação, que era um italiano quem falava.

Conhecia a Sra. L'Espanaye e sua filha. Conversava com ambas frequentemente. Tinha certeza de que a voz aguda não era de nenhuma das vítimas.

ODENHEIMER, dono dum restaurante. Esta testemunha apresentou-se espontaneamente para depor. Como não fala francês, foi interrogado por meio interprete. É natural de Amsterdão. Passava diante da casa, quando ouviu os gritos que duraram alguns minutos, uns dez provavelmente. Eram gritos longos e fortes, verdadeiramente terríveis e afluídos.

Foi um dos que entraram na casa. Confirma os depoimentos anteriores, exceto em um ponto. Tinha certeza de que a voz aguda era de um homem e dum francês. Não pôde perceber as palavras pronunciadas. Eram fortes e rápidas, desiguais, parecendo exprimir, ao mesmo tempo, medo e cólera. A voz era áspera, mais áspera que estridente. Não se podia dizer mesmo que fosse aguda. A voz grossa repetiu por diversas vezes: *sacré*, *diable* e uma vez *Mon Dieu*!

JULIO MIGNAUD, banqueiro, da firma Mignaud & Filho, da Rua Deloraine. É o Mignaud pai. A Sra. L'Espanaye possuía algumas propriedades. Havia oito anos abria uma conta em sua casa bancária. Fazia frequentes depósitos de pequenas somas. Nunca retirara quantia alguma, até três dias antes de sua morte, quando, em pessoa, sacou a soma de 4 000 francos. O pagamento foi feito em ouro e o dinheiro levado à casa dela por um empregado do banco.

ADOLFO LE BON, empregado de Mignaud & Filho, depõe que no dia em questão, pela manhã, acompanhou a Sra. L'Espanaye à sua casa, levando a quantia de 4000 francos em duas bolsas. Quando a porta se abriu, apareceu a Srta. L'Espanaye, que tomou de suas mãos uma das bolsas, enquanto a velha o aliviava da outra. Cumprimentou então e retirou-se. Não viu pessoa alguma na rua naquela ocasião. É uma travessa muito solitária.

GUILHERME BIRD, alfaiate, depõe que fazia parte do grupo que entrou na casa. É inglês.

Reside em Paris há dois anos. Foi dos primeiros a subir as escadas. Ouviu as vozes que discutiam. A voz grossa era dum francês. Pode perceber algumas palavras, mas não consegue lembrar-se de todas. Ouvi nitidamente sacré e Mon Dieu. Parecia no momento haver o barulho de pessoas lutando, barulho de peleja e de coisas quebradas. A voz aguda era bastante forte, mais alta do que a voz grossa, Tem certeza que não era voz de inglês.

Parecia ser de alemão. Talvez fosse voz de mulher. Não compreende o alemão.

Quatro das testemunhas acima mencionadas, tendo sido novamente rogadas, depuseram que a porta do quarto em que foi encontrado o corpo da Srta. L'Espanaye estava fechada por dentro quando o grupo chegou. Estava tudo em completo silêncio, não se ouvindo gemidos, nem ruídos de qualquer espécie. Ao ser forçada a porta, não se viu ninguém. As janelas, tanto as da frente como as de trás do quarto, estavam descidas, e firmemente aferrolhadas por dentro. Uma porta, entre os dois quartos, estava fechada, mas não aferrolhada. A porta que dava passagem do quarto para o corredor estava fechada, com a chave por dentro. Um quartinho, na frente da casa, no quarto andar, na extremidade do corredor, tinha a porta aberta, de par em par. Esse compartimento estava cheio de camas velhas, caixas e coisas semelhantes. Foram cuidadosamente removidas e rebuscadas, Não ficou uma polegada da casa que não tivesse sido rigorosamente examinada. As chaminés foram limpas, abaixo e acima. A casa tem quatro andares, com mansardas. No teto, um alçapão estava pregado com toda a firmeza, parecendo não ter sido aberto há anos. O tempo decorrido entre o rumor das vozes em disputa e o arrombamento da porta do quarto foi diversamente afirmado pelas testemunhas. Algumas dizem que foi de três minutos. Outros afirmam terem sido cinco. Abriu-se a porta com dificuldade.

AFONSO GARCIA, agente de funerais, depõe que reside na Rua Morgue. É natural da Espanha. Foi um dos que entraram na casa. Não subiu as escadas. É nervoso e estava apreensivo com as consequências da agitação. Ouviu as vozes que altercavam. A voz grossa era de um francês. Não pôde distinguir o que se dizia. A voz aguda era de um inglês, tem certeza disto. Não compreende a língua inglesa, mas julga pela entonação.

ABERTO MONTANI, confeitoiro, depõe que se achava entre os primeiros que subiram as escadas. Ouviu as vozes que questionavam. A voz grossa de um francês.

Percebeu várias palavras. Quem falava parecia estar repreendendo. Não entendeu as palavras pronunciadas pela voz aguda. Falava depressa e irregularmente. Acha que era uma voz de russo. Confirma os testemunhos dos outros. É italiano. Nunca conversou com um russo.

Várias das testemunhas, ao serem reinterrogadas, afirmam que as chaminés de todos os aposentos do quarto andar são demasiado estreitas para deixar passar um ser humano.

As chaminés foram limpas com vassouras cilíndricas semelhantes às usadas pelos limpadores de chaminés. Essas vassouras foram passadas de cima a baixo, em todos os canos da casa. Não há nenhuma passagem atrás por onde alguém pudesse ter descido enquanto os vizinhos subiam as escadas. O corpo da Srta. L'Espanaye estava tão firmemente comprimido dentro da chaminé que só pôde ser retirado graças aos esforços unidos de quatro ou cinco do grupo.

PAULO DUMAS, médico, depõe que foi chamado para ver Os cadáveres ao amanhecer.

Jaziam ambos então sobre o exergão, no quarto onde foi encontrada a Srta. L'Espanaye.

O cadáver da moça estava bastante machucado e escoriado. Para explicar este aspecto bastava o fato de ter sido metido à força chaminé adentro. A garganta estava grandemente esfolada. Havia numerosas arranhaduras profundas justamente por baixo do queixo, bem como uma série de manchas lívidas, produzidas evidentemente pela pressão de dedos. O rosto estava horrivelmente exangue e os olhos saltados. A língua havia sido parcialmente cortada. Descobriu-se uma grande equimose na boca do estômago, produzida, ao que parece, pela pressão dum joelho. Na opinião do Dr. Dumas, a Srta. L'Espanaye foi estrangulada por uma ou várias pessoas desconhecidas.

O cadáver da mãe estava horrivelmente mutilado. Todos os ossos da perna direita e do braço estavam quase esmigalhados. A tíbia esquerda, bastante lascada, bem como todas as costelas do lado esquerdo. Todo o corpo mortalmente machucado e arroxeadado. Não era possível dizer como haviam sido infligidas aquelas lesões. Uma pesada clave de madeira, ou uma larga barra de ferro, uma cadeira, qualquer arma larga, pesada e obtusa poderiam ter produzido tais resultados, se manejadas pelas mãos dum homem excepcionalmente forte. Com tal arma, nenhuma mulher poderia dar golpes semelhantes.

A cabeça da vítima, quando vista pela testemunha, estava inteiramente separada do corpo e também grandemente esfacelada. A garganta fora evidentemente cortada com algum instrumento bastante afiado, provavelmente uma navalha.

ALEXANDRE ETIENNE, cirurgião, foi chamado pelo Dr. Dumas para examinar os corpos.

Confirma o testemunho e as opiniões do Dr. Dumas. Nada mais de importância foi elucidado, embora muitas outras pessoas tenham sido interrogadas. Jamais fora cometido em Paris crime tão misterioso e apavorante em todos os seus pormenores, se é que se trata mesmo dum crime. A polícia se acha inteiramente às cegas, fato insólito em casos dessa natureza. Não há, portanto, nem sombra dum indício aparente.

A edição vespertina do jornal informava que reinava ainda a maior excitação no bairro de S. Roque, que a casa em questão fora novamente rebuscada, com todo o

cuidado, haviam-se feito novos interrogatórios das testemunhas, mas tudo sem resultado. Uma nota de última hora, porém, mencionava que Adolfo Le Bon tinha sido detido e preso, embora nada parecesse incriminá-lo, além dos fatos já pormenorizados.

Dupin parecia mostrar-se excepcionalmente interessado pelo curso do processo; pelo menos assim deduzia eu de seus modos, pois nenhum comentário fazia. Foi somente depois da notícia da prisão de Le Bon que ele perguntou qual a minha opinião a respeito dos crimes. Apenas pude concordar com toda Paris, que os considerava um mistério insolúvel. Não via eu quais os meios possíveis para descobrir uma pista do criminoso.

- Não devemos julgar os meios - disse Dupin - por esse arcabouço de interrogatório. A polícia de Paris, tão enaltecida pela sagacidade, é apenas astuta e nada mais. Não há método em seus processos, além do método do momento. Faz vasta exibição de medidas, mas, não raras vezes, estas se adaptam tão mal aos objetivos propostos, que nos vem à memória M. Jourdain pedindo sa robe de chambre... pour mieux entendre la musique.(seu roupão...para melhor entender a música N.T.) Os resultados a que chegam são surpreendentes, em geral, mas, na maior parte, são devido a simples diligência e atividade. Quando estas qualidades são inúteis seus planos falham. Vidocq, por exemplo, era bem perspicaz e perseverante. Mas sem intelecto educado, equivocava-se continuamente, pela intensidade mesma de suas investigações. Enfraquecia sua visão, por aproximar demasiado o objeto. Podia ver, talvez, um ou dois pontos com uma clareza maravilhosa, mas, ao assim fazer, perdia necessariamente de vista o caso em seu conjunto total.

- Tal é o que acontece quando se é demasiado profundo. A verdade não está sempre dentro dum poço. Acredito mesmo, no que concerne aos conhecimentos mais importantes, que ela se encontra invariavelmente à superfície. A profundidade jaz nos vales onde a buscamos, e não no alto das montanhas onde é encontrada. As formas e origens dessa espécie de erro tipificam-se bem na contemplação dos corpos celestes.

Lançar um olhar rápido para uma estrela, olhá-la obliquamente, voltando para ela as partes exteriores da retina mais suscetíveis às impressões de luz que as interiores, é contemplar a estrela nitidamente, é apreciar perfeitamente o seu brilho, que se vai esmaecendo, justamente, na proporção em que dirigimos nossa visão em cheio sobre ela.

Neste último caso, maior número de raios luminosos incidem sobre o olho, mas no primeiro há uma capacidade mais refinada de compreensão. Graças a uma profundidade indevida confundimos e enfraquecemos o pensamento e é mesmo possível fazer Vênus esvanecer-se no firmamento com um exame demasiado prolongado, demasiado concentrado ou demasiado direto.

- Quanto a estes crimes, examinemo-los nós mesmos, antes de formular uma opinião a seu respeito. Uma investigação nos servirá de entretenimento (achei este termo, assim aplicado, um tanto estranho, mas nada disse) e, além disso, Le Bon certa vez me prestou um obséquio, pelo que lhe sou grato. Iremos ver o local dos crimes com nossos próprios olhos. Conheço G***, o chefe de polícia não teremos dificuldade em obter a necessária permissão.

A permissão foi concedida e seguimos imediatamente para a R. Morgue. É ela uma dessas miseráveis travessas que ligam a Rua Richelieu à Rua São Roque. Foi à

tardinha que lá chegamos, pois o bairro fica a distância bem grande daquele em que residíamos.

Descobrimos a casa, pois ainda havia muita gente a mirar-lhe os postigos fechados, numa curiosidade inútil, da calçada fronteira. Era uma casa parisiense comum, com um saguão, tendo a um lado nicho envidraçado, com uma janelinha corrediça, indicando o cubículo do porteiro. Antes de entrar, andamos pela rua, demos volta por uma passagem, e depois, dando outra volta, passamos por trás do edifício. Enquanto isso, ia Dupin examinando toda a vizinhança, bem como a casa, com minudentíssima atenção, para a qual não encontrava eu possível objetivo.

Apreiando caminho, voltamos de novo à frente da casa, tocamos a campainha e, tendo exibido nossas credenciais, deram-nos entrada os policiais lá de guarda. Subimos as escadas e entramos no quarto onde fora encontrado o cadáver da Srta. L'Espanaye e onde jaziam ainda ambas as mortas. A desordem existente no quarto havia sido conservada, como de costume em tais casos. Nada descobri, além do que havia sido descrito na Gazette des Tribunaux. Dupin examinou minuciosamente tudo sem excetuar os corpos das vítimas. Depois passamos ao outro quarto e ao pátio. Um gendarme acompanhava todos os nossos passos. O exame nos teve ocupados até o escurecer, quando regressamos. De volta para casa, meu companheiro se deteve um instante na redação de um dos jornais.

Já tive ocasião de dizer que os caprichos de meu amigo eram múltiplos e que eu "Os respeitava". Deu-lhe na veneta evitar qualquer conversa a respeito do crime até quase o meio-dia do dia seguinte. Então me perguntou, de súbito, se eu havia observado qualquer coisa de peculiar no teatro do crime.

Havia algo na sua maneira de acentuar a palavra peculiar que me fez estremecer, sem saber por quê.

- Não, nada de peculiar - disse eu -, nada mais afinal do que vimos descrito no jornal.

- A Gazette - replicou ele -, ao que me parece, não penetrou em todo o horror insólito do crime. Mas ponhamos de parte opiniões ociosas desse jornal. Parece-me que este mistério é considerado insolúvel pela razão mesma que o torna mais fácil de resolver quero dizer, pelo caráter excessivo de seus aspectos. A polícia parece estar confusa, diante da aparente ausência de motivo, não pelo próprio assassinio, mas pela atrocidade do assassinio. Perturba-a também a aparente impossibilidade de conciliar o fato das vozes ouvidas a discutir com o fato de não se ter encontrado, lá em cima, a não ser o cadáver da Srta. L'Espanaye e de não haver meios de saírem do quarto os assassinos sem serem vistos pelas pessoas que subiam escadas. A selvagem desordem do quarto, o cadáver metido, de cabeça para baixo, dentro da chaminé, a terrífica mutilação do cadáver da velha, todas estas considerações, como as que acabo de mencionar e outras que não preciso citar, bastaram para paralisar as faculdades e desorientar por completo a tão gabada perspicácia dos agentes do Governo. Caíram no erro comum, mas grosseiro, de confundir o insólito com o abstruso. Mas é por esses desvios do plano com que a razão tateia seu caminho, se é que existe, na procura da verdade. Em investigações como a que nos ocupa agora o que importa não é perguntar: "que se passou?", mas "que se passou que já não se tenha passado antes?". De fato, a facilidade com que eu chegarei, ou já cheguei, à solução deste mistério está na razão direta de sua aparente insolubilidade aos olhos da Polícia.

Contemplei meu interlocutor, emudecido de espanto.

- Estou agora à espera - continuou ele, olhando para a porta de nosso apartamento -, estou agora à espera de uma pessoa que embora não seja a autora daquela carnificina, deve estar implicada de certo modo, na sua perpetração. É provável que esteja inocente da parte pior dos crimes cometidos. Espero estar certo nesta minha suposição, pois é sobre ela que baseio minha expectativa de decifrar por completo o enigma. Espero o homem aqui... neste quarto... a qualquer momento. É verdade que ele pode não vir, mas há probabilidades de que o faça. Se vier, será preciso detê-lo. Aqui estão estas pistolas.

Ambos saberemos como utilizá-las quando as circunstâncias o exigirem.

Tomei as pistolas, mal sabendo o que fazia, ou mal acreditando no que ouvia, enquanto Dupin continuava a falar, numa espécie monólogo.

Já me referi a seus modos abstratos em semelhantes ocasiões. Dirigia-se a mim, mas sua voz, embora sem ser forte, tinha aquela entonação comumente empregada para falar a alguém que se acha a grande distância. Seus olhos, de expressão vaga, fitavam somente a parede.

- Ficou plenamente provado - disse ele - no processo, que as vozes que altercavam não eram as das duas mulheres. Isto nos liberta de qualquer dúvida a respeito da questão de saber se a velha poderia ter antes matado a filha e depois resolvido suicidar-se. Se me refiro a este ponto é apenas para agir com método, pois a força da Sra. L'Espanaye teria sido insuficiente para a tarefa de meter o cadáver da filha chaminé adentro, tal como foi encontrado; e a natureza dos ferimentos em sua própria pessoa exclui por completo a ideia do suicídio. O crime, portanto, foi cometido por terceiros, cujas vozes foram ouvidas a discutir. Permita-me, agora, que lhe faça notar não todos os testemunhos referentes a estas vozes, mas o que havia de peculiar nesses testemunhos. Observou qualquer coisa de característico neles?

Observei que, enquanto todas as testemunhas concordavam em atribuir a um francês a voz grossa, discordavam bastante a respeito da voz aguda, ou, como disse uma delas, a voz áspera.

- Isto é o próprio testemunho - disse Dupin - mas não a característica do testemunho.

Você nada observou de particular. Contudo havia algo a observar-se. As testemunhas, como nota você, concordam a respeito da voz grossa. Foram nisso unânimes. Mas a respeito da voz estridente, a particularidade é não a de terem discordado, mas a de terem-na atribuído, todos aqueles que a tentaram descrever, a um italiano, um inglês, um espanhol, um holandês e um francês, a um estrangeiro. Cada um deles está certo de que não era a voz de um conterrâneo. Cada um a compara com a voz dum indivíduo que se expressa numa língua desconhecida. O francês supõe que é a voz dum espanhol e "poderia ter entendido algumas palavras, se soubesse espanhol". O holandês sustenta que a voz era de um francês, mas está provado que "como não fala francês esta testemunha foi interrogada por meio dum intérprete". O inglês pensa que a voz era dum alemão e "não compreende o alemão". O espanhol "tem certeza" que a voz era dum inglês, mas "julga pela entonação" tão somente, pois "não compreende a língua inglesa". O italiano acredita que a voz é dum russo, mas "nunca conversou com um russo". Um outro francês discorda, porém, do primeiro e positiva que a voz era dum italiano, mas "não conhece a língua

italiana", e como o espanhol, "está convencido pela entonação".

- Pois bem, bastante estranha deve ter sido essa voz para produzir testemunhas tão dessemelhantes, uma voz em cujas entonações representantes das cinco grandes potências da Europa não puderam reconhecer nada que lhes fosse familiar! Você poderá dizer que talvez tenha sido a de um asiático, ou a de um africano. Mas estes não são numerosos em Paris. Sem negar, porém, esta possibilidade, chamarei, agora, simplesmente sua atenção para três pontos. Uma das testemunhas diz que a voz era "mais áspera que estridente". Duas outras dizem que ela era "rápida e desigual".

Nenhuma palavra, nenhum som que se assemelhasse a uma palavra foi enunciado pelas testemunhas, como inteligível.

- Não sei - continuou Dupin - que impressão pude até aqui causar na sua mente, mas não hesito em dizer que as exatas deduções que decorrem desta parte dos depoimentos, a que diz respeito às vozes grossas e estridentes, são por si mesmas suficientes para engendrar uma suspeita que poderá encaminhar todo o curso ulterior da investigação do mistério. Digo "deduções exatas", mas meu pensamento não está plenamente expresso.

Quero dar a entender que as deduções são as únicas aceitáveis e que a suspeita surge inevitavelmente delas como o único resultado possível. Qual seja essa suspeita, porém, não o direi ainda. Desejo apenas que você concorde comigo que ela foi suficientemente forte para dar uma forma definida, uma tendência positiva às investigações a que procedi no quarto.

- Transportemo-nos, em imaginação, àquele quarto. Que procuraremos em primeiro lugar? Os meios de evasão utilizados pelos assassinos. Não é demais dizer que nenhum de nós dois acredite em fatos sobrenaturais. A Sra. e a Srta. L'Espanaye não foram mortas por espíritos. Os autores da façanha eram seres materiais e escaparam materialmente. Mas como? Felizmente, só há uma maneira de raciocinar a respeito deste ponto, e esta maneira deve conduzir-nos a uma decisão definitiva. Examinemos, um a um, os possíveis meios de evasão.

- É claro que os assassinos se achavam no quarto onde foi encontrada a Srta.

L'Espanaye, ou, pelo menos, no quarto contíguo, quando as testemunhas subiram as escadas. Portanto, é somente naqueles dois aposentos que temos de procurar as saídas. A polícia arrancou os soalhos, revistou o forro e o reboco das paredes, em todos os sentidos.

Nenhuma saída secreta podia ter escapado a essa busca. Mas não acreditando nos olhos dela, examinei com os meus próprio. Não havia, de fato, nenhuma saída secreta. Ambas as portas que davam dos quartos para o corredor estavam solidamente fechada, com as chaves por dentro.

- Voltemos às chaminés. Estas, embora de largura comum, até uns dois metros e meio a três acima da lareira não dão passagem, em toda a sua extensão, ao corpo dum gato grande. A impossibilidade de fuga pelas saídas já indicadas sendo dessa forma absoluta, só nos restam as janelas. Pelas do quarto da frente ninguém poderia ter passado sem ser visto pela multidão que estacionava na rua. Os assassinos devem ter passado, pois, pelas do quarto de trás. Ora, chegados a esta conclusão da maneira inequívoca por que fizemos, não nos cabe, como raciocinadores, rejeitá-la por causa de aparentes impossibilidades. Só nos resta provar que estas aparentes "impossibilidades" não são realmente "impossíveis".

- Há duas janelas no quarto. Diante de uma delas não há móveis que a obstruam e está plenamente visível. A parte inferior da outra está oculta pela cabeceira da pesada armação de cama que se acha encostada à parede. Achou-se a primeira janela solidamente fechada por dentro. Resistiu aos maiores esforços dos que tentaram erguê-la.

À esquerda de seu caixilho, haviam furado um grande buraco com verruma e nele meteram um grosso prego, quase até a cabeça. Examinando-se a outra janela, encontrou-se prego igual e de igual maneira enfiado. Não teve êxito tampouco a vigorosa tentativa de levantar esse caixilho. A polícia estava, pois, inteiramente certa de que a evasão não se dera naquela direção. E, em consequência, achou que era desnecessário retirar os pregos e abrir as janelas. Meu exame foi um tanto mais minucioso e isto pela razão que já expus, isto é, porque sabia que era ali que se devia provar que todas as aparentes impossibilidades não eram realmente "impossíveis".

- Continuei a raciocinar assim a posteriori. Os assassinos escaparam por uma daquelas janelas. Assim sendo, não poderiam ter fechado por dentro os caixilhos tal como foram encontrados, consideração que pôs ponto, pela sua evidência, à investigação da polícia nesse sentido. Contudo os caixilhos estavam trancados. Deviam, pois, poder fechar-se por si mesmos. Não havia fugir a esta conclusão. Dirigi-me à janela desimpedida, com alguma dificuldade retirei o prego e tentei levantar o caixilho. Resistiu a todos os meus esforços, como já esperava. Tinha agora a certeza de que havia uma mola oculta e a comprovação de minhas deduções me convenceu de que minhas premissas eram pelo menos corretas, por misteriosas que me parecessem ainda as circunstâncias relativas aos pregos. Uma busca cuidadosa logo revelou a mola oculta. Premi-a e, satisfeito com a descoberta, absteve-me de levantar o caixilho.

- Tornei a colocar o prego no lugar e observei-o atentamente. Uma pessoa, passando por aquela janela, podia tê-la fechado e a mola teria entrado em ação. Mas o prego não poderia ter sido repostado. A conclusão era clara e mais uma vez limitava o campo de minhas investigações. Os assassinos deviam ter escapado pela outra janela. Supondo, pois, que fossem as mesmas as molas de cada caixilho, como era provável, deveria encontrar-se uma diferença entre os pregos, ou, pelo menos, na maneira pela qual estavam fixos. Subindo ao enxergão da cama, examinei atentamente a segunda janela.

Passando a mão por trás da cabeceira, logo encontrei e calquei a mola, que era, como eu tinha suposto, idêntica à outra. Examinei depois o prego. Era tão grosso como o outro e parecia estar fixo da mesma maneira, enfiado quase até a cabeça.

- Você há de dizer que fiquei embaraçado, mas se pensa assim é porque não entendeu a natureza das deduções. Para usar uma frase esportiva, não estivera nem uma vez "em falta". O faro nem por um instante se perdera. Não havia falha em um elo sequer da cadeia. Tinha rastreado o segredo até seu derradeiro resultado... e este resultado era o prego. Tinha ele, como disse, sob todos os aspectos, a mesma aparência de seu companheiro da outra janela. Mas este fato era uma absoluta nulidade (por mais concludente que parecesse ser), quando comparado com a consideração de que ali, naquele ponto, terminava o fio condutor. "Deveria haver algum defeito naquele prego", disse comigo mesmo. Peguei-o e a cabeça, com cerca de um quarto de polegada da espiga, ficou-me nos dedos. O resto da espiga estava no

buraco feito com verruma onde se havia quebrado. A fratura era velha (pois suas extremidades mostravam-se incrustadas de ferrugem) e parecia ter sido causada por um golpe de martelo, que introduziu parte da cabeça, do prego no alto da beira do caixilho. Voltei a colocar, então, com todo o cuidado, a parte da cabeça a orifício donde a havia retirado e sua semelhança com um prego perfeito era completa, pois não se via a fratura. Apertando a mola, levantei levemente o caixilho algumas polegadas; a cabeça do prego subiu com o caixilho, permanecendo fixa no seu lugar. Fechei a janela e a semelhança com um prego completo tornou-se de novo total.

- Este enigma estava até aqui resolvido. O assassino escapara pela janela que se abria sobre a cama. Quer aquela se tivesse fechado por si mesma, após a saída dele (ou talvez fechada de propósito,) havia ficado segura pela mola. E foi a retenção desta mola que a polícia tomara, por engano, como sendo a do prego, considerando dessa forma desnecessária qualquer investigação ulterior.

- A questão seguinte é saber como o assassino conseguiu descer. Neste ponto, deime por satisfeito com o passeio dado com você; em torno do edifício. A pouco mais de metro e meio da janela em questão, corre um condutor de pára-raios. Era impossível que alguém pudesse, daquele condutor, alcançar a janela, nem tampouco nela entrar. Observei, porém, que os postigos do quarto andar eram daquele feito especial que os carpinteiros parisienses chamam ferrades, tipo raramente empregado nos nossos dias, mas visto com frequência nas casas bem velhas de Lião e Bordéus. Têm o formato duma porta comum (porta simples e não de duas bandeiras mas a metade inferior é gradeada, ou trabalhada em forma de gelosia, permitindo assim excelente ponto de pega para as mão No caso presente, os tais postigos têm bem um metro e pouco largura. Quando os vimos da retaguarda da casa, estavam ambos semi-abertos, isto é, formavam ângulos retos com a parede. É provável que a polícia, tanto como eu mesmo, tenha examinado a parte de trás da casa, mas se assim fez, ao olhar aquelas ferrades na linha de sua largura (como deve ter feito), não tenha percebido essa grande largura, ou, pelo menos, deixou de tomá-la na devida consideração. De fato, assim convencida de que nenhuma fuga poderia ter-se dado por ali, naturalmente limitou-se a um exame muito superficial.

- Era, porém, evidente para mim que, se o postigo pertencente à janela da cabeceira da cama estivesse escancarado até à parede ficaria a cerca de sessenta centímetros do condutor do pára-raio Era também evidente que, por meio dum grau insólito de atividade e de coragem, poder-se-ia, com ajuda do condutor, efetuar a entrada pela janela. Chegado a esta distância de quarenta e cinco centímetros (estamos supondo o postigo completamente aberto), um ladrão poderia agarrar-se firmemente às grades. Largando depois o condutor, colocando os pés firmemente contra a parede e lançando-se vivamente, poderia ter feito girar o postigo, fechando-o, e, se imaginarmos a janela aberta no momento, poderia mesmo ter-se atirado dentro do quarto.

- Desejo que tenha bem em conta na mente que me referi a um grau bem insólito de atividade como requisito para o êxito de proeza tão audaciosa e tão difícil. É minha intenção mostrar-lhe, primeiro, que a coisa podia ter-se efetivamente realizado e em segundo lugar, e principalmente, quero gravar-lhe no espírito o caráter extraordinaríssimo, quase sobrenatural mesmo, da agilidade necessária para executá-la.

- Você dirá, decerto, usando a linguagem da lei, que "para esclarecer o caso" eu deveria antes dar menos valor que insistir na exata estimativa da energia exigida no caso. Talvez seja esta a praxe legal, mas não é a que segue a razão. Meu objetivo último é apenas a verdade. Meu propósito imediato é levar você a justapor essa bastante insólita energia de que acabo justamente de falar aquela voz bastante característica, estridente (ou áspera) e irregular, a respeito de cuja nacionalidade nem duas pessoas se encontram de acordo, e em cuja pronúncia não se conseguiu perceber e palavra articulada.

A estas palavras se formou na minha mente uma ideia vaga e semi informe do que queria Dupin dar a entender. Pareceu-me à borda da compreensão, sem poder, no entanto, compreender como se encontram, às vezes, os homens à beira da lembrança, sem que consigam afinal recordar. Meu amigo continuou a argumentar: - Você está vendo que passei da questão do modo de saída para o modo de entrada. Era minha intenção sugerir a ideia de que ambas foram realizadas da mesma maneira e pelo mesmo lugar.

Voltemos agora ao interior do quarto. Examinemos todas as particularidades ali. Segundo disseram, as gavetas da cômoda foram saqueadas, embora muitas peças de roupa ainda permanecessem dentro delas. A conclusão aqui é absurda.

É uma simples conjectura, muito tola aliás, e só isto. Como haveremos de saber que as peças encontradas nas gavetas não eram todas as que se continham antes nas gavetas? A Sra. L'Espanaye e sua filha viviam uma vida excessivamente retirada, não recebiam visitas, raramente saíam, não precisando, portanto, de mudar muitas vezes de roupa. As que foram encontradas eram pelo menos de tão boa qualidade como quaisquer outras que aquelas senhoras provavelmente possuíam. Se um ladrão tivesse tirado algumas, por que não levou as melhores, por que não levou todas? Numa palavra: por que abandonou ele quatro mil francos em ouro, para embargar-se com uma trouxa de roupa? O dinheiro foi abandonado. Quase toda a soma mencionada pelo Sr. Mignaud, o banqueiro, foi descoberta em bolsas jogadas no chão. Faço, pois, empenho de afastar de seu pensamento a disparatada ideia do "interesse", engendrada nos miolos da polícia, por aquela parte dos depoimentos que fala do dinheiro entregue à porta da casa.

Coincidências dez vezes tão notáveis como esta a entrega de dinheiro e o crime cometido dentro de três dias, após seu recebimento) acontecem a todos nós a qualquer hora de nossas vidas, sem mesmo atrair uma momentânea atenção. As coincidências, em geral, são obstáculos no caminho daquela classe de pensadores que têm sido educados no desconhecimento da teoria das probabilidades, essa teoria com a qual estão em dívida os mais gloriosos resultados da pesquisa humana, para maior glória do saber. No presente caso, se o dinheiro tivesse sido levado, o fato de sua entrega três dias antes teria formado algo mais do que uma coincidência. Viria corroborar a ideia do interesse. Mas, nas circunstâncias reais do caso, se tivermos de supor que o ouro foi o móvel do ataque, devemos também imaginar que esse assassino não passa dum maluco indeciso, que abando ao mesmo tempo seu ouro e seu interesse.

- Mantenha agora alerta no espírito os pontos para os quais lhe chamei a atenção: aquela voz característica, aquela agilidade incomum e aquela ausência surpreendente de motivo em um crime tão singularmente atroz como este, e passemos a analisar a própria carnificina. Eis uma mulher morta, estrangulada por força manual e metida

numa chaminé de cabeça para baixo. Assassinos comuns não empregam semelhantes processos de homicídio. Ainda menos dispõem dessa forma do assassinado. Nesta maneira de meter o cadáver chaminé adentro, há de você convir que houve algo de excessivamente exagerado algo totalmente irreconciliável com nossas noções habituais de ação humana, mesmo quando supomos seus atores os mais depravados dos homens. Pense também quão grande há de ter sido aquela força que pôde enfiar o cadáver para dentro numa abertura de modo tão potente que as forças unidas de muitas pessoas quase não foram suficientes para retirá-lo para baixo!

- Voltemos agora a outros indícios do emprego de tão espantosa força. Na lareira foram encontradas espessas mechas de cabelo bastante espessas mesmo, de cabelo grisalho.

Tinham sido arrancados pelas raízes. Sabe bem você que grande força é necessária para arrancar, dessa forma, da cabeça, mesmo apenas vinte trinta cabelos juntos. Você viu as mechas em questão tão bem quanto eu. Suas raízes (horrendo espetáculo!) mostravam, aderidos fragmentos da carne do couro cabeludo, certamente arrancados em prodigiosa força que se empenhou em desarraigar talvez meio milhão de cabelos numa vez. A garganta da velha foi não simplesmente cortada, mas a cabeça totalmente separada do corpo; o instrumento utilizado foi uma simples navalha. Desejo que repare também na brutal ferocidade dessas façanhas. Não falarei das equimoses do corpo da Sra. L'Espanaye. O Dr. Dumas e seu digno auxiliar o Sr. Etienne, declararam que elas foram produzidas por algum instrumento contundente e até aqui estes cavalheiros estão bem certos. O instrumento contundente foi claramente a pedra de calçamento do pátio sobre a qual a vítima caíra da janela que abria sobre a cama. Esta ideia, por mais simples que possa agora parecer escapou à polícia, pela mesma razão por que escapou a largura do postigos, por isso que, graças à circunstância dos pregos, sua percepção se fechou hermeticamente, contra a possibilidade de terem alguma vez abertas as janelas.

- Se agora, em adendo a todas estas coisas, tiver você devidamente refletido na estranha desordem do quarto, teremos chegado a um ponto tal que se podem combinar as ideias numa agilidade espantosa, de uma força sobre-humana, de uma ferocidade brutal, de uma carnificina sem motivo, dum horrível grotesco, absolutamente extra-humano, e numa voz de tom estranho aos ouvidos de homens de muitas nações e privada de qualquer enunciação distinta e inteligível.

- Que resulta então de tudo isso? Qual a impressão que lhe causei à imaginação?

Senti um arrepio na carne quando Dupin me fez a pergunta.

- Foi um louco - disse eu - o autor dessa proeza...algum maníaco furioso, escapado numa vizinha casa de saúde.

- Sob alguns aspectos - replicou ele - a sua ideia não é despropositada. Mas as vozes dos loucos, mesmo nos seus mais ferozes paroxismos, nunca se enquadram com aquela voz característica ouvida nas escadas. Os loucos pertencem a alguma nação, e têm sua língua, e, embora incoerentes nas suas palavras, têm sempre a coerência da pronúncia das palavras. Além disso, o cabelo dum louco não é igual ao que agora tenho nas mãos. Desembaracei este pequeno tufo de cabelos dos dedos rigidamente cerrados da Sra. L'Espanaye. Diga-me, que pensa disto?

- Dupin! - disse eu, completamente transtornado. - Este cabelo é o mais extraordinário possível, não é cabelo humano.

- Não afirmei que fosse - disse ele. - Mas, antes de decidirmos este ponto, quero que você lance um olhar para este pequeno esboço que tracei aqui neste papel. É um desenho fac-similado daquilo que foi descrito, em certo trecho do processo, como "negras equimoses e fundas marcas de unhas" na garganta da Srta. L'Espanaye, e em outro (pelos Srs. Dumas e Etienne) como uma "série de manchas lívidas, produzidas evidentemente pela pressão de dedos".

- Você perceberá - continuou meu amigo, desenrolando o papel a mesa diante de nós - que este desenho dá a ideia dum punho firme e seguro. Não há sinais de que os dedos tenham escorregado. Cada dedo manteve - possivelmente até a morte da vítima - o terrível arrocho primitivo, moldando-se na carne. Procure, agora, colocar todos os seus dedos, ao mesmo tempo, nas respectivas marcas que está vendo.

Minha tentativa não deu resultado.

- É possível que não estejamos fazendo a experiência bem direito - disse ele. - O papel está estendido numa superfície plana, mas a garganta humana é cilíndrica. Aqui está um rolo de pau cuja circunferência é quase a duma garganta. Enrole o desenho nele e tente a experiência de novo.

Fiz o que ele disse, mas a dificuldade foi mesmo mais evidente do que antes.

- Isto - disse eu - não é marca de mão humana.

- Leia agora - replicou Dupin - esta passagem de Cuvier. Era uma história anatômica, minuciosa e geralmente descritiva dos grandes orangotangos fulvos das ilhas da Índia Oriental. A estatura gigantesca, a prodigiosa força e atividade, a ferocidade selvagem e as faculdades de imitação desses mamíferos são bem conhecidas de todos. Compreendi imediatamente todo o horror do crime.

- A descrição dos dedos - disse eu, ao terminar a leitura - concorda exatamente com seu desenho. Vejo que nenhum animal, a não ser um orangotango da espécie aqui mencionada, poderia ter deixado marcas semelhantes às que você traçou. Este tufo de cabelos fulvos é também idêntico ao do animal de Cuvier. Mas não me é possível compreender as particularidades desse espantoso mistério. Além disso, foram ouvidas duas vozes que discutiam, e um delas era inquestionavelmente a dum francês.

- É verdade e você há de lembrar-se de uma expressão, atribuída quase unanimemente, no processo, a essa voz; a expressão *Mon Dieu!* Estas palavras, nas circunstâncias presentes, foram justamente caracterizadas por uma das testemunhas (Montani, o confeitiro) como uma expressão de repressão ou advertência. Sobre estas duas palavras, portanto, baseei solidamente minhas esperanças duma plena solução do enigma. Um francês tinha conhecimento do crime. É possível - e na verdade é muito mais que provável que estivesse inocente de qualquer participação nesse caso sangrento ali ocorrido. Pode ser que o orangotango se tenha escapulado de suas mãos. Talvez o tenha acompanhado até o quarto, mas sob as perturbadoras circunstâncias que se seguiram, é bem possível que ainda não o tenha capturado. Está ainda às soltas. Não continuarei com estas conjeturas - pois não tenho direito de dá-lhes outro nome -, visto como as sombras de reflexão que lhe servem de base não têm a suficiente profundidade para serem apreciadas pela minha própria razão, e tanto mais quanto não pretendo torná-las inteligíveis à compreensão de outra inteligência. Chamá-las-emos, pois, de conjeturas, e a elas nos referiremos como tais. Se o francês em questão for, de fato, como eu suponho, inocente dessa atrocidade, este anúncio que na noite passada, quando voltávamos para casa, deixei na redação de *Le Monde* (jornal

dedicado a interesses marítimos e bastante procurado pelos marinheiros trá-lo-á até nossa casa. Entregou-me um jornal, onde li: AGARRADO No Bosque de Bolonha, ao amanhecer do dia... do corrente (a manhã do crime), achou-se um enorme orangotango fulvo da espécie de Bornéus. O proprietário (que se sabe ser um marinheiro pertencente a um navio maltês) pode reaver o animal de novo se apresentar identidade satisfatória e pagar algumas despesas pela captura e conservação. Procurar no n.º. da Rua... Bairro de São Germano... terceiro andar.

- Como é possível - perguntei - saber você que o homem é um marinheiro e pertence a um navio maltês?

- Não sei - disse Dupin. - Não tenho certeza disso. Aqui está todavia, um pedacinho de fita, que, pela sua forma e seu aspecto gorduroso, foi evidentemente usada para atar o cabelo de uma dessas caudas de que tanto se orgulham os marinheiros. Além disso este nó é daqueles que poucas pessoas, a não serem marinheiros, podem dar e é característico dos malteses. Apanhei a fita ao pé do condutor do pára-raios. Não podia ter pertencido a nenhuma das mortas.

Ora, se depois de tudo eu me tiver enganado em minhas deduções desta fita, isto é, que o francês era um marinheiro pertencente a um navio maltês, nenhum dano causei dizendo o que disse no anúncio. Se estiver certo, teremos ganho um grande ponto. Sabendo-se embora inocente do crime, o francês naturalmente hesitará em responder ao anúncio e reclamar o orangotango. Raciocinará desta forma: "Estou inocente. Sou pobre. Meu orangotango vale muito. Para alguém na minha situação e uma verdadeira fortuna. Por que hei de perdê-lo por causa de tolas apreensões de perigo? Ele está aqui, ao meu alcance. Foi encontrado no Bosque de Bolonha, a bem grande distância do teatro daquela carnificina. Como se poderá suspeitar que um animal feroz tenha sido o autor do fato? A polícia anda às cegas. Não conseguiu encontrar o menor indício. Ainda mesmo que descobrisse a pista do animal, seria impossível provar que eu tenho conhecimento do crime, ou inculpar-me por causa desse conhecimento. E acima de tudo, lá sou conhecido. O anunciante me designa como possuidor do animal. Não tenho certeza até onde pode chegar o limite de meu conhecimento. Se desistir de reclamar uma propriedade de tão grande valor, atrairei, afinal, suspeitas sobre o bicho. Não seria de boa política atrair a atenção nem sobre mim nem sobre o animal. Responderei ao anúncio, reaverei o orangotango e conservá-lo-ei preso até que esse caso fique liquidado."

No mesmo instante, ouvimos passos que subiam a escada.

- Esteja pronto - disse Dupin. - Pegue as pistolas, mas não use, nem as mostre, sem que eu mesmo lhe faça sinal.

A porta de entrada fora deixada aberta e o visitante entrara sem ir na campainha e já havia subido muitos degraus da escada.

Agora, porém, parecia hesitar. Depois, ouvimo-lo descer. Já Dupin rápido para a porta, quando o ouvimos que de novo subia. Não voltou uma segunda vez, mas marchou com decisão e bateu à porta de nosso quarto.

- Entre! - disse Dupin, em tom alegre e cordial.

Um homem entrou. Era evidentemente um marinheiro, alto, robusto e musculoso, com certa expressão fisionômica atrevida, não de todo desagradável. Seu rosto, grandemente queimado de sol, mostrava-se oculto, mais da metade, pelas suíças e pelos bigodes. Trazia consigo um bengalão de carvalho, mas parecia não ter outra

arma. Cumprimentou um tanto desajeitadamente e nos deu boa tarde num francês que, apesar dum leve sotaque suíço, revelava ainda bastante sua origem parisiense.

- Sente-se, meu amigo - disse Dupin. - Creio que veio buscar o orangotango. Palavra de honra, quase lhe invejo a posse dele. Um animal notavelmente belo e com certeza de alto preço. Qual a idade que lhe dá?

O marinheiro respirou fundamente, com o ar dum homem aliviado de alguma carga intolerável, e depois respondeu, em seguro: - Não me é possível dizê-lo, mas creio que não terá mais quatro ou cinco anos de idade.

Está aqui com o senhor?

- Oh, não! Não tínhamos meios de conservá-lo aqui. Está numa cocheira de aluguel, pertinho daqui, na Rua Dubourg. Poderá ir buscá-lo pela manhã. Tem sem dúvida as provas de que é seu dono?

- Sim, senhor, todas elas.

- Tenho pena de separar-me dele - disse Dupin.

- Não é minha intenção deixar sem recompensa todo o trabalho que o senhor tomou - disse o homem. - Nem podia pensar isso. Quero, pois, gratificá-lo pela descoberta do animal... isto dar-lhe uma recompensa que seja razoável, é claro.

- Está bem - replicou meu amigo -, tudo isto é muito jus na verdade. Deixe-me pensar...

Que pedirei? Oh! Vou dizer-lhe! Minha recompensa será esta: o senhor me dará todas informações que conhece a respeito daqueles crimes da Rua Morgue. Dupin pronunciou as últimas palavras num tom bastante baixo e sossegado. Com a mesma calma, também, caminhou até a porta, fechou-a e guardou a chave no bolso. Depois tirou uma pistola do peito e colocou-a, sem a menor agitação, em cima da mesa.

O rosto do marinheiro ficou tão vermelho como se estivesse sufocado. Deu um salto e agarrou o bengalão, mas logo depois deixou-se cair na cadeira; tremendo violentamente e com uma palidez de morto. Não disse uma palavra. Tive pena dele, do mais íntimo do coração.

- Meu amigo - disse Dupin, com tom bondoso -, o senhor está-se alarmando sem necessidade. Tranquile-se. Não pretendemos fazer-lhe mal algum. Dou-lhe minha palavra, como cavalheiro e como francês, que não é intenção nossa prejudicá-lo. Sei perfeitamente que está inocente das atrocidades cometidas na Rua Morgue. Isto não quer dizer, porém, que o senhor não esteja, até certo ponto, nelas implicado. Pelo que já disse, deve saber que tive meios de informação a respeito desse assunto, meios com os quais o senhor jamais poderia ter sonhado. Agora a coisa está neste pé: o senhor nada fez que pudesse ter evitado... nada, certamente, o torne culpado. Nem mesmo culpado de roubo, quando pode ter roubado impunemente. Nada tem a ocultar. Não tem motivos para esconder o que quer que seja. Por outro lado, o senhor é obrigado, por todos os princípios da honra, a confessar tudo que sabe. Acha-se preso, no momento, um homem inocente, inculpado do crime, cujo autor o senhor pode indicar.

O marinheiro havia recuperado sua presença de espírito, em grande parte, enquanto Dupin pronunciava estas palavras, mas sua primitiva atitude audaciosa havia desaparecido.

- Valha-me Deus! - disse ele, depois de breve pausa. - Dir-lhe-ei tudo quanto sei a respeito desse negócio. Mas não espero que o senhor acredite nem na metade do que eu disser. Seria um louco na verdade, se tal pensasse. Contudo, estou inocente e quero

desabafar-me, ainda mesmo que isto me custe a vida.

O que ele narrou foi em suma o seguinte: Fizera recentemente uma viagem ao Arquipélago Indico. Um grupo de que fazia parte embarcou em Bornéu e penetrou no interior da ilha, em viagem de recreio. Ele e um companheiro haviam capturado o orangotango. Morrendo este seu companheiro, ficou ele como único dono do animal.

Depois de grandes complicações causadas pela intratável ferocidade de seu cativo durante a viagem de regresso, conseguiu afinal, alojá-lo com segurança em sua própria casa em Paris onde, para não atrair a desagradável curiosidade de seus vizinhos conservou-o cuidadosamente encerrado, até curá-lo duma ferida no pé, ocasionada por um estilhaço a bordo do navio. Estava francamente decidido a vendê-lo.

De volta a casa, após uma farra com alguns marinheiros, na noite ou antes, na manhã do crime, encontrou o animal no seu próprio quarto, aonde penetrara, vindo do cubículo contíguo, em que o mantinha seguramente preso, como pensava. Tendo uma navalha na mão e todo ensaboado, estava sentado diante dum espelho procurando barbear-se, coisa que decerto vira seu dono fazer anteriormente, observando-o pelo buraco da fechadura do cubículo. Aterrorizado por ver tão perigosa arma de posse dum animal tão feroz e tão bem capaz de fazer uso dela, o homem, por alguns instantes, ficou sem saber o que fazer.

Estava, porém, acostumado a aquietar o bicho, mesmo nos seus acessos mais ferozes, por meio dum chicote, e a este recorreu no momento. À vista do chicote, o orangotango saltou através da porta do quarto, desceu as escadas, por uma janela infelizmente aberta, precipitou-se na rua. Desesperado, o francês seguiu o macaco, que, de navalha em punho, parava de vez em quando, voltava-se e gesticulava para seu perseguidor, até que este estivesse bem perto dele. Então lhe escapulia. A perseguição continuou desta forma por muito tempo.

As ruas estavam profundamente silenciosas, pois eram quase três horas da madrugada.

Ao passar por uma travessa, na retaguarda da Rua Morgue, a atenção do fugitivo foi atraída por uma luz que brilhava na janela aberta do quarto da Sra. L'Espanaye, quarto andar de sua casa. Correndo para o prédio, percebeu o condutor do pára-raios, trepou por ele com inconcebível agilidade, agarrou o postigo que estava encancarado contra a parede e nele se apoiando, saltou diretamente à cabeceira da cama. Tudo se passou em menos dum minuto. O postigo de novo foi aberto com um pontapé do orangotango, ao entrar no quarto.

Entretentes, o marinheiro sentia-se ao mesmo tempo alegre e perplexo. Tinha fortes esperanças, agora, de recapturar o animal, pois dificilmente escaparia ele da armadilha em que se metera, exceto pelo pára-raios, onde poderia ser apanhado ao descer. Por outro lado, havia bastantes motivos de ansiedade pelo que poderia ele fazer dentro da casa.

Este último pensamento apressou ainda mais o homem a continuar a perseguição do fugitivo. Num condutor de pára-raios sobe-se sem dificuldade, mormente quando se é marinheiro. Mas ao chegar à altura da janela, situada bem distante à sua esquerda, viu-se obrigado a parar. O mais que podia fazer era colocar-se de modo a conseguir uma vista do interior do quarto. Mas o que viu quase o fez largar as mãos donde se agarrava tamanho foi o horror que dele se apossou. Fora então que se

ouviram dentro da noite aqueles horríveis gritos que despertaram do sono os habitantes da Rua Morgue. A Sra. L'Espanaye e sua filha de camisola, tinham estado ocupadas, ao que parece, em arrumar alguns papéis no cofezinho de ferro, já mencionado, e que havia arrastado para o meio do quarto. Estava aberto e seu conteúdo jazia ao lado, no soalho. As vítimas deviam estar sentadas de costas para a janela e, pelo tempo decorrido entre a entrada do animal e os gritos, parece provável que ele não tenha sido logo percebido. A batida do postigo fora de certo atribuída ao vento.

Quando o marinheiro olhou para dentro do quarto, o gigantesco animal havia agarrado a Sra. L'Espanaye pelos cabelos (que estavam soltos, pois os estivera penteando) e manejava a navalha de torno de seu rosto, imitando os movimentos dum barbeiro. A filha, jazia prostrada e sem movimento. Havia desmaiado. Os gritos e o esforço da velha (durante os quais o cabelo lhe fora arrancado da cabeça) tiveram o efeito de mudar em cólera as intenções provavelmente pacíficas do orangotango. Com um golpe rápido de seu braço musculoso, quase separou-lhe a cabeça do corpo. A vista do sangue transmudou a cólera do animal em frenesi. Rilhando os dentes, de olhos chispantes, saltou sobre o corpo da moça e enterrou-lhe as terríveis garras na garganta, mantendo o arrocho até de deixá-la morta. Seus olhares errantes e ferozes caíram, neste momento, sobre a cabeceira da cama, por cima da qual se avistava, justamente, o rosto de seu dono, petrificado de horror. A fúria do animal, que sem dúvida se lembrava ainda do terrível chicote, converteu-se instantaneamente em medo. Côncio de haver merecido castigo, pareceu desejoso de ocultar suas sangrentas façanhas e pôs-se a saltar dentro do quarto, em angustiosa agitação nervosa, derrubando e quebrando os móveis ao pular e arrastando a roupa de cama de cima do enxergão. Por fim, agarrou primeiro o cadáver da filha e meteu-o pela chaminé acima, tal como foi encontrado e depois o da velha, que ele imediatamente atirou pela janela.

Quando o macaco se aproximou da janela, com sua carga mutilada, o marinheiro se abaixou, apavorado, para o condutor pára-raios, e antes deslizando que descendo, com cuidado, por ele correu para casa imediatamente, temendo as consequências da carnificina e abandonando, com satisfação, no seu terror, qualquer interesse pela sorte do orangotango. As palavras ouvidas pelas pessoas que subiam as escadas eram as exclamações de horror e pavor do francês, misturadas com os uivos diabólicos da besta-fera.

Quase mais nada tenho a acrescentar. O orangotango deve ter escapado do quarto pelo condutor de pára-raios justamente antes de ter sido arrombada a porta. Deve ter fechado a janela ao passar por ela. Deve ter sido recapturado mais tarde pelo próprio dono, obteve por ele elevado preço, vendendo-o para o Jardim des Plantes. Le Bon foi imediatamente solto, após nossa narrativa das circunstâncias (com alguns comentários de Dupin), no gabinete do chefe de polícia. Este funcionário, apesar de sua boa disposição para com meu amigo, não podia ocultar de todo seu desgosto pelo rumo que o caso havia tomado, e de bom grado se entregava a um ou dois sarcasmos, a respeito da conveniência de cada qual tratar de seus próprios negócios.

- Deixemo-lo falar - disse Dupin, que achou melhor não replicar. - Deixemo-lo discursar.

Aliviar-lhe-á a consciência. Estou satisfeito por havê-lo derrotado no seu próprio

castelo.

Não obstante o fato de não haver ele logrado êxito na solução deste mistério, não é, de modo algum, coisa de tanto espanto, como ele acredita, porque, na verdade, nosso amigo chefe de polícia é um tanto sagaz demais para ser profundo. Falta suporte à sua ciência.

É toda cabeça e não corpo, como os retratos da Deusa Laverna, ou, no melhor dos casos, toda cabeça e ombros, como um bacalhau. Mas apesar de tudo é uma boa criatura. Gosto dele, especialmente pela sua magistral impostura, graças à qual alcançou fama de engenhoso, quero dizer, o jeito que ele tem de *nier ce qui est, et d'expliquer ce qui n'est pas*. (negar o que é, e explicar o que não é. Rousseau, Nouvelle Heloise. N.T.)

O MISTÉRIO DE MARIA ROGET

(Continuação de "Os Crimes da Rua Morgue")

NOTA INTRODUTÓRIA

Publicado pela primeira vez no Ladies' Companion, novembro-dezembro de 1842, fevereiro de 1843.

Título original: THE MYSTERY OF MARIE ROGET.

Por ocasião da primeira publicação de O Misterio de Maria Roget, as notas de pé de página, agora apenas, foram consideradas desnecessárias; mas os muitos anos decorridos desde a tragédia sobre que se baseia a estória tornam-nas indispensáveis e também dizer, em poucas palavras, algo sobre o plano geral.

Uma moça, Mary Cecilie Rogers, foi assassinada nas vizinhanças de Nova York, embora sua morte ocasionasse intensa e duradoura e emoção, o mistério que a cercava permaneceu insolúvel até a ocasião em que o presente relato foi escrito e publicado (novembro de 1842). Aqui, sob pretexto de relatar a sorte duma grisetite parisiense, o autor seguiu, em todas minúcias, os fatos essenciais, ao mesmo tempo que acompanhava apenas os não essenciais do assassinio real de Mary Rogers. Assim, todo o argumento baseado na FICÇÃO é aplicável à verdade, pois a investigação da verdade foi o seu objetivo.

O Misterio de Maria Roget foi escrito bem longe do local do crime e outros meios de investigação que os fornecidos pelos jornais. Por isso me escapou ao autor daquilo que ele próprio poderia ter utilizado se houvesse estado na cena do crime e visitado os lugares.

Deve ser, não obstante, útil recordar que as confissões de duas pessoas (uma delas a Sra.

Deluc narrativa), feitas em diferentes ocasiões e muito depois de publicada a estória, confirmaram, em pleno, não somente a conclusão geral, mas absolutamente todos os principais pormenores hipotéticos por meio dos quais foi a conclusão obtida.

O MISTÉRIO DE MARIA ROGET

Depois de ter ouvido o que recentemente ouvi, seria por certo estranho que eu permanecesse em silêncio a respeito do que tanto vi como ouvi já faz tempo. Após o desenlace da tragédia que envolveu a morte da L'Espanaye e sua filha, meu amigo Dupin não prestou mais atenção ao caso e recaiu nos seus velhos hábitos de extravagantes devaneios. Sempre predisposto às abstrações, não tardei em segui-lhe o exemplo, e, continuando a ocupar nossos aposentos no bairro de São Germano, abandonamos ao vento o futuro e adormecemos tranquilamente no presente, tecendo

de sonhos o mundo estúpido que nos cercava.

Mas esses sonhos não ficaram inteiramente sem interrupção. Pode-se se de pronto supor que a parte desempenhada por meu amigo no drama da Rua Morgue não deixara de causar impressão na imaginação da polícia parisiense.

Entre seus agentes, o nome de Dupin tinha-se tornado familiar. Não tendo sido o simples caráter daquelas induções, por meio das quais havia ele destrinchado o mistério jamais explicado, mesmo ao Chefe de Polícia, ou a qualquer indivíduo, a não ser eu mesmo, não é de admirar, sem dúvida que o caso fosse encarado como pouco menos que miráculos, ou que as habilidades analíticas de Dupin houvessem adquirido para ele o crédito da intuição.

Sua franqueza o teria levado a libertar qualquer perguntador de tal preconceito, mas seu temperamento indolente o impedia de quer agitação ulterior a respeito dum episódio cujo interesse de há muito cessara para ele. Por isso aconteceu que veio a tornar-se o alvo dos olhares policiais e poucos não foram os casos em que fizeram tentativas, na chefia de polícia, para que ele deles se encarregasse.

Um desses casos mais notáveis foi o do assassinio moça chamada Maria Roget. Este fato ocorreu cerca de dois anos depois do bárbaro crime da Rua Morgue. Maria, cujos nomes de batismo e de família chamaram desde pronto a atenção por sua semelhança com os da desventurada vendedora de charutos, era filha única da viúva Estela Roget. O pai morrera na infância da criança e, da ocasião da ocasião de morte até dentro de oito meses antes do assassinio que forma o assunto de nossa narrativa, mãe e filha tinham vivido juntas na Rua Pavée Saint-André, mantendo aquela uma pensão, ajudada por Maria. As coisas continuaram assim, até haver esta última atingido os vinte e dois anos, quando sua grande beleza atraiu a atenção dum perfumista, proprietário duma das lojas do rés-do-chão do Palais Royal, cuja clientela consistia principalmente de audaciosos aventureiros que infestavam aqueles arredores. O Sr. Blanc não duvidava das vantagens que adviriam da presença da formosa Maria em sua loja de perfumes e suas generosas propostas foram avidamente aceitas pela moça, embora com um pouco mais de hesitação da parte de sua mãe.

As previsões do lojista se realizaram e seus salões em breve se tornaram famosos, graças aos encantos da alegre grisette. Encontrava-se ela no emprego havia quase um ano, quando seus admiradores ficaram aturridos com sua súbita desapareição da loja. O Sr. Le Blanc não soube dar explicações de tal ausência e a Sra. Roget estava quase louca de ansiedade e terror. Os jornais se apoderaram imediatamente do assunto e a polícia se aprestava a fazer sérias investigações, quando, uma bela manhã, uma semana após, Maria, de boa saúde, mas com um ar de leve tristeza, reapareceu no seu balcão habituado da perfumaria. Toda investigação, exceto as de caráter particular, foi, sem dúvida, imediatamente sustada. O Sr. Le Blanc mantinha a mesma ignorância anterior absoluta. A todas as perguntas que lhe faziam, Maria, bem como sua mãe, respondia que passara a semana na casa dum parente, no interior. De modo que o caso não foi adiante e em breve todos o esqueceram, pois no propósito evidente de livrar-se duma curiosidade impertinente, em breve se despedia definitivamente do perfumista e recolhia-se ao abrigo da residência de sua mãe, na Rua Pavée Saint-André.

Foi cerca de cinco meses depois dessa volta ao lar que seus amigos se alarmaram com sua súbita desapareição, pela segunda vez. Três dias se passaram e nada se ouvia

falar a respeito dela. No quarto dia, seu corpo foi encontrado boiando no Sena, perto da praia fronteira ao bairro da Rua Saint-André e a um ponto não distante das cercanias pouco frequentadas da Barreira do Roule .

A atrocidade desse crime (pois era de pronto evidente que fora cometido um crime), a mocidade e beleza da vítima e, acima de sua anterior notoriedade conspiravam para produzir intensa comoção no espírito dos sensíveis parisienses. Não me recordo de caso semelhante que houvesse provocado efeito tão geral e tão intenso. Durante semanas, na discussão desse único tema absorvente, até mesmo os momentosos tópicos políticos do dia eram esquecidos. O Chefe de Polícia fez esforços fora do comum e todas as forças da polícia parisiense foram chamadas a dar o máximo de sua colaboração.

Ao ser descoberto o cadáver, não se supôs que o assassino fosse capaz de escapar, a não ser por breve período, ao inquérito sem demora instaurado. Somente ao fim duma semana é que se julgou necessário oferecer uma recompensa e mesmo então estava essa recompensa limitada a mil francos. Entrementes, continuava a investigação com vigor, se não sempre com discernimento, e inúmeros indivíduos foram interrogados, mas sem resultado, à medida devido à contínua ausência dum fio esclarecedor do mistério, aumentava intensamente a excitação popular. No fim do décimo dia, achou-se aconselhável dobrar a soma originalmente prometida e por fim, tendo decorrido a segunda semana sem conduzir a nenhuma elucidação e tendo a prevenção, que sempre existe em Paris contra a polícia, dado azo a algumas desordens sérias, o Chefe de Polícia tomou a seu cargo prometer a soma de vinte mil francos "pela denúncia do assassino", ou, se ficasse provado haver mais de um implicado, "pela denúncia de qualquer um assassinos".

Na proclamação que anunciava esta recompensa, prometia-se pleno perdão a qualquer cúmplice que depusesse contra seu companheiro e a essa declaração estava apenso, onde quer que aparecesse, um cartaz particular duma comissão de cidadãos, que ofereciam dez mil francos a mais do montante prometido pela Chefia de Polícia. De modo que toda a recompensa prometida ascendia a nada menos de trinta mil francos, o que pode ser olhado como uma soma extraordinária, quando consideramos a modesta posição da moça e a grande frequência, nas grandes cidades, de crime tão atrozes como esse.

Ninguém duvidava agora de que o mistério desse crime seria imediatamente esclarecido.

Mas, embora, num ou dois casos, tivessem sido feitas prisões que prometiam elucidação, contudo nada ficou esclarecido que pudesse incriminar as pessoas suspeitas, as quais foram sem demora postas em liberdade. Por mais estranha que possa parecer, havia já passado a terceira semana após a descoberta do cadáver sem que nenhuma luz fosse projetada sob o caso, antes mesmo que qualquer rumor dos acontecimentos, que tanto agitaram a opinião pública, chegasse aos ouvidos de Dupin e aos meus.

Entregues a pesquisas que haviam absorvido toda a nossa atenção , havia quase um mês que não saíamos de casa, ou recebíamos visitas, limitando-nos a lançar uma vista rápida aos principais artigos políticos de algum dos diários da capital. A primeira notícia do crime nos foi trazida por G*** em pessoa. Veio ver-nos, logo no começo da tarde do dia 13 de julho de 18... e ficou conosco até tarde da noite.

Estava vivamente irritado pelo fracasso de todas as suas tentativas de deitar mão aos criminosos. Sua reputação - assim dizia ele, com típico ar parisiense - estava em jogo.

Até mesmo sua honra se achava comprometida. Os olhares do público estavam fixos sobre ele e não havia, na verdade, sacrifício algum que não desejasse fazer pelo esclarecimento do mistério. Terminou seu discurso, um tanto ridículo, com um elogio a que lhe aprazia chamar de "o tato" de Dupin, e fez-lhe uma direta e certamente generosa proposta, cujo valor preciso não tenho o direito de aqui revelar, mas que não tem grande importância no assunto mesmo desta narrativa.

Meu amigo refutou o elogio o melhor que pode, mas aceitou a proposta imediatamente, embora suas vantagens fossem inteiramente condicionais. Ficando determinado este ponto, o Chefe de Polícia pôs-se logo a dar explicações a respeito de seus próprios pontos de vista, intercalando-os de longos comentários sobre os depoimentos, dos quais ainda não tínhamos até então conhecimento. Discorreu bastante e, sem dúvida, doutamente, enquanto eu aventurava uma sugestão ocasional a propósito da noite que passava e da hora de dormir.

Dupin, sempre sentado na sua poltrona habitual, era a encarnação da atenção respeitosa.

Ficara de óculos durante toda a entrevista, e um fortuito olhar, por baixo dos vidros verdes dos óculos, bastou para convencer-me de que dormia profundamente, embora não ressonasse, durante as sete ou oito pesadas horas que precederam a partida do chefe de polícia.

Pela manhã, procurei, na Chefia de Polícia, um relatório completo de todos os depoimentos obtidos e, em várias redações de exemplares nos quais, do princípio ao fim, tinha sido publicada qualquer informação decisiva a respeito daquele triste caso. Desembaraçada de tudo quanto não estava positivamente provado, essa massa de informações estatuiu o seguinte: Maria Roget deixara a casa de sua mãe, na Rua Pavée Saint-André, cerca das nove horas da manhã do domingo 22 de junho de 18... Ao sair, comunicou a um tal Sr. Jacques St. Eustache, e somente a ele, sua intenção de passar o dia com uma tia que morava na Rua dos Drômes. A Rua dos Drômes é uma travessa estreita, mas movimentada, não longe das margens do rio, e a uma distância dumas duas milhas, pelo caminho mais reto da pensão da Sra. Roget. Sr. Eustache era o pretendente de Maria e dormia, bem como tomava refeições, na pensão. Devia ir buscar sua noiva ao anoitecer e acompanhá-la até em casa. À tarde, porém, sobreveio pesada chuva e, supondo que ela permaneceria a noite toda em casa de sua tia (como já fizera antes, em circunstâncias idênticas), achou ele que não era necessário manter sua promessa. Como a noite avançasse, a Sra. Roget (que era uma velha doente, de setenta anos de idade) expressou seu temor de "que jamais veria Maria de novo"; mas, no momento, tal observação não atraíu grandemente a atenção.

Na segunda-feira, verificou-se que a moça não estivera na Rua Drômes e, quando se passou o dia, sem notícias dela, uma busca tardia foi organizada em vários pontos da cidade e seus arredores. Somente, porém, no quarto dia após seu desaparecimento que algo de importante se veio a saber a respeito dela. Nesse dia (quarta-feira, 25 de junho), um tal Sr. Beauvais, que, com um amigo, estivera fazendo indagações a respeito de Maria, perto da Barreira do Roule, na margem do Sena, fronteira à Rua Saint-André, foi informado de que um cadáver acabava justamente de ser trazido à

praia por alguns pescadores que o haviam encontrado boiando no rio. Ao ver o corpo, Beauvais, depois de alguma hesitação, identificou-o como o da moça da perfumaria. Seu amigo reconheceu-o mais prontamente.

O rosto estava coberto de sangue preto, que saíra, em parte, da boca. Não se via espuma, como no caso dos simples afogados. Não havia descoloração do tecido celular. Em torno da garganta, havia equimoses e marcas de dedos. Os braços estavam dobrados sobre o peito e mostravam-se rígidos. A mão direita estava crispada e a esquerda parcialmente aberta. No punho esquerdo havia duas escoriações circulares, parecendo causadas por cordas, ou por uma corda com mais de uma volta. Parte do punho direito, também estava bastante esfolada, bem como o dorso, em toda a sua extensão, porém mais especialmente nas omoplatas. Ao rebocar o corpo para a praia, os pescadores haviam amarrado nele uma corda, nenhuma das escoriações havia sido produzida por essa corda. A carne do pescoço estava bastante inchada. Não havia cortes visíveis ou equimoses que parecem causadas por golpes. Descobriu-se pedaço de fita amarrado tão estreitamente ao pescoço que se podia perceber, estava completamente enterrado na carne e amarrado por um nó oculto, justamente por baixo da orelha esquerda. Só isso teria bastado para produzir a morte. O laudo médico afirmou com convicção o caráter virtuoso da morta. Dizia ele que fora vítima duma brutal violência. Achava-se o corpo, quando encontrado, em estado tal que não pode haver dificuldade em ser reconhecido pelos seus amigos.

O vestido estava bastante rasgado e aliás em grande desordem. Na parte exterior, uma faixa de cerca do trinta centímetros de largura fora rasgada de alto a baixo, desde o debrum superior a cintura, mas não arrancada. Estava enrolada três vezes em torno da cintura, e presa por uma espécie de nó nas costas. A roupa que se seguia ao vestido era de fina musselina e dela uma tira de polegadas de largura tinha sido inteiramente arrancada, arrancada de todo e com grande cuidado. Foi encontrada em torno de pescoço, frouxamente amarrada, e presa por um nó cego. Por cima dessa tira de musselina e da tira de fita, estavam amarrados cordões do chapéu, com o chapéu pendente. O nó que prendia atilhos do chapéu não era dos que dão as mulheres, mas um corrediço de marinheiro.

Depois de identificado o cadáver, não foi ele, como de hábito levado ao necrotério (tal formalidade era supérflua), mas enterrado as pressas não longe do ponto em que fora retirado do rio. Graças aos esforços de Beauvais, a questão foi cuidadosamente abafada tanto quanto possível; e vários dias decorreram antes que se registrasse qualquer emoção pública. Um jornal hebdomadário contudo, afinal apossou-se do tema; o cadáver foi exumado e cedeu-se a um novo exame; porém nada se obteve além do que já fora observado. As roupas, contudo, foram desta vez apresentadas à mãe e aos amigos da morta, sendo perfeitamente identificadas como as que a moça usava ao sair de casa.

Entrentes, a excitação crescia de hora em hora. Diversas pessoas foram detidas e postas em liberdade. Especialmente St. Eustache foi tido como suspeito; e ele não pôde, a princípio, dar relato compreensível do que andara fazendo durante o domingo em que Maria saíra de casa. Posteriormente, todavia, ele apresentou ao Sr. C*** atestados satisfatoriamente explicativos sobre cada hora daquele dia. Como o tempo passasse sem que viessem descobertas, mil rumores contraditórios circulavam, ocupando-se os jornalistas em sugestões. Entre estas, a única que atraiu mais a

atenção foi a ideia de que Maria Roget ainda vivia, a de que o cadáver encontrado no Sena era o de alguma outra infeliz.

Será bom que eu apresente ao leitor alguns dos trechos que corporificam a sugestão aludida. Tais trechos são cópias literais de L'Étoile, jornal orientado em geral com grande habilidade: A Srta. Roget saiu da casa de sua mãe, na manhã do domingo 22 de junho de 18..., com o propósito ostensivo de ir ver sua tia, ou certo outro parente, na rua dos Drômes.

Ninguém mais a viu desde aquela hora. Não há traço ou notícia dela, absolutamente...

Nenhuma pessoa, fosse qual fosse, se apresentou até agora que a tivesse visto naquele dia, desde que ela saiu da porta da casa da sua mãe...

Ora embora não tenhamos provas de que Maria Roget se achasse no mundo dos vivos no domingo 22 de junho, depois das nove horas, temos prova de que até aquela hora ela estava viva. Ao meio-dia de quarta-feira, um corpo de mulher foi descoberto quando flutuava junto à margem da Barreira do Roule. Isto, mesmo que presumamos que Maria Roget se atirou no rio, dentro de três horas depois que saiu da casa de sua mãe, só se deu três dias depois de haver ela saído, três dias com diferença de uma hora. Mas é loucura supor que o assassinio, se assassinio foi cometido, pudesse consumir-se bastante cedo para habilitar os assassinos a atirarem o corpo no rio antes da meia-noite. Os que são culpados de tão horríveis crimes escolhem antes a treva e não a luz...

Assim vemos que, se o corpo encontrado no rio era o de Maria Roget, só poderia ter estado na água dois e meio dias, ou três no máximo. Toda a experiência demonstra que os afogados, ou atirados dentro da água logo depois de uma morte violenta, exigem de seis a dez dias a fim de que se produza a decomposição suficiente para trazê-los à tona da água. Mesmo quando se dá um tiro de canhão sobre o local onde o cadáver se encontra e esse vem à tona antes de, pelo menos, cinco ou seis dias após a imersão, afundar-se-á de novo, se abandonado a si mesmo. Agora, perguntamos, que há neste caso para produzir um afastamento do caminho normal da natureza?...

Se o corpo tivesse sido conservado sobre a praia, em seu estado de mutilação até a noite de terça-feira, algum traço dos assassinos se encontraria na margem. É também um ponto duvidoso o de que o corpo flutuaria tão rapidamente, ainda que atirado à água, depois de dois dias de ter sido morto. E mais ainda, é enormemente improvável que quaisquer criminosos que tenham cometido o assassinio, como aqui se supõe, tivessem atirado o cadáver na água sem um peso para afundá-lo, quando tal precaução facilmente poderia ter sido tomada.

O redator passa aqui a argumentar que o cadáver deve ter estado dentro da água "não simplesmente três dias, mas, pelo menos, cinco vezes três dias", porque estava tão decomposto que Beauvais teve dificuldade em reconhecê-lo. Este último ponto, porém, era inteiramente falso. Continuo a citar: Quais, então, são os fatos pelos quais o Sr. Beauvais diz não ter dúvida de que o cadáver é o de Maria Roget? Rasgou a manga do vestido e disse ter encontrado marcas que o satisfizeram acerca da identidade. O público geralmente supôs que essas marcas consistiam em alguma espécie de cicatriz.

Esfregou o braço e descobriu nele cabelos - algo tão vago, pensamos, como mal se

poderia imaginar -, coisa tão pouco decisiva como encontrar braço dentro de uma manga. O Sr. Beauvais não voltou à casa aquela noite mas mandou um recado à Sra. Roget, às sete horas da noite de quarta-feira dizendo que as investigações ainda continuavam, com relação à sua filha. Se admitirmos que a Sra Roget, por causa de sua idade e de seu pesar (o que é admitir muito), não podia ir lá, certamente devia ter havido alguém que julgasse valer a pena ir lá e acompanhar as investigações, se pensasse que o cadáver era o de Maria.

Ninguém foi. Nada se ouviu nem foi dito acerca do assunto, na Rua Pavée Saint-André, que tenha chegado sequer aos ocupantes do mesmo prédio. O Sr. St. Eustache, o amoroso e futuro esposo de Maria, que era pensionista da casa da mãe dela, depôs que não ouviu sobre a descoberta do cadáver de sua noiva senão na manhã seguinte, quando o Sr Beauvais veio a seu quarto e lhe falou disso. Admira-nos que uma notícia semelhante a esta fosse tão friamente recebida.

Desse modo o jornal tentava criar a impressão de uma apatia da parte dos parentes de Maria, inconsistente com a suposição de que esses parentes acreditassem ser dela o cadáver. Suas insinuações chegaram a isto: que Maria, com a conivência de seus amigos se ausentara da cidade por motivos que envolviam uma acusação contra sua castidade; e que esses amigos, depois da descoberta de um cadáver no Sena, algo semelhante ao da moça, tinham-se aproveitado da oportunidade para fazer o público impressionar-se a crença de sua morte. Mas L'Étoile estava de novo ultra-apressada Distintamente se provara que nenhuma apatia, tal como a imaginada, existira; que a velha senhora ficara excessivamente enfraquecida e tão agitada que era incapaz de atender a qualquer obrigação; que St. Eustache, em vez de receber as notícias friamente ficou perturbado de pesar e comportou-se tão alucinadamente que o Sr. Beauvais encarregou um amigo e parente de tomar conta dele e impedi-lo de acompanhar o exame na exumação. Além disso embora L'Étoile asseverasse que o corpo havia sido novamente exumado a expensas públicas e que uma vantajosa oferta de sepultura particular fora absolutamente rejeitada pela família, e que nenhum membro da família acompanhou o cerimonial, embora, repito, tudo isso fosse afirmado por L'Étoile para consolidar a pressão que desejava obter - tudo isso, porém, demonstrou-se satisfatoriamente, era falso. Num número subsequente do jornal, feita uma tentativa de atirar suspeitas sobre o próprio Beauvais. Disse o jornalista: Agora, afinal, surge uma mudança. Dizem-nos que, em certa ocasião, enquanto certa Sra. B*** estava na casa da Sra. Roget, o Sr. Beauvais que estava saindo, falou-lhe que era esperado ali um gendarme e que ela, Sra. B***, nada devia dizer ao gendarme até que ele, Beauvais, voltasse, deixando o negócio por sua conta... Na presente situação do assunto, o Sr. Beauvais parece ter toda a questão fechada em sua mão . Nem um só passo pode ser dado sem o Sr. Beauvais pois, tome-se o rumo que se quiser, esbarrar-se-á com ele...Por alguma razão, decidiu ele que ninguém poderia imiscuir-se no inquérito, a não ser ele, e empurrou do caminho os parentes masculinos de modo muito singular, de acordo com suas queixas. Ele parece também ter muito grande aversão a permitir que os parentes vejam o cadáver.

Pelo seguinte, alguma cor foi dada à suspeita, assim atirada sobre Beauvais. Um visitante do escritório deste, poucos dias antes do desaparecimento da moça, e durante a ausência do dono, observara uma rosa no buraco da fechadura e o nome "Maria" escrito sobre uma ardósia pendurada ao alcance da mão.

A impressão geral, tanto quanto a podemos extrair dos jornais, parecia ser a de que Maria fora vítima de uma quadrilha de bandidos; que tinha sido levada por eles pelo rio, maltratada e assassinada. Le Commercial, contudo, órgão de extensa influência, encarniçou-se em combater essa ideia popular. Cito um ou dois trechos de suas colunas: Estamos persuadidos de que as pesquisas até agora têm tomado um rumo falso ao se dirigirem para a Barreira do Roule. É impossível que uma pessoa tão bem conhecida por milhares de pessoas, como a jovem em apreço era, tenha passado por três quarteirões sem que ninguém a tenha visto; e quem quer que a tivesse visto tê-lo-ia recordado, porque ela interessava a todos os que a conheciam. Ela saiu quando as ruas estavam cheias de.. É impossível que possa ter ido até à Barreira do Roule ou à Rua dos Drômes sem ser reconhecida por uma dúzia de pessoas; contudo, ninguém se apresentou que a tivesse visto fora da porta da casa de sua mãe, e não há prova, a não ser o testemunho relativo a suas expressas intenções, de que ela tenha absolutamente saído. Sua blusa estava rasgada, envolvida em torno do corpo e amarrada; e assim o corpo foi carregado como um fardo. Se o assassinio tivesse sido cometido na Barreira do Roule, não teria havido necessidade de tal arranjo. O fato de que o cadáver foi encontrado flutuando perto da Barreira não é prova de que fosse atirado à água ali. Um pedaço de um dos saíotes da infortunada moça, de sessenta centímetros de comprimento e trinta de largura, fora arrancado e amarrado sob o seu queixo, atando-se na nuca, provavelmente para impedir gritos. Isso foi feito por sujeitos que não tinham lenços de bolso.

Um dia ou dois antes que o Chefe de Polícia nos chamasse, porém, chegou à polícia certa informação importante, que parecia desmanchar, pelo menos, a principal parte da argumentação de Le Commercial. Dois meninos, filhos de uma tal Sra. Deluc, quando vagabundeavam entre os bosques próximos da Barreira do Roule, conseguiram penetrar numa mata particular, dentro da qual havia três ou quatro grandes pedras, formando uma espécie de banco, com encosto e escabelo. Na pedra mais ao alto estava uma saia branca; na segunda, uma charpa de seda. Uma sombrinha, luvas e um lenço de bolso também ali se encontravam.

O lenço trazia o nome "Maria Roget". Fragmentos de vestido foram descobertos nas sarças em redor. O chão estava calcado, as moitas partidas e havia toda a evidência duma luta.

Entre o bosquezinho e o rio os parapeitos da cerca foram encontrados arriados e o solo mostrava sinais evidentes de haver sido arrastado por ele algum fardo pesado. Um hebdomadário, Le Soleil, publicara os seguintes comentários sobre esta descoberta, comentários que fizeram simplesmente eco ao sentimento de toda a imprensa parisiense: Os objetos ficaram evidentemente lá, durante pelo menos três ou quatro semanas; estavam completamente inalados pela ação da chuva e colados uns aos outros pelo mofo.

A grama crescera em torno e por cima de alguns deles. A seda da sombrinha era forte, mas os fios estavam costurados juntos por dentro. A parte superior, onde fora dobrada e enrolada, estava toda molhada e apodrecida, rasgando-se ao ser aberta a sombrinha... Os pedaços de vestido rasgados pelas moitas tinham cerca de três polegadas de largura e seis de comprimento. Uma parte era o debrum do vestido e fora emendado; o outro pedaço fazia parte da saia, mas não era o debrum. Pareciam tiras arrancadas e se achavam na moita de espinheiros a cerca de trinta centímetros de

altura do solo... não pode haver dúvida portanto, que o local de tão espantoso ultraje tenha sido descoberto.

Logo depois desta descoberta, novo testemunho apareceu. A Sra. Deluc contou que mantém uma hospedaria à beira da estrada não distante da margem do rio, oposta à Barreira do Roule. Os arredores são desertos, extraordinariamente desertos. E, aos domingos, o ponto de reunião habitual de maus elementos da cidade, cruzam o rio em botes.

Cerca das três horas da tarde do domingo em questão, uma moça chegou à hospedaria, acompanhada por um rapaz moreno. Ficaram os dois ali, durante algum tempo. Ao partir, tomara estrada que leva a uns bosques espessos da vizinhança. A atenção da Sra. Deluc foi despertada pelo vestido usado pela moça, causa da semelhança com o de uma sua parenta já falecida. Reparou particularmente uma charpa. Logo depois da partida do casal, uma quadrilha de malfetores apareceu, comportou-se ruidosamente, comeu e bebeu sem pagar, e seguiu pelo caminho do rapaz e da moça, voltou à estalagem por volta do crepúsculo e tornou a atravessar o rio como se estivesse com grande pressa. Foi logo depois de escurecer daquela mesma tarde que a Sra. Deluc, bem como seu filho mais velho ouviram gritos de mulher nas vizinhanças da hospedaria. Os gritos foram violentos, mas duraram pouco. A Sra. Deluc reconheceu não somente a charpa que fora encontrada na touceira, mas o vestido descoberto sobre o cadáver. Um condutor de ônibus, Valence, depôs igualmente que vira Maria Roget atravessar o Sena, de barco, no domingo em questão, em companhia dum rapaz moreno. Ele, Valence, conhecia Maria, e não podia enganar-se a respeito de sua identidade. Os objetos encontrados na touceira foram plenamente identificados pelos parentes de Maria.

Esse acervo de depoimentos e informações, por mim mesmo colhido dos jornais, por sugestão de Dupin, abrangia ainda outro ponto, ponto esse, porém, ao que parecia, da mais alta importância. Parece que, imediatamente depois da descoberta das roupas acima descritas, o corpo inanimado, ou quase inanimado, St. Eustache, o noivo de Maria, foi encontrado nas vizinhanças que todos agora supunham ser o local do crime. Um frasco vazio de láudano, etiquetado, foi achado perto dele. Seu hálito denunciava veneno.

Morreu sem falar.

Encontrou-se sobre ele uma carta, afirmando, em poucas palavras, seu amor por Maria e seu propósito de suicídio.

Creio que não tenho necessidade de dizer-lhe - falou-me Dupin, ao terminar a leitura de minhas notas - que este é um caso muito mais intrincado do que o da Rua Morgue, do qual difere em um ponto importantíssimo. Este é exemplo de crime ordinário, embora bárbaro. Nele nada há de especificamente outré. Você observará que, por esta razão, o mistério tem sido considerado fácil, quando, por esta mesma razão, deveria ter sido considerado de solução difícil.

Por isso é que, a princípio, se julgou desnecessário oferecer uma recompensa. Os esbirros de G* * * foram capazes de compreender como e porque tal atrocidade podia ter sido cometida. A imaginação deles podia conceber um modo, muitos modos e um motivo, muitos motivos. E porque não fosse impossível que qualquer desses numerosos modos ou motivos fosse o verdadeiro, considerado como provado que um deles devesse ser o verdadeiro. Mas a facilidade com que foram concebidas essas

várias fantasias e a verdadeira plausibilidade que cada uma delas assumia deveriam ser entendidas como indicativas mais das dificuldades do que das facilidades ligadas à explicação do enigma.

Tenho por esta razão observado que é pelos cumes, acima do plano ordinário, que a razão tateia seu caminho, se bem que, de qualquer modo, na sua busca da verdade, e em casos tais como esse, a pergunta devida não é tanto "o que ocorreu?", mas "o que ocorreu que nunca antes ocorreria?".

Nas investigações na casa da Sra. L'Espanaye, os agentes de G*** ficaram desencorajados e confusos por aquela verdadeira estranheza que, para uma inteligência devidamente regulada, teria proporcionado o mais seguro prenúncio de êxito; ao passo que este mesmo intelecto poderia ter sido mergulhado em desespero, diante do caráter ordinário de tudo quanto se oferecia aos olhos, no caso da moça da perfumaria e, contudo, nada indicava, a não ser o fácil triunfo, aos funcionários da polícia.

No caso da Sra. L'Espanaye e sua filha, não havia, mesmo no começo de nossa investigação, nenhuma dúvida a respeito da realização ou não do assassinio. A ideia do suicídio foi excluída imediatamente. Aqui, também, estamos libertos, desde o começo, de qualquer suposição de suicídio. O corpo achado na Barreira do Roule foi encontrado em tais circunstâncias que não dão margem a embaraço relativo a este ponto importante.

Mas foi sugerido que o cadáver descoberto não é o de Maria Roget, pela denúncia de cujo assassino, ou assassinos, foi prometida uma recompensa e a respeito do qual foi combinado com o Chefe de Polícia nosso único arranjo. Ambos nós conhecemos este cavalheiro muito bem. Não devemos fiar-nos por demais nele. Se, datando nossas investigações do encontro do corpo e depois seguindo a pista do criminoso, contudo descobrirmos ser esse corpo de outro indivíduo que não Maria, ou se, partindo de Maria viva, a descobrirmos assassinada, em qualquer dos casos perdemos nosso trabalho, é com o Sr. G*** que temos de lidar. Portanto, para nosso próprio bem, se não para bem da justiça, é indispensável que nosso primeiro passo seja a determinação da identidade do cadáver com a Maria Roget desaparecida.

Para o público, os argumentos de L'Étoile são de peso, e o de que o próprio jornal está convencido de sua importância surge da maneira pela qual ele começa um de seus artigos a respeito : "Diversos matutinos de hoje - diz ele - falam do decisivo artigo de L'Étoile, de domingo." Para mim, esse artigo só parece decisivo quanto ao zelo de seu redator.

Devemos recordar-nos de que, em geral, o objetivo de nossos jornais é antes criar uma sensação, lavrar um tento, que favorecer a causa da verdade. Este último fim só é visado quando parece coincidir com os primeiros. O órgão de imprensa que simplesmente se ajusta às opiniões comuns (por mais bem fundadas que possam essas opiniões ser)

adquire para si o descrédito da população. A massa popular olha como profundo apenas quem lhe sugere contradições agudas - ideias generalizadas. Na lógica, não menos do que na literatura - é o epigrama que se torna mais imediata e mais universalmente apreciado.

E em ambas está na mais baixa ordem de merecimento.

O que eu quero dizer é que o misto de epigrama e melodrama da ideia de que

Maria Roget ainda vive, mais do que qualquer verdadeira plausibilidade dessa ideia, foi o que a sugeriu a L'Étoile, e assegurou-lhe favorável acolhimento entre o público. Examinemos pontos principais do argumento desse jornal, tentando anular a incoerência com que ele desde o início se apresentou.

O primeiro objetivo do autor é mostrar-nos, pela brevidade intervalo entre o desaparecimento de Maria e o encontro do cadáver a flutuar, que tal cadáver não pode ser o de Maria. A redução desse intervalo à dimensão menor possível torna-se assim, imediatamente, uma coisa imprescindível ao argumentador. Na irrefletida procura disso, ele se atira, desde o início, na mera suposição. "Mas é loucura supor que o assassinio, se assassinio foi cometido, pudesse consumir-se bastante cedo para habilitar os assassinos a jogarem o corpo no rio antes da meia-noite." Nós perguntamos logo e muito naturalmente: por quê? Por que será loucura supor que o assassinio tenha sido cometido dentro de cinco minutos, depois que a moça saiu de casa de sua mãe? Por que será loucura pensar que o assassinio tenha sido cometido a qualquer hora do dia? Sucedem-se assassinios a todas as horas. Mas, se o crime se tivesse. realizado, em qualquer momento, entre as nove da manhã de domingo e um quarto antes da meia-noite, ainda haveria tempo bastante para atirar o corpo ao rio, antes da meia-noite. A suposição do jornal, assim, conduz precisamente a isto: a que o assassinio não foi cometido absolutamente no domingo.

E, se permitimos que L'Étoile afirme isto, permitir-lhe-emos todas as liberdades de qualquer espécie.

O parágrafo iniciado "Mas é loucura supor que o assassinio, embora assim apareça impresso em L'Étoile, pode ser imaginado como tendo existido realmente assim no cérebro de seu autor: "É loucura supor que o assassinio, se assassinio foi cometido sobre essa pessoa, poderia ter sido cometido bastante cedo, para capacitar os assassinos a atirarem-lhe o corpo ao rio, antes da meia-noite é loucura; dizemos, supor tudo isso e supor ao mesmo tempo (como estamos resolvidos a supor) que o corpo não foi atirado à água até depois da meia-noite." Sentença suficientemente inconsequente em si mesma, porém não tão extremamente absurda como a impressa.

Fosse meu propósito - continuou Dupin - simplesmente fazer carga contra esse trecho dos argumentos de L'Étoile e eu poderia muito bem deixá-lo onde está. Não é, contudo, com L'Étoile que temos a tratar, mas com a verdade. A sentença em questão, tal como está, tem apenas um significado e esse eu já estabeleci; é, porém, necessário que vamos por trás das simples palavras buscar uma ideia que essas palavras obviamente pretendiam e não puderam expressar. Era desígnio do jornalista dizer que, a qualquer hora do dia ou da noite de domingo, em que esse crime fosse cometido, era improvável que os assassinos se tivessem aventurado a carregar o cadáver para o rio, antes da meia-noite.

É aí que está, realmente, a hipótese que censuro. Supõe-se que o assassinio foi cometido em um local tal e sob tais circunstâncias que o levar o corpo ao rio se tornou necessário. Ora, o crime pode ter sido cometido na margem do rio, ou sobre o próprio rio.

E, dessa forma, atirar o cadáver dentro da água pode apresentar-se a qualquer momento do dia ou da noite como o mais evidente e mais imediato modo de ação. Você compreenderá que nada sugiro aqui como provável, nem como coincidindo com a minha própria opinião; meu objetivo, por enquanto, não se relaciona com os fatos

do caso.

Simplesmente desejo adverti-lo contra o tom geral da sugestão de L'Etoile, chamando sua atenção para seu caráter parcial, desde o início.

Tendo prescrito assim um limite para acomodar suas próprias opiniões preconcebidas, tendo suposto que, se aquele fosse o cadáver de Maria, apenas poderia ter estado dentro da água por um tempo muito curto, o jornal continua dizendo: Toda a experiência demonstra que os afogados, ou atirados dentro da água logo depois de uma morte violenta, exigem de seis a dez dias a fim de que se produza a decomposição suficiente para trazê-los à tona da água. Mesmo quando se dá um tiro de canhão sobre o local onde o cadáver se encontra e esse vem à tona antes de, pelo menos, cinco ou seis dias após a imersão, afundar-se-á de novo, se abandonado a si mesmo.

Tais asseverações foram tacitamente aceitas por todos os jornais de Paris, com exceção de Le Moniteur. Este último órgão tentou combater a parte do artigo que se refere a corpos afogados somente citando uns cinco ou seis exemplos em que os corpos de indivíduos que se sabiam afogados foram achados flutuando depois de decorrido menos tempo do que o fixado por L'Étoile. Mas há algo excessivamente não racional na tentativa, por parte de Le Moniteur de refutar a asserção geral de L'Étoile, com uma citação de casos particulares que vão de encontro a essa asserção. Tivesse sido possível aduzir cinquenta em vez de cinco exemplos de corpos encontrados a flutuar no fim de dois ou três dias, esses cinquenta exemplos ainda poderiam ser encarados legitimamente só como exceções à regra de L'Étoile, até que a própria regra pudesse ser refutada. Admitida a regra (e esta Le Moniteur não nega, insistindo meramente sobre as exceções), o argumento de L'Étoile permanece em plena força; porque esse argumento não intenta envolver mais do que a questão da probabilidade de haver o corpo subido à superfície em menos de três dias; e esta probabilidade estará em favor da posição de L'Étoile até que os casos tão puerilmente aduzidos sejam em número suficiente para estabelecer uma regra antagônica.

Você verá logo que todo argumento quanto a esse ponto deveria ser atirado, de qualquer modo, contra a própria regra. E para esse fim devemos examinar o rationale da regra.

Ora, o corpo humano em geral, não é muito mais leve nem muito mais pesado do que água do Sena; isto é, a gravidade específica do corpo humano, era sua condição natural, é quase igual à massa de água doce que ele desloca. Os corpos das pessoas gordas e carnudas, de ossos pequenos, e os das mulheres, geralmente, são mais leves do que os das pessoas magras, de ossos compridos, e os dos homens; e a gravidade específica da água de um rio é um tanto influenciada pela presença do fluxo marítimo. Mas, deixando a maré de parte, pode-se dizer que muito poucos corpos humanos se afundarão completamente mesmo na água doce, por si mesmos. Quase todos, caindo num rio serão capazes de flutuar, se deixam que a gravidade específica da água perfeitamente se coloque em equilíbrio com a sua própria isto é, se suportam que sua pessoa fique imersa inteiramente, com a mínima exceção possível. A posição mais conveniente para quem não sabe nadar é a posição ereta de quem anda em terra, com cabeça completamente atirada para trás e imersa, só permanecendo à tona a boca e as narinas. Em tais circunstâncias, acharemos que flutuamos sem dificuldade e sem esforço. E evidente, contudo, que as gravidades do corpo e da massa de água deslocada são muito delicadamente equilibradas, e que uma ninharia pode fazer com

que uma delas predomine. Um braço, por exemplo, erguido fora da água e assim privado de seu suporte equivalente, é um peso adicional suficiente para imergir toda a cabeça, ao passo que a ajuda casual do menor pedaço de madeira habilitar-nos-á a elevar a cabeça, para olhar em derredor. Ora, nos esforços de alguém não acostumado a nadar os braços são invariavelmente atirados para o alto, ao mesmo tempo que se faz uma tentativa para conservar a cabeça em sua habitual posição perpendicular. O resultado é a imersão da boca e das narinas, e a introdução de água nos pulmões durante os esforços para respirar, enquanto sob a superfície.

Muita água é também recebida pelo estômago e o corpo inteiro se torna mais pesado, dada a diferença entre o peso do ar que primitivamente distendia aquelas cavidades e o do fluido que então as enche. A diferença é suficiente para levar o corpo a afundar-se, como regra geral; mas é insuficiente no caso de indivíduos de ossos pequenos e anormal quantidade de matéria flácida ou gorda. Tais indivíduos flutuam mesmo depois de afogados. Supondo-se que o cadáver esteja no fundo do rio, ele ali permanecerá até que, por algum meio, sua gravidade específica de novo se torne menor do que a do volume de água que ele desloca. Este efeito é provocado quer pela decomposição, quer por outro meio. O resultado da decomposição é a geração de gás, que distendem os tecidos celulares e todas as cavidades e dá ao cadáver o aspecto de inchado, que é tão horrível.

Quando essa distensão se avolumou de modo que o volume do cadáver é sensivelmente aumentado sem correspondente aumento da massa ou peso, sua gravidade específica torna-se menor do que a da água deslocada e ele aparece imediatamente à superfície. Mas a decomposição é modificada por inúmeras circunstâncias, é apressada ou retardada por inúmeros agentes. Por exemplo, pelo calor ou pelo frio da estação, pela impregnação mineral ou pureza da água, pela sua maior ou menor profundidade, pela correnteza ou estagnação, pela temperatura do corpo, pela sua infecção, ou ausência de doença antes da morte.

Assim é evidente não podemos marcar tempo, com exatidão, para que o cadáver se eleve, em consequência da decomposição. Sob certas circunstância esse resultado poderá processar-se dentro de uma hora; sob outras, pode não se realizar de modo algum. Há infusões químicas por meio das quais o sistema animal pode ser preservado para sempre da corrupção. O bicloreto de mercúrio é uma delas. Mas, separadamente da decomposição, pode haver, e geralmente há, uma geração de gás dentro do estômago, pela fermentação acética de matérias vegetais (ou dentro de outras cavidades e por outras causas,), suficiente para originar uma distensão que trará o corpo à tona. O efeito produzido pelo tiro dum canhão é o de simples vibração. Pode fazer o cadáver desprender-se da lama mole, ou da vasa em que está atolado, permitindo assim que ele se eleve, quando outros agentes já o prepararam para assim fazer; ou pode vencer a tenacidade de algumas porções putrescentes do tecido celular, permitindo que as cavidades se distendam sob a influência do gás.

Tendo dessa forma diante de nós toda a filosofia do caso, podemos facilmente verificar por ela as asserções de L'Étoile: Toda a experiência demonstra que os afogados, ou atirados dentro da água logo depois de uma morte violenta, exigem de seis a dez dias a fim que se produza a decomposição suficiente para trazê-los à tona da água. Mesmo quando se dá um tiro de canhão sobre o local onde o cadáver se encontra e esse vem á tona antes de, pelo menos, cinco ou seis dias após a imersão,

afundar-se-á de novo, se abandonado a si mesmo.

Todo esse parágrafo deve agora parecer como uma trama de inconsequência e incoerência. A experiência não mostra que corpos afogados requerem de seis a dez dias para que uma suficiente decomposição se realize para trazê-los à tona da água. Mas a ciência e a experiência mostram que o período de sua imersão é, e deve necessariamente ser, indeterminado. Se, além disso, um corpo em emergiu em consequência dum tiro de canhão, ele não afundará novo "se abandonado a si mesmo", até que a decomposição tenha aumentado a tal ponto que permita o escapamento dos gases gerados. Mas desejo chamar-lhe a atenção para a distinção que é fiel entre corpos afogados e corpos "atirados dentro da água logo depois de uma morte violenta". Se bem que o escritor admita a distinção, inclui, no entanto, a todos na mesma categoria. Demonstrei como acontece que o corpo de um homem que se afoga se torna especificamente mais pesado do que seu volume de água, e que ele não afundará absolutamente, a não ser que lute, elevando os braços acima da superfície da água, e faça esforços para respirar, enquanto se acha debaixo da água, esforços que substituem por água o lugar do ar nos pulmões.

Mas esta luta e estes esforços não ocorrem nos corpos "atirados dentro da água logo depois de uma morte violenta". De modo que, neste último caso, o corpo, em regra geral, não afundará absolutamente - fato que L'Étoile evidentemente ignora.

Quando a decomposição alcançou ponto bem adiantado, quando a carne já se dispregou dos ossos em grande parte, então, de fato, mas não até então, nós vemos o cadáver desaparecer.

E agora, que faremos com o argumento de não poder ser o corpo encontrado o de Maria Roget, porque foi achado boiando apenas passados três dias? Por ser mulher, se foi afogada jamais poderia ter afundado; ou se afundou, podia ter reaparecido dentro de vinte e quatro horas, ou menos. Mas ninguém supõe que ela tenha sido afogada; e, estando morta antes de ser lançada dentro do rio, poderia ter sido achada boiando em não importa qual outra época posterior. Mas, diz L'Étoile: Se o corpo tivesse sido conservado sobre a praia, em seu estado de mutilação, até a noite de terça-feira, algum traço dos assassinos se encontraria na margem. É difícil perceber aqui, a princípio, a intenção do raciocinador. Procura antecipar o que imagina que poderia ser uma objeção à sua teoria, a saber, que o corpo foi conservado na praia dois dias, sofrendo rápida decomposição - mais rápida do que se estivesse mergulhado na água. Supõe que, se tivesse sido esse o caso, o corpo deveria ter aparecido à superfície na quarta-feira, e pensa que só sob tais circunstâncias ele poderia ter assim aparecido. Em consequência ele se apressa em mostrar que o corpo não estava colocado na praia, porque, se estivesse, "algum traço dos assassinos se encontraria na margem". Presumo que você há de sorrir com o que se segue. Você não pode ver como a estada apenas do corpo na praia poderia atuar para multiplicar sinais dos assassinos. Nem eu.

Continua o jornal: ...E, mais ainda, é enormemente improvável que quaisquer criminosos que tenham cometido o assassinio, como aqui se supõe, tivessem atirado o cadáver na água sem um peso para afundá-lo, quando tal precaução facilmente poderia ter sido tomada.

Observe aqui a risível confusão de ideias! Ninguém, nem mesmo L'Étoile, discute o fato de ter sido o assassinio cometido no corpo encontrado. Os sinais de violência são

evidentes demais. O objetivo do nosso argumentador é simplesmente mostrar que esse cadáver não é o de Maria. Deseja provar que Maria não foi assassinada, e que o cadáver não o foi. Sua observação, contudo, só demonstra esse último ponto. Lá está um cadáver sem um peso ligado a ele.

Os assassinos, ao atirá-lo, não teriam deixado de prender-lhe um peso. Por conseguinte, ele não foi lançado ao rio por assassinos. Isso é tudo o que fica provado, se alguma coisa fica. A questão da identidade nem é afluída e L'Étoile deu-se a grandes trabalhos unicamente para desmentir agora o que era admitido apenas um momento antes.

"Estamos convencidos - diz o jornal - de que o corpo encontrado era o de uma mulher assassinada."

Esta não é a única ocasião, mesmo nesta parte de seu assunto, em que o nosso raciocinador inconsideradamente raciocina contra si mesmo. Seu objetivo evidente, já eu o disse, é reduzir, tanto quanto possível o intervalo entre o desaparecimento de Maria e o encontro do cadáver. Entretanto, vemo-lo insistindo sobre o ponto de que ninguém viu a moça desde que ela deixou a casa de sua mãe.

Ora, embora não tenhamos provas - diz ele - de que Maria Roget se achasse no mundo dos vivos no domingo 22 de junho, depois das nove horas, temos prova de que até aquela hora ela estava viva." Como seu argumento é obviamente parcial, ele pelo menos poderia ter deixado esse assunto de parte; pois, se soubesse de alguém que tivesse visto Maria, digamos, na segunda ou na terça-feira, o intervalo em apreço teria sido muito reduzido e, de acordo com seu próprio raciocínio, muito diminuída estaria a probabilidade de ser o cadáver o da grisette.

Não obstante, é divertido observar que L'Étoile insiste sobre esse ponto na plena crença de que isso auxiliará seu argumento geral. Volte a examinar agora aquela parte do argumento que se refere identificação do corpo por Beauvais. Em relação ao cabelo nos braços, L'Étoile foi evidentemente de má-fé. Não sendo um idiota, Sr. Beauvais nunca podia ter apresentado, como identificação do cadáver, apenas o cabelo em seu braço. Não há braço sem cabelo. Generalidade da expressão de L'Étoile é uma simples perversão da fraseologia da testemunha. Ele devia ter falado de alguma peculiaridade nesse cabelo.

Devia ter sido uma peculiaridade de cor, quantidade, de comprimento ou de posição.

Diz o jornal: "Seu pé era pequeno. Assim são milhares de pés. Suas ligas não provam também coisa alguma, nem seus sapatos pois sapatos e ligas são vendidos aos fardos. O mesmo se podia dizer das flores de seu chapéu. Uma coisa sobre a qual o Sr. Beauvais insiste fortemente é que a fivela encontrada na liga tinha sido puxada para trás, para apertá-la. Isso a nada conduz, pois a maior parte das mulheres acha mais conveniente levar um par ligas para casa e adaptá-las ao tamanho das pernas que deve prender do que experimentá-las nas lojas em que as compram.

É difícil aqui supor que o raciocinador esteja falando sério. Tivesse o Sr. Beauvais, na procura do corpo de Maria, descoberto um cadáver correspondendo no tamanho geral e no aspecto ao da moça desaparecida, estaria autorizado (sem referência absolutamente à questão de traje) a formar uma opinião de que sua pesquisa fora bem sucedida. Se, em adendo ao ponto do tamanho geral e do contorno, tivesse encontrado no braço um característico aspecto piloso que observara antes em Maria quando

viva, sua opinião podia ter sido justamente fortalecida; e o aumento de positividade podia ter estado na razão da peculiaridade, ou raridade, da marca de cabelo. Se, sendo pequenos os pés de Maria, fossem também pequenos os do cadáver, o aumento de probabilidade de que o corpo fosse o de Maria não seria um aumento em razão simplesmente aritmética, mas em razão altamente geométrica, ou acumulativa. Acrescentam-se a tudo esses sapatos iguais aos que se sabia ter ela usado durante ou no dia de sua desapareição, e, embora esses sapatos pudessem ser "vendidos aos fardos", a probabilidade aumenta, a ponto de chegar aos limites da certeza. O que por si mesmo não seria prova de identidade torna-se através de sua posição corroborativa a mais segura prova. Deem-nos então flores no chapéu iguais às usadas pela moça desaparecida e nada mais buscaremos. Bastaria uma flor para não procurarmos mais nada, mas que dizer quando se trata de duas, ou três, ou mais? Cada flor sucessiva é uma prova múltipla, prova não somada à prova, mas multiplicada por centenas ou milhares de vezes.

Descubramos agora na vítima ligas iguais às usadas pela viva e é quase loucura prosseguir. Mas descobre-se que essas ligas estavam apertadas pelo repuxamento de uma fivela de maneira igual às de Maria, pouco antes de deixar sua casa. É agora loucura ou hipocrisia duvidar. O que L'Étoile diz a respeito de ser esse encurtamento das ligas uma ocorrência não rara, isto é, habitual, nada mais mostra do que sua própria pertinácia no erro. A natureza elástica de uma liga de fivela é a própria demonstração da raridade do encurtamento. O que é feito para ajustar-se por si mesmo só deve por necessidade requerer ajustamento estranho raramente. Deve ter sido por acaso, no seu estrito sentido, que essas ligas de Maria necessitaram do encurtamento descrito. Só elas teriam amplamente estabelecido a identidade da moça.

Mas não sucede que se encontrou o cadáver com as ligas da moça desaparecida, ou com seus sapatos, ou seu chapéu, ou as flores de seu chapéu, ou seus pés, ou uma marca característica no braço, ou seu tamanho geral e aspecto; acontece que o cadáver tinha cada uma dessas coisas e todas coletivamente. Se se pudesse provar que o diretor de L'Étoile entretinha realmente uma dúvida nestas circunstâncias, não haveria necessidade, no seu caso, de uma comissão de lunático inquirindo. Julgou ele coisa sagaz repetir as conversinhas dos advogados, que, pela maior parte, se contentam em repetir os preceitos retangulares dos tribunais.

Eu desejaria observar aqui que muito do que é rejeitado como prova de um tribunal é a melhor evidência para a inteligência. Porque o tribunal, guiando-se pelos princípios gerais de prova - os princípios reconhecidos e livrescos - mostra-se adverso a inclinar-se em favor de provas particulares. E esta firme adesão aos princípios, com severo desprezo da exceção contraditória, é maneira segura de atingir o máximo de verdade atingível em uma longa consequência de tempo. A prática, em massa, é, por isso, filosófica, não é menos certo que engendra vasto erro individual.

A respeito das insinuações levantadas contra Beauvais, você poderia desfazê-las com um sopro. Você já sondou o verdadeiro caráter desse bom cavalheiro. É um enxerido, com muito de romance e de juízo. Qualquer pessoa assim constituída prontamente se conduzirá dessa maneira em qualquer ocasião de excitação real, tornando-se passível de suspeita por parte dos ultra perspicazes ou mal-intencionados. O Sr. Beauvais, como aparece em suas notas, teve algumas entrevistas pessoais com o diretor de L'Étoile e ofendeu-o, aventurando uma opinião de que o cadáver, não

obstante a teoria do diretor, era, sem dúvida alguma, o de Maria. "Ele persiste - diz o jornal - em asseverar que o corpo é o de Maria, mas não apresenta uma circunstância, em adendo àquelas que já temos comentado, para fazer os outros acreditarem." Ora, sem nos referirmos novamente ao fato de que a mais forte prova "para fazer para fazer os outros acreditarem" nunca poderia ter sido aduzida, podemos notar que um homem muito bem pode ser induzido a acreditar em um caso dessa espécie, sem a habilidade de apresentar uma única razão para que um segundo grupo o acredite.

Nada é mais vago que as impressões sobre a identidade individual. Cada homem reconhece seu vizinho, contudo há poucos exemplos em que alguém esteja preparado para dar a razão desse reconhecimento. O diretor de L'Étoile não tinha direito de considerar-se ofendido pela crença desarrazoada do Sr. Beauvais.

As circunstâncias suspeitas que o cercam acham-se muito mais condizentes com minha hipótese de enxerimento romântico do que com a sugestão de culpa do raciocinador. Uma vez adotada a interpretação mais caridosa, não acharemos dificuldade em compreender a rosa no buraco da fechadura; o "Maria" sobre a ardósia; e "empurrou do caminho os parentes masculinos"; a "grande aversão permitir que os parentes vejam o cadáver"; a advertência feita a Sra. B*** de que ela, Sra. B***, nada devia dizer ao gendarme até que ele, Beauvais, voltasse, deixando o negócio por sua conta.. E finalmente sua aparente determinação de que "ninguém poderia imiscuir-se no inquérito, a não ser ele". Parece-me fora de questão que Beauvais era apaixonado por Maria, que ela o namorava; que sua ambição era fazer crer que gozava da mais completa intimidade e confiança dela.

Não direi mais coisa alguma a respeito deste ponto. E como o inquérito plenamente repele a asserção de L'Étoile referente à questão da apatia por parte da mãe e outros parentes - apatia inconsistente com a suposição de acreditarem eles que o cadáver fosse o da moça da perfumaria - continuaremos agora como se a questão de identidade estivesse plenamente estabelecida.

- E - perguntei eu aqui - que pensa você das opiniões de Le Commercial?

- Que, por natureza, são muito mais dignas de atenção do que qualquer outra já publicada sobre o assunto. As deduções das premissas são filosóficas e agudas. Mas as premissas, em dois exemplos, pelo menos, estão baseadas sobre observação imperfeita. Le Commercial deseja insinuar que Maria foi agarrada por alguma quadrilha de rufiões ordinários, não longe da porta da casa de sua mãe.

É impossível - insiste ele - que uma pessoa tão bem conhecida por milhares de pessoas como a jovem em apreço era tenha passado por três quarteirões sem que ninguém a tenha visto. Esta é a ideia de um homem há muito residente em Paris, um homem público, e alguém cujos passeios para lá e para cá pela cidade têm-se limitado, na maioria, às vizinhanças das repartições públicas. Ele sabe que ele mesmo raramente anda mais de doze quarteirões, desde seu próprio bureau, sem ser reconhecido e abordado.

E, sabendo da extensão de seu conhecimento pessoal com os demais e dos outros com ele, compara sua celebridade com a da moça da perfumaria, não encontra grande diferença entre elas e chega imediatamente à conclusão de que ela, em seus passeios, seria igualmente capaz de ser reconhecida como ele nos seus. Tal só poderia ser o caso se passeios dela fossem do mesmo caráter invariável e metódico e dentro

das mesmas espécies de região limitada como são os dele. E ainda para lá e para cá, a intervalos regulares, dentro de uma periferia limitada, cheia de indivíduos levados a observar-lhe a pessoa, pelo interesse da afinidade natural de sua ocupação com a deles próprios.

Mas os passeios de Maria podem ser tidos, em geral, como sem rumo certo. Neste caso particular, pode-se compreender, como mais provável que ela tomou um caminho mais do que de hábito diferente dos seus passeios comuns. O paralelo, que imaginamos ter existido no pensamento de Le Commercial, só poderia ser sustentado no caso de dois indivíduos atravessando a cidade inteira. Neste caso, admitindo-se que as relações pessoais de cada um sejam numericamente equivalentes, as oportunidades seriam também iguais de que o mesmo número de encontros pessoais se realizasse. No que a mim toca, eu tomaria não só como possível, mas como bem mais provável, que Maria pudesse ter seguido em qualquer dado momento por qualquer um dos muitos caminhos entre sua própria residência e a de sua tia sem encontrar uma só pessoa a quem conhecesse ou por quem fosse reconhecida. Encarando essa questão em sua plena e devida luz, devemos manter firmemente no espírito a grande desproporção entre as relações pessoais do até mesmo mais conhecido sujeito de Paris e a inteira população da própria Paris.

Mas seja qual for a força que possa ainda parecer haver na sugestão de Le Commercial, será ela muito diminuída quando tomarmos em consideração a hora em que a moça saiu.

"Ela saiu quando estavam cheias de gente..." - diz Le Commercial. Mas não foi tal. Eram nove horas da manhã. Ora, às nove horas de todas as manhãs durante a semana, com exceção do domingo, as ruas da cidade estão, é verdade, apinhadas de gente. As nove de domingo, a população acha-se principalmente dentro de casa, preparando-se para ir à igreja. Nenhuma pessoa observadora pode ter deixado de notar o ar caracteristicamente deserto da cidade, desde cerca das oito às dez da manhã de cada domingo. Entre dez e onze as ruas estão repletas, mas não a uma hora tão cedo como a designada.

Há outro ponto em que parece haver deficiência de observação da parte de Le Commercial. "Um pedaço - diz ele - de um dos vestidos da infeliz moça, de sessenta centímetros de comprimento e trinta de largura, fora arrancado e amarrado sob seu queixo atando-se na nuca, provavelmente para impedir gritos. Isso foi feito por sujeitos que não tinham lenços de bolso." Se esta ideia está ou não bem fundamentada tentaremos ver em seguida; mas por que não tinham lenços no bolso" o diretor entende a mais baixa classe de rufiões. Estes, porém, são os próprios tipos de gente que sempre têm lenços, mesmo quando destituídos de camisa. Você deve ter tido ocasião de observar quão absolutamente indispensável, nos últimos anos, se tornou o lenço de bolso para os perfeitos capadócios.

E que devemos pensar - perguntei - do artigo publicado Le Soleil? Que grande pena que seu redator não tenha nascido papagaio, Em tal caso teria sido ele o mais ilustre papagaio de sua raça. Repetiu simplesmente os pormenores individuais das opiniões já publicadas, reunindo-as, com louvável habilidade, dum jornal e doutro. "Os objetos - diz ele - ficaram evidentemente lá, pelo menos três ou quatro semanas"; não pode haver dúvida que o local de tão espantoso ultraje tenha sido descoberto. Os fatos aqui reafirmados por Le Soleil estão bem longe, de fato, de desfazer minhas

dúvidas sobre esse assunto, e teremos de examiná-los mais detidamente adiante, em suas relações com outra parte da questão.

Presentemente, devemos ocupar-nos com outras investigações. Você não pode ter deixado de notar a extrema negligência no exame do cadáver. De certo, a questão da identidade foi prontamente minada, ou deveria ter sido; mas havia outros pontos a serem verificados.

Tinha sido o corpo de alguma maneira despojado? Levava a morta consigo algumas joias, ao sair de casa? Em caso afirmativo tinha ela alguma quando foi encontrada? Estas são questões importantes, absolutamente negligenciadas pelo inquérito. E há outras de igual valor que não mereceram atenção. Tentaremos satisfazer por meio duma investigação pessoal.

O caso de St. Eustache deve ser novamente examinado. Não tenho suspeitas contra esse indivíduo. Mas procedamos com método. Verificaremos, com todo o escrúpulo, a validade de seus atestados a respeito de seu paradeiro no domingo. Atestados dessa natureza, tornam-se prontamente objeto de mistificação. Se nada encontrarmos de suspeito aqui, afastaremos St. Eustache de nossas investigações. Seu suicídio, porém, corroborativo de suspeita, no caso de se descobrir falsidade nos atestados, não é, sem tal falsidade de modo algum uma circunstância inexplicável, ou que deva fazer-nos desviar da linha da análise ordinária.

Nisto que eu agora proponho, afastaremos os pontos interiores desta tragédia, e concentraremos nossa atenção sobre seus contornos exteriores. É erro comum, em investigações como esta, limitar a pesquisa ao imediato, com total desprezo pelos acontecimentos colaterais ou circunstâncias. É mau costume dos tribunais confinar a instrução e discussão nos limites de relevância aparente. Contudo a experiência tem mostrado e uma verdadeira filosofia sempre mostrará que uma vasta e talvez a maior porção de verdade brota das coisas aparentemente irrelevantes. E pelo espírito desse princípio se não precisamente pela sua letra, que a ciência moderna tem resolvido calcular sobre o imprevisito. Mas talvez você não me compreenda. A história do conhecimento humano tem tão ininterruptamente mostrado que devemos aos acontecimentos colaterais, fortuitos ou acidentais as mais numerosas e as mais valiosas descobertas que se tornou afinal necessário, na perspectiva do progresso vindouro, fazer não somente grandes, mas as maiores concessões às invenções que surgem por acaso, e completamente fora das previsões ordinárias. Já não é filosófico basear-se sobre o que tem sido uma visão do que deve ser. O acidente é admitido como uma das subestruturas.

Fazemos do acaso matéria de cálculo absoluto. Sujeitamos o inesperado e o inimaginado às fórmulas matemáticas das escolas. Repito que é fato positivo que a maior parte de toda a verdade tem nascido dos fatos secundários e é simplesmente em acordo com o espírito do princípio implicado neste fato que eu gostaria de desviar o inquérito no presente caso, do terreno já palmilhado e até agora infrutífero do próprio acontecimento para o das circunstâncias contemporâneas que o rodeiam.

Enquanto você verificar a validade dos atestados, examinarei os jornais de maneira mais geral "do que você até agora tem feito. Até aqui temos apenas feito o conhecimento do campo de investigação; mas será estranho, de fato, se um exame compreensivo, tal como proponho, dos jornais públicos não nos proporcione algumas pequenas informações, que estabelecerão uma direção para o inquérito.

De acordo com a sugestão de Dupin, fiz escrupuloso exame do caso dos atestados. O resultado foi uma firme convicção de sua validade e da consequente inocência de St. Eustache. Entrementes, ocupava-se, com o que parecia ser para mim uma minúncia totalmente supérflua, em examinar rigorosamente as coleções dos diversos jornais. No fim duma semana, colocou diante de mim recortes: Há cerca de três anos e meio, uma agitação bem semelhante à atual foi causada pelo desaparecimento dessa mesma Maria Roget da perfumaria do Sr. Le Blanc, no Palais Royal. No fim duma semana, porém, ela reapareceu no seu balcão costureiro, tão bem como sempre, com exceção duma leve palidez não de todo habitual. Foi declarado pelo Sr. Le Blanc e por sua mãe que ela estivera simplesmente de visita a alguma amiga no interior e prontamente esquecido. Presumimos que a presente ausência é um capricho da mesma espécie e que, expirado o prazo duma semana, ou talvez um mês, tê-la-emos entre nós de novo.

Um Jornal da noite de ontem refere-se a uma antiga desapareição misteriosa da Srta Roget. É bem sabido que durante a semana de sua ausência da perfumaria de Le Blanc, achava-se ela na companhia dum jovem oficial de marinha, muito conhecido pela sua devassidão. Uma briga, supõe-se, providencial foi causa de sua volta para casa.

Sabemos o nome do libertino em questão, o qual se acha atualmente colocado em Paris, mas por evidentes razões, abtemo-nos de torná-lo público.

(Le Mercurie , terça -feira de manhã, 24 de junho.)

Um crime da espécie mais atroz foi perpetrado perto desta cidade, antes de ontem. Um cavalheiro, com sua mulher e sua filha, ao cair da noite, alugou os serviços de seis rapazes que estavam ociosamente remando em um bote, para cá e para lá, perto das margens do Sena, a fim de atravessá-lo. Ao alcançar a margem oposta, os três passageiros saltaram em terra e já se tinham afastado do barco, a ponto de perdê-lo de vista, quando a filha descobriu que havia deixado nele sua sombrinha. Voltou para buscá-la, foi agarrada pela quadrilha, carregada sobre o rio, amordaçada, brutalmente tratada e, finalmente, levada para a margem a um ponto Não longe daquele onde havia anteriormente entrado no barco com seus pais. Os canalhas escaparam no momento, mas a polícia já se encontra em sua pista e qualquer deles será apanhado dentro em breve.

(Morning Paper, 25 de junho)

Recebemos uma ou duas comunicações cuja finalidade é atribuir a Mennais o crime atroz há pouco cometido. Mas como esse cavalheiro foi plenamente absolvido por um inquérito legal, e como os argumentos de numerosos correspondentes parecem ser mais cheios de zelo que de profundidade, achamos não ser aconselhável torná-los públicos.

(Morning Paper, 28 de junho)

Recebemos numerosas comunicações, redigidas com energia e aparentemente de várias procedências e que levam a aceitar como coisa certa que a Maria Roget veio a ser vítima de um dos numerosos bandos de malfeitores que infestam os arredores da cidade, aos domingos. Nossa própria opinião é decididamente a favor dessa hipótese. Trataremos proximamente de expor aqui alguns desses argumentos.

(Evening Paper,(22) 30 de junho)

Segunda-feira, um dos bateiros ligados ao serviço fiscal viu um bote vazio descendo a correnteza do Sena. As velas jaziam no fundo do barco. O bateiro

rebocou-o até o escritório de navegação . Na manhã seguinte, foi tirado dali, sem o conhecimento de qualquer dos empregados. O leme ficou no escritório de navegação.

(Le Diligence,(23) quinta-feira, 26 de junho)

Depois de ler estes vários recortes, não somente me pareceram sem importância como também não consegui arranjar modo de relacioná-los com o assunto em questão.

Esperava uma explicação qualquer de Dupin.

- Não é intenção minha atual - disse ele - morar em cima do primeiro e do segundo desses recortes. Copiei-os principalmente para mostrar-lhe a extrema negligência da polícia, que, a acreditar no que disse o Chefe de Polícia, não se inquietou, de modo algum em interrogar o oficial de marinha a que ali se alude. Entranto seria loucura dizer que entre a primeira e a segunda desapareição de Maria não exista uma provável relação.

Admitamos que a primeira fuga tenha resultado em briga entre os dois namorados, com a volta para casa da moça traída. Estamos agora preparados para examinar uma segunda fuga (se sabemos que se realizou uma fuga de novo), como indicativa duma renovação de tentativas por parte do traidor, mais do que como o resultado de novas propostas parte dum segundo indivíduo - estamos preparados a encará-la como uma "volta às boas" do velho amor, em vez de o começo de outro.

As probabilidades são de dez para um de que aquele que outrora fugira com Maria propusera nova fuga, em vez de ser Maria, a quem tinham sido feitas propostas de uma fuga, por um indivíduo, quem as aceitara desse outro. E aqui deixe-me chamar-lhe a atenção para o fato de ser o tempo decorrido entre a primeira fuga conhecida e a segunda fuga suposta de poucos meses mais do que a duração geral dos cruzeiros de nossos navios de guerra. Teria sido o amante interrompido na sua primeira infância pela necessidade de partir para bordo e aproveitou a primeira oportunidade de seu regresso para renovar as vis tentativas ainda não de todo realizadas - ou não ainda de todo realizadas por ele?

De todas essas coisas, nada sabemos. Você dirá, porém, que, no segundo caso não houve fuga, como imaginamos. Certamente que não. Mas estamos preparados para dizer que não houve o desígnio frustrado?

Além de St. Eustache, e talvez Beauvais, não encontramos namorados de Maria, reconhecidos, declarados, respeitáveis. De nenhum outro se falou coisa alguma. Qual é, então, o amante secreto de quem os parentes (pelo menos a maior parte deles) nada sabem, mas com quem Maria se encontra no domingo de manhã, e que goza tão profundamente de sua confiança que ela não hesita em permanecer com ele, até caírem as sombras da noite, entre os pequenos bosques solitários da Barreira do Roule? Quem é esse amante oculto, pergunto eu, de quem, pelo menos, a maior parte dos parentes nada sabe? E que significa a singular profecia da Sra. Roget, na manhã da partida de Maria: "Receio que jamais verei Maria de novo "?

Mas se não podemos imaginar a Sra. Roget informada do desígnio de fuga, não poderemos pelo menos supor que essa fosse a intenção da moça? ao sair de casa, deu ela a entender que ia fazer uma visita a sua tia, na Rua dos Drômes, e St. Eustache foi encarregado de ir buscá-la ao escurecer. Ora, à primeira vista, este fato milita fortemente contra minha sugestão, mas refletamos. Que ela tenha encontrado algum companheiro, que tenha atravessado com ele o rio, alcançando a Barreira do Roule a

uma hora já bastante avançada, pois eram três horas da tarde, é sabido. Mas consentindo assim em acompanhar esse indivíduo (com uma intenção qualquer, conhecida ou desconhecida por sua mãe), devia ela ter pensado na intenção que havia exprimido ao sair de casa, e na surpresa e na suspeita despertadas no coração de seu noivo, St. Eustache, quando, indo procurá-la, à hora combinada, na Rua dos Drômes, descobrisse que ela não estivera ali, e quando, além disso, de volta à pensão, com esta alarmante informação, viesse a saber que ela continuava ausente de casa. Ela deveria ter pensado nestas coisas, digo eu. Ela deve ter previsto o pesar de St. Eustache, a suspeita de todos. Podia não ter pensado em voltar, para enfrentar essa suspeita; mas a suspeita torna-se para ela um ponto de importância insignificante, se supusermos que não era intenção sua voltar.

Podemos imaginá-la pensando desta forma: "Vou encontrar-me com certa pessoa, a fim de fugirmos, ou para certos outros fins conhecidos somente de mim mesma. É necessário que não haja possibilidade de interrupção - devemos ter bastante tempo para escapar a qualquer perseguição - darei a entender que irei passear o dia todo com minha tia, na Rua dos Drômes. Direi ao St. Eustache que só vá buscar-me ao anoitecer - desta forma, minha ausência de casa, pelo maior tempo possível, sem causar suspeita ou apreensão, poderá explicar-se, e ganharei mais que de qualquer outra maneira. Se peço a St. Eustache para ir buscar-me ao anoitecer, certamente ele não irá antes disso; mas se me esqueço completamente de pedir-lhe que me vá buscar, meu tempo para a fuga diminuirá, desde que é de esperar que eu volte mais cedo e minha ausência, mais cedo ainda, despertará inquietação. Ora, se fosse intenção minha voltar de qualquer modo, se tivesse em vista um simples passeio com o indivíduo em questão, não seria de boa política pedir a St. Eustache para ir buscar-me, pois, indo, descobriria, com toda a certeza, que eu o havia enganado, fato que poderia conservá-lo para sempre na ignorância, deixando a casa, sem notificá-lo de minha intenção, voltando antes do escurecer e contando então que estivera de visita à minha tia, na Rua Drômes. Mas, como é intenção minha jamais voltar, ou não voltar durante algumas semanas, ou só voltar depois que certas coisas possam ficar ocultas, ganhar tempo é o único ponto a respeito do qual tenho necessidade de preocupar-me."

Você deve ter observado, em suas notas, que a opinião mais geral em relação a este triste caso, é, e foi desde o começo, que a moça foi vítima dum bando de malfeitores. Ora, a opinião popular sob certas condições, não merece ser desprezada. Quando surge por si mesma, quando se manifesta de maneira estritamente espontânea devemos encará-la como análoga àquela intuição, que é a disposição temperamental do homem de gênio. Em noventa e nove por cento, dos casos, eu me aterei às suas decisões. Mas é importante que não encontremos traços palpáveis de sugestão. A opinião deve ser rigorosamente a própria opinião do público; e a distinção é muitas vezes excessivamente difícil de perceber e de manter. No caso presente, parece-me que esta "opinião pública", a respeito duma quadrilha, tem sido induzida pelo acontecimento paralelo, relatado no terceiro de meus recortes.

Toda Paris está excitada pela descoberta do cadáver de Maria, uma jovem bela e conhecida. Esse cadáver é encontrado, acusando sinais de violência, e boiando no rio.

Mas se torna então conhecido que na mesma ocasião, ou quase na mesma ocasião em que se supõe que a moça tenha sido assassinada, um crime de semelhante natureza ao sofrido pela morta, embora de menor repercussão, foi perpetrado por uma

quadrilha de jovens rufiões, na pessoa duma segunda jovem.

É, de surpreender que o primeiro crime conhecido tenha influído no julgamento popular a respeito do outro desconhecido? Este julgamento aguardava uma direção e o crime conhecido parecia tão oportunamente proporcioná-la! Maria também foi encontrada no rio e nesse mesmo rio foi cometido o crime conhecido. A relação dos dois acontecimentos tinha em si mesma tanto de palpável que verdadeira maravilha teria sido que o povo deixasse de apreciá-la e dela apoderar-se. Mas, de fato, um dos dois crimes, conhecido por ter sido cometido com atrocidade, é um índice, se alguma coisa é, de que o outro, cometido quase na mesma ocasião, não foi cometido da mesma maneira. Teria sido na verdade um milagre, se, enquanto um bando de rufiões estava perpetrando, em dada localidade, um crime inaudito, estivesse outra quadrilha semelhante, em idêntica localidade, na mesma cidade, nas mesmas circunstâncias, com os mesmos meios e os mesmos processos, ocupada em um crime precisamente da mesma espécie e precisamente no mesmo espaço de tempo! E no entanto, em que, a não ser nesta maravilhosa série de coincidências, nos levaria a acreditar a opinião, acidentalmente sugerida, do povo?

Antes de ir mais além, consideremos a suposta cena do assassinio, na moita da Barreira do Roule. Essa moita, embora densa, acha-se bem próxima duma estrada pública. Dentro dela havia quatro grandes pedras, formando uma espécie de banco, encosto e um escabelo. Na pedra de cima descobriu-se uma saia branca; na segunda, uma charpa de seda. Uma sombrinha, um lenço de bolso foram também ali encontrados. O lenço nome "Maria Roget". Fragmentos de vestido foram descobertos nas sarças em redor. O chão estava calçado, as moitas partidas, e havia toda a evidência duma luta violenta.

Não obstante a aclamação com que a imprensa recebeu a descoberta dessa moita e a unanimidade com que se supôs que representasse a cena precisa do crime, deve-se admitir que havia mais de uma boa razão para duvidar disso. Que fosse o cenário do crime, eu poderia ou não acreditar, mas havia uma excelente razão para duvidar. Se a verdadeira cena tivesse sido, como sugere *Le Commercial*, na vizinhança da Rua Pavée Saint-André, os executantes do crime, supondo-os ainda morando em Paris, teriam sido naturalmente tomados de terror, ao ver a atenção do público tão agudamente dirigida para a verdadeira pista; e, em certa classe de espíritos, ter-se-ia despertado, imediatamente, o senso da necessidade de uma tentativa qualquer para distrair essa atenção. E assim, tendo já as suspeitas recaído sobre a moita da Barreira do Roule, a ideia de colocar os objetos onde eles foram encontrados podia ter sido naturalmente concebida.

Não há prova real, embora *Le Soleil* assim suponha, de que os objetos descobertos tenham estado mais do que poucos dias na moita; ao passo que existem muito mais provas circunstanciais que eles não poderiam ter ficado ali sem atrair a atenção durante os vinte dias decorridos entre o fatal domingo e a tarde em que encontrados pelos meninos. "Estavam completamente mofados, diz *Le Soleil*, adotando as opiniões de seus predecessores, "pela ação da chuva e colados uns aos outros pelo mofo. A grama crescera em torno e por cima de alguns deles. A seda da sombrinha era forte, mas os fios estavam costurados juntos por dentro. A parte superior, onde fora dobrada e enrolada, estava toda mofada e apodrecida, rasgando-se ao ser aberta a sombrinha..." A respeito da grama ter crescido "em torno e por

cima de alguns deles", é claro que o fato podia ter sido verificado apenas de acordo com as palavras e por isso com as recordações dos dois meninos, porque esses meninos pegaram os objetos e levaram-nos para casa antes que fossem vistos por terceiros. Mas a grama cresce, especialmente, tempo quente e úmido (como o da época em que se deu o crime), umas duas ou três polegadas num só dia. Uma sombrinha pousada sobre um chão onde a grama é robusta pode, numa única semana estaria inteiramente oculta na grama subitamente crescida. E quanto a esse mofo sobre o qual o diretor de Le Soleil tão pertinazmente insiste, que emprega a palavra nada menos de três vezes no breve parágrafo que acabamos de citar, ignorará ele realmente a natureza desse mofo? Será preciso dizer-lhe que é uma dessas numerosas classes de fungos cujo caráter mais comum é seu aparecimento e decadência dentro de vinte e quatro horas?

Por isso vemos, ao primeiro relance, que o que tem sido mais triunfalmente aduzido em apoio da ideia que os objetos tinham estado "durante pelo menos três ou quatro semanas"

na moita é absurdamente nulo, como prova qualquer desses fatos. Por outro é excessivamente difícil acreditar que aqueles objetos pudessem ter permanecido na moita especificada por um tempo maior do uma simples semana, durante um período mais longo do que de um domingo para outro. Todos aqueles que conhecem um pouco dos arredores de Paris sabem a extrema dificuldade de encontrar "retiros", a não ser a grandes distâncias de seus subúrbios. Coisa semelhante a um recanto inexplorado, ou mesmo não frequentemente visitado, entre seus bosques e capões, nem por um momento se imagina. Vá alguém que, sendo de coração amante da natureza, está ainda encadeado pelos deveres ao calor e ao pó desta grande metrópole, vá esse alguém tentar, mesmo durante os dias da semana, saciar sua sede de solidão entre os panoramas de encanto natural que de perto nos circundam. A cada passo encontrará o feitiço nascente, rompido pela voz ou pela intromissão pessoal de algum rufião ou bando de vadios embriagados.

Buscará o recolhimento entre as mais densas folhagens, mas tudo em vão. Estão ali os próprios esconderijos, em que a rale é mais abundante, esses são os templos mais profanados. Com angústia no coração, o passeante voará de volta à poluída Paris, como a sentina de poluição menos imprópria, porque menos odiosa. Ma se a vizinhança da cidade é tão frequentada durante os dias de trabalho da semana, quanto mais não o será nos domingos! É especialmente então que, libertada das cadeias do trabalho, ou privadas das costumeiras oportunidades para o crime, a vadiagem da cidade busca-lhe os arredores, não pelo amor do campo, que no íntimo ela despreza, mas como um meio de escapar às restrições e convencionalismos sociais.

Deseja menos o ar fresco e as árvores verdejantes do que a extrema licença campestre.

Ali, na estalagem, à beira da estrada ou sob a folhagem das árvores, ela se entrega, sem ser refreada por qualquer olhar, exceto o de seus alegres companheiros, a todos os loucos excessos de uma hilaridade contrafeita, produto conjunto da liberdade e da aguardente.

Nada digo além do que deve ser evidente para qualquer observador desapaixonado quando repito que a circunstância de terem ficado os objetos em apreço sem ser descobertos em período maior do que de um domingo a outro em

qualquer bosquezinho das cercanias de Paris deve ser considerada como pouco menos de miraculosa.

Mas não são necessários outros motivos para a suspeita de que os objetos foram colocados no bosquezinho com o fim de desviar a atenção da cena real do crime. E primeiramente deixe-me dirigir-lhe a atenção para a data da descoberta dos objetos.

Compare-a com a data do quinto recorte, que eu mesmo fiz dos jornais. Verificará que a descoberta se seguiu quase imediatamente às comunicações urgentes enviadas ao vespertino.

Essas comunicações, embora várias e aparentemente de várias fontes, tendiam todas para o mesmo fim, a saber, dirigir a atenção para uma quadrilha, como sendo a autora do crime, e para as vizinhanças da Barreira do Roule, como sendo seu teatro. A situação aqui, sem dúvida, não é a de que, em consequência dessas comunicações, ou da atenção pública por elas orientada, os objetos foram encontrados pelos meninos; mas pode, e pode muito bem, haver a suspeita de que os objetos não foram encontrados antes pelos meninos pela razão de que tais objetos não se encontravam antes no bosquezinho, tendo sido colocados ali num período mais tardio, seja o da data em apreço, seja pouco antes dessa data, pelos criminosos, autores das próprias comunicações.

Esse bosquezinho era singular, era excessivamente singular. Incomumente fechado. No recinto de suas muralhas naturais havia três pedras extraordinárias, formando um banco, com encosto e escabelo. E esse bosquezinho, tão cheio de arte, estava na vizinhança imediata a poucos metros de distância da residência da Sra. Deluc, cujos filhos tinham o hábito de examinar acuradamente os hortos circunvizinhos, à procura de casca de sassafrás. Seria desarrazoado apostar - numa aposta de mil contra um - que nem um dia se passava sobre as cabeças desses meninos sem se encontrar pelo menos um deles escondido no umbroso recanto e entronizado no seu trono natural? Aqueles que hesitassem em tal aposta, ou nunca foram crianças, ou esqueceram a natureza infantil.

É - repito - imensamente difícil compreender como os objetos poderiam ter ficado sem ser descobertos naquele bosque por período superior a um ou dois dias; e assim há bons motivos para suspeitar, a despeito da dogmática ignorância de Le Soleil, que eles foram, em data relativamente posterior, colocados onde foram achados.

Mas ainda há outras e mais fortes razões para acreditar que eles foram assim colocados, além dessas sobre que já insisti. E agora deixe-me chamar sua atenção para o arranjo altamente artificial dos objetos. Na pedra de cima estava uma saia branca; na segunda, uma charpa de seda; espalhados em volta, uma sombrinha, luvas e um lenço de bolso, trazendo o nome "Maria Roget". Aqui está precisamente um arranjo, como naturalmente seria feito por uma pessoa não muito perspicaz que desejasse arrumar os objetos naturalmente. Mas não é de modo algum um arranjo realmente natural. Eu preferiria ver as coisas todas no chão e pisadas por pés.

Nos estreitos limites daquele caramanchão, mal era possível que a saia branca mantivesse uma posição sobre as pedras, quando sujeita ao roçar de muitas pessoas em luta para lá e para cá. "Havia sinais - disseram - de uma luta, e a terra estava pisada, moitas partidas, mas a saia branca e a charpa foram achadas colocadas como num guarda-roupa. "Os pedaços de vestido rasgados pela moitas tinham cerca de três polegadas de largura e seis de comprimento. Uma parte era o debrum do

vestido e fora emendado. "Pareciam tiras arrancadas." Aqui, inadvertidamente, Le Soleil empregou uma frase extremamente suspeitosa. Os pedaços, tais com descritos, na verdade parecem tiras arrancadas, mas propositadamente e pela mão. E acidente dos mais raros que um pedaço seja "arrancado" de alguma roupa, tal como agora vemos, por intermédio de um espinho.

Pela própria natureza de tais tecidos, um espinho ou um prego que a eles se prendesse rasgá-los-ia retangularmente, dividi-los-ia em duas fendas longitudinais, em ângulo reto uma com a outra encontrando-se no ápice em que o espinho entrou, mas é raramente possível conceber o pedaço "arrancado". Nunca vi isso, nem você também. Para arrancar um pedaço de qualquer pano, devem ser exigidas, em quase todos os casos, duas forças distintas, em diferentes direções.

Se houvesse duas extremidades do pano, se, por exemplo, fosse um lenço de bolso, e se se desejasse tirar dele uma tira, então, e somente então, uma só força serviria para o caso.

Mas no caso presente a questão é arrancar de um vestido que apresenta somente uma extremidade. Para arrancar um pedaço do interior, onde não se apresenta extremidade, só por um milagre poderia fazê-lo por meio de espinhos, e nenhum espinho só poderia realizá-lo. Mas, mesmo onde se apresenta uma extremidade, seriam necessários dois espinhos, operando um em duas distintas direções e o outro numa só. E isto na suposição de que a extremidade não seja embainhada. Se embainhada, a coisa está quase fora de questão.

Vemos assim os numerosos e grandes obstáculos, em se tratando de pedaços que são "arrancados" por meio de simples "espinhos" contudo, somos solicitados a crer que não somente um pedaço, mas muitos, foram assim arrancados. "E uma parte", também, era debrum do vestido. Outro pedaço era parte da saia, e não o debrum. Isto é, estava completamente arrancado, por espinhos, da interna, e sem extremidades, do vestido!

Estas são coisas, digo eu, que merecem perdão se nelas não acreditamos; contudo, tomadas coletivamente, formam, talvez, campo razoavelmente menor para suspeita do que a circunstância extraordinária de terem sido os objetos deixados, de algum modo, naquela moita por alguns assassinos, que tiveram a bastante precaução de pensar em remover o cadáver.

Você, porém, não me terá entendido direito, se supuser que minha intenção é negar que essa moita seja a cena do crime. Talvez tenha havido algum delito ali, ou, mais possivelmente, um acidente em casa da Sra. Deluc. Mas, de fato, esse é um ponto de importância menor. Não nos comprometemos numa tentativa para descobrir o local, mas para apresentar os autores do assassinio. O que eu aduzi, não obstante a minúcia com que o aduzi, fi-lo tendo em vista, primeiro, mostrar a loucura das positivas e precipitadas asserções de Le Soleil, mas, em segundo lugar, e principalmente, trazer você, pelo mais natural dos caminhos, a uma visão mais avançada da duvida sobre se esse crime foi ou não foi obra de uma quadrilha.

Resumiremos esta questão com a simples referência aos pormenores revoltantes do cirurgião interrogado neste inquérito. É apenas necessário dizer que as interferências dele publicadas, a respeito do número de rufiões, foram devidamente ridicularizadas, como injustas e totalmente sem base, por todos os anatomistas reputados de Paris. Não que a coisa não pudesse ter sido assim inferida, mas é que não havia lugar para

essa inferência.

Não haverá tampouco outras?

Reflitamos agora sobre os "sinais de uma luta". E permita-me perguntar o que se supôs que esses sinais demonstrassem. Uma quadrilha. Mas não demonstrariam antes a ausência de uma quadrilha?

Que luta poderia ter tido lugar, que luta tão violenta e tão tenaz que deixasse sinais em todas as direções, entre uma fraca moça indefesa e uma imaginada quadrilha de rufiões?

O silencioso aperto de uns poucos braços brutais, e estaria tudo terminado. A vítima deveria ter ficado absolutamente passiva, à sua discrição. Você aqui levará em consideração que os argumentos apresentados contra o fato de ser a moita a cena do crime são aplicáveis principalmente apenas contra ela, como a cena de um crime cometido por mais de só indivíduo. Se imaginamos, porém, um só violador, podemos conceber, e conceber só assim, a luta de natureza tão violenta e tão obstinada, que deixou "sinais" aparentes.

E mais ainda. Já mencionei a suspeita a suscitar-se contra o fato de que os objetos em questão tiveram de permanecer, de alguma forma, na moita onde foram descobertos.

Parece quase impossível que essas provas de culpabilidade tenham sido deixadas ali onde foram encontradas acidentalmente. Houve, supõe-se, suficiente presença de espírito, para remover o cadáver. E contudo, uma prova mais positiva do que o próprio cadáver (cujas feições poderiam ter sido completamente desfeitas pela decomposição) é deixada exposta visivelmente no local do crime; refiro-me ao lenço com o nome da morta. Se foi acidental, não o acidente de uma quadrilha. Podemos imaginá-lo apenas com o acidente de um indivíduo. Vejamos. Um indivíduo cometeu o crime. Está sozinho com o espírito da morta.

E apavorado pelo que jaz imóvel à sua frente. A fúria de sua paixão desapareceu. E há no coração bastante espaço para o natural pavor de sua façanha. Não tem aquela segurança que a presença de outros inevitavelmente inspira. Está sozinho com a morta. Treme e está transtornado.

Com tudo, há necessidade de livrar-se do cadáver. Carrega-o até o rio e deixa atrás de si as outras provas de sua culpa, pois é difícil, senão impossível, transportar toda a carga de uma vez, e será fácil voltar para buscar o que se deixou. Mas, em sua penosa caminhada para a água, seus temores redobram dentro dele. Os rumores da vida seguem-lhe os passos. Uma dúzia de vezes ouve, ou julga ouvir as passadas de um observador. Até mesmo as luzes da cidade o perturbam. Contudo, a tempo e com longas e frequentes pausas de profunda angústia, alcança ele a margem do rio e livra-se de sua carga apavorante, talvez graças a um bote. Mas que tesouro haveria no mundo, que ameaça de vingança poderia haver, que tivesse poder de impelir aquele assassino solitário a voltar, por aquele mesmo caminho perigoso e penoso, até a moita e suas sangrenta recordações?

Ele não volta, sejam quais forem as consequências. Não podia voltar, se quisesse. Seu único pensamento é a fuga imediata. Volta as costas para sempre àqueles apavorantes bosquetes foge como que diante da ira por vir.

Mas, se se tratasse de uma quadrilha? O número de membros teria inspirado a todos confiança, se, realmente, jamais há falta de confiança no peito dos meliantes

consumados, e só de meliante consumados é que se supõe estejam constituídas as quadrilhas. O número deles, repito, teria evitado o terror irracional e transtornante que, imaginei, paralisaria o homem solitário. Se supuséssemos uma negligência em um, ou dois, ou três, esse descuido teria sido remediado por um quarto. Não teriam deixado nada para trás, pois seu número os capacitaria a levar tudo de uma vez. Não haveria, então, necessidade de voltar.

Considere agora a circunstância de que, na vestimenta externa do cadáver, quando encontrado, uma tira, de cerca de trinta centímetros de largura, tinha sido rasgada, desde a barra de baixo até a cintura, enrolada três vezes em volta da cintura e atada por meio de uma espécie de nós, nas costas. Isso foi feito com o objetivo evidente de formar uma alça para carregar o corpo. Teria, porém, algum grupo de homens sonhado em recorrer a tal expediente?

Para três ou quatro, os membros do cadáver teriam fornecido uma alça não só suficiente, mas a melhor possível. Tal recurso é o de um indivíduo só; e isso nos leva ao fato de que, "entre o bosquezinho e o rio", os parapeitos da cerca foram encontrados arriados e o solo mostrava sinais evidentes de haver sido arrastado por ele algum fardo pesado" Mas um grupo de homens ter-se-ia dado ao trabalho supérfluo de arriar uma cerca, para o fim de arrastar por ali o cadáver que eles poderiam bem ter passado por cima de qualquer cerca em um instante? Precisaria um grupo de homens ter arrastado assim o cadáver, a ponto de ter deixado sinais evidentes do arrastamento?

E aqui devemos referir-nos a uma observação de *Le Commercial*, uma observação sobre a qual já fiz, de algum modo, comentários. Um pedaço - diz o jornal - de um dos saiotas da infortunada moça, de sessenta centímetros de comprimento e trinta de largura, fora arrancado e amarrado sob seu queixo, atando-se na nuca, provavelmente para impedir os gritos. Isso foi feito por sujeitos que não tinham lenços de bolso."

Eu já sugeri que um meliante genuíno nunca anda sem um lenço. Mas não é este fato que agora friso especialmente. Que essa atadura foi empregada quando não faltava um lenço para o fim imaginado por *Le Commercial* torna-se visível pelo fato de haver sido deixado um lenço no bosque; e que o objetivo não era "impedir gritos", deduz-se também do fato de haver sido empregada de preferência a atadura, em vez do que muito melhor conviria para tal fim. Mas a linguagem do inquérito fala da atadura em questão como "encontrada em volta do pescoço, adaptada frouxamente e amarrada com um nó cego". Estas palavras são suficientemente vagas, mas diferem materialmente das de *Le Commercial*. A tira era de uma largura de dezoito polegadas e, por conseguinte, embora de musselina, formaria uma faixa forte, quando dobrada ou enrolada longitudinalmente. E enrolada assim é que foi descoberta.

Minha dedução é esta tendo o assassino solitário conduzido o corpo, por alguma distância (seja do bosque ou de outro lugar), por meio da faixa em forma de alça, em volta de sua cintura, achou que o peso, nesse modo de agir, era demasiado para suas forças. Resolveu arrastar o fardo... a pesquisa chega a mostrar que ele foi arrastado. Com esse fim em vista, tornou-se necessário amarrar qualquer coisa como uma corda, às extremidades.

Podia ser amarrada melhor em volta do pescoço, onde a cabeça a impediria de

escapular.

E então o assassino pensou, inquestionavelmente, em servir-se da faixa, em torno dos rins. Tê-la-ia usado desse modo se não houvesse seu enrolamento em torno do cadáver, o nó forte que a prendia e a reflexão de que ela não havia sido "arrancada" da roupa. Era mais fácil arrancar novo pedaço da saia branca. Arrancou-o deu-lhe um nó em volta do pescoço e assim arrastou sua vítima até a margem do rio. O fato de que essa "faixa", só conseguida com trabalho e demora, e apenas imperfeitamente servindo ao fim visado, o fato de que essa faixa tenha sido empregada de qualquer modo demonstra que a necessidade de seu emprego nasceu de circunstâncias que se manifestaram num momento em que não era mais alcançável o lenço, isto é, manifestaram-se, como imaginamos depois de deixar o bosquezinho (se fosse mesmo o bosquezinho) e no caminho entre o bosque e o rio.

Mas o depoimento, dirá você, da Sra. Deluc indica especialmente a presença de uma quadrilha, nas vizinhanças do bosque no momento do assassinio, ou perto dele. De acordo. Duvido é de que não existisse uma dúzia de quadrilhas como a descrita pela Sra. Deluc, na vizinhança da Barreira do Roule, ou perto dela, no momento dessa tragédia, ou perto dele. Mas a quadrilha que atraiu sobre si a frísada animadversão da Sra. Deluc, embora seu depoimento seja algo tardio e muito suspeito, é a única apresentada por aquela honesta e escrupulosa velha senhora como tendo comido os bolos dela e tragado sua aguardente, sem dar-se ao incômodo de pagar-lhe. Et hinc illae irae?

Qual, porém, é o depoimento preciso da Sra. Deluc? "Uma quadrilha de malfetores apareceu, comportou-se ruidosamente, comeu e bebeu sem pagar, seguiu pelo caminho do rapaz e da moça, voltaram à estalagem por volta do crepúsculo e tornaram a atravessar o rio como se estivesse com grande pressa."

Ora, essa "grande pressa" muito possivelmente pareceu "maior pressa" aos olhos da Sra. Deluc, desde que ela se demora, inquieta e dolorosamente, sobre a violação de seus bolos e aguardente, bolos e aguardente pelos quais ainda podia ter mantido uma fraca esperança de retribuição. Por que, de outro modo, desde que estava a ponto de escurecer, teria ela feito questão da pressa? Não há motivo para admirar, por certo, que mesmo uma quadrilha de meliantes tivesse pressa em voltar para casa, quando se deve atravessar por um largo rio em pequenos botes, quando está prestes uma tempestade e quando a noite se aproxima.

Digo: aproxima-se. Porque a noite não chegara ainda. Foi só "por volta do crepúsculo" que a indecente pressa daqueles "malfetores" ofendeu os castos olhos da Sra. Deluc. Mas dizem-nos que foi nessa mesma tarde que "a Sra. Deluc, bem como seu filho mais velho ouviram gritos de mulher nas vizinhanças da hospedaria". E com que palavras designa a Sra. Deluc o período da tarde em que tais gritos se ouviram? Diz ela: "Foi logo depois de escurecer..." Mas "logo depois de escurecer" há, no mínimo, escuridão; e por volta do crepúsculo há, certamente, luz diurna.

Assim, torna-se abundantemente claro que a quadrilha deixou a Barreira do Roule antes que os gritos fossem ouvidos pela Sra. Deluc, casualmente (?). E embora em todos os numerosos relatos do depoimento as expressões respectivas em apreço sejam distinta e invariavelmente tais como as que empreguei nesta conversação com você, nenhuma notícia, qualquer que fosse, da enorme discrepância ainda foi assinalada por qualquer dos grandes jornais ou por qualquer dos esbirros da polícia.

Aos argumentos contra uma quadrilha devo acrescentar apenas um; mas este, pelo menos, para minha compreensão, tem um peso inteiramente irresistível. Sob as circunstâncias da grande recompensa oferecida e do pleno perdão a qualquer denunciador dos cúmplices não se deve imaginar, por um momento, que algum membro de uma quadrilha de rufiões de baixa classe, ou de qualquer grupo de homens, deixaria de trair seus cúmplices. Cada um de uma quadrilha assim colocada não só estaria muito ávido pela recompensa, ou ansioso por escapar, como temeroso de traição. Ele trai, apressada e rapidamente, para que ele mesmo não possa ser traído. Que o segredo não tenha sido divulgado é a melhor prova que é, de fato, um segredo. Os horrores deste sinistro caso são conhecidos somente por uma ou duas criaturas humanas vivas e por Deus.

Recapitulemos agora os escassos porém seguros frutos de nossa longa análise.

Chegamos à convicção seja dum fatal acidente, sob o teto da Sra. Deluc, seja dum crime perpetrado, na moita da Barreira do Roule, por um amante, ou pelo menos por um camarada íntimo e secreto da morta. Esse camarada tem a tez morena. Essa tez, o "nó"

na faixa e o " nó de marinheiro", com que está atada a fita do chapéu, designam um homem do mar. Sua camaradagem com a morta, uma moça alegre mas não abjeta, denuncia-o como de grau superior ao de simples marinheiro. Aqui as comunicações urgentes e bem escritas aos jornais servem bastante para corroborar nossa hipótese. A circunstância da primeira fuga, revelada por *Le Mercure*, leva a fundir a ideia desse marinheiro com a daquele "oficial de marinha", que se conhece como tendo sido o primeiro que induziu a infeliz a cometer uma falta.

E aqui, com a maior oportunidade, se apresenta a consideração da contínua ausência desse tal homem de tez morena. Detenhamo-nos na observação de que a tez desse homem é escura e queimada; não é uma tez simplesmente requemada essa que constitui o único ponto de recordação tanto para Valence como para a Sra. Deluc. Mas porque está ausente esse homem? Teria sido assassinado pela quadrilha? Se tal aconteceu, por que há apenas sinais da moça assassinada? Há de supor-se que o local do crime tenha sido o mesmo. E onde está o cadáver dele? Com toda a probabilidade deveriam os assassinos ter-se livrado de ambos, da mesma maneira. Mas pode-se alegar que este homem está vivo e que o receio de ser acusado do crime o impede de se dar a conhecer. Somente agora é que se pode supor que essa consideração aja sobre ele, tão tarde já, pois foi testemunhado ter sido ele visto com Maria, mas não teria tido força alguma no período do crime.

O primeiro impulso dum homem inocente teria sido anunciar o crime e ajudar a identificar os bandidos. Esta política seria aconselhável. Fora visto com a moça. Cruzara o rio com ela num barco descoberto. A denúncia dos assassinos teria parecido, mesmo a um idiota, o meio único e mais seguro de livrar a si mesmo de suspeita. Não podemos supô-lo, na noite do domingo fatal, ao mesmo tempo inocente e ignorante dum crime cometido. Entretanto, somente em tais circunstâncias é possível imaginar que, estando vivo, deixasse de denunciar os assassinos. E que meios possuímos de alcançar a verdade?

Veremos esses meio se multiplicarem e se reunirem distintamente, à medida que avançarmos. Sondemos até o fundo esse caso da primeira fuga. Tomemos conhecimento da história completa do oficial, bem comodas circunstâncias atuais em

que se encontra e do seu paradeiro na época precisa do crime. Comparemos cuidadosamente umas as outras as várias comunicações enviadas aos jornais da noite, o objetivo era incriminar uma quadrilha.

Isto feito, comparemos essas comunicações, pelo estilo e pela caligrafia, com as enviadas ao jornal da manhã, em ocasião precedente, instinto tão veementemente na culpabilidade de Mennais. E feito tudo isto, comparemos de novo essas várias comunicações a caligrafia conhecida do oficial. Tentemos averiguar, por meio dos repetidos interrogatórios da Sra. Deluc e de seus filhos, bem como do condutor do ônibus, Valence, alguma coisa mais a respeito aparência pessoal e atitudes do "rapaz moreno". Perguntas, habilmente dirigidas, não deixarão de arrancar, de algumas dessas testemunhas, informações sobre esse ponto particular (ou sobre outros - informações que nem mesmo as próprias testemunhas podem estar certas de possuir. E depois sigamos o bote, recolhido pelo bateleiro, na manhã de segunda-feira, 23 de junho, e que foi retirado do escritório de navegação sem que o oficial de serviço disso tivesse conhecimento, e sem o leme, em certa ocasião anterior à descoberta do cadáver. Com a devida precaução e perseverança seguiremos infalivelmente esse bote, pois não somente o bateleiro que o recolheu pôde identificá-lo, mas temos o leme à nossa disposição. O leme dum bote a vela não teria sido abandonado sem busca por alguém de coração inteiramente à vontade. E paremos aqui para insinuar uma sugestão. Não houve aviso do recolhimento desse bote. Foi silenciosamente levado para o escritório de navegação e silenciosamente de lá saiu. Mas como se deu que seu proprietário, ou quem dele se utilizava, logo na terça-feira de manhã, fosse informado, sem nenhum aviso, do local onde se achava o bote recolhido na segunda-feira, a menos que imaginemos alguma conexão com a marinha, alguma conexão permanente e pessoal que implicasse o conhecimento de seus mínimos interesses e de suas pequeninas notícias locais?

Ao falar do assassino solitário levando sua carga para a praia já tinha eu insinuado a probabilidade de haver-se ele utilizado dum bote. Compreendemos agora que Maria Roget foi precipitada dum bote. Deve ter sido este, naturalmente, o caso. O cadáver não pode ter sido confiado às águas pouco profundas da praia. As marcas características nas costas e nos ombros da vítima denunciam as travessas do fundo dum barco.

Que o corpo tenha sido encontrado sem um peso, vem também corroborar a hipótese. Se tivesse sido lançado da margem, ter-lhe-iam por certo amarrado um peso. Só podemos explicar-lhe a falta supondo que o assassino esqueceu a precaução de suprir-se de um, antes de pôr-se ao largo. No ato de lançar o corpo à água, deveria ter, sem dúvida alguma, percebido sua negligência; mas então remédio algum havia à mão. Qualquer risco seria preferível a voltar à maldita praia. Uma vez livre de sua horrenda carga, ter-se-ia criminoso apressado em voltar para a cidade. Ali, em qualquer cais obscuro teria saltado em terra. Mas o bote, tê-lo-ia posto em segurança? Muita era a pressa que tinha, para perder tempo em guardar um bote. Além disso, amarrando-o ao cais, teria acreditado estar amarrado uma prova contra si mesmo. Naturalmente pensou em afastar de si, o mais longe possível, tudo quanto tivera relação com seu crime. Não somente fugira do cais, mas não deixara que o bote lá ficasse. Por certo, empurrou-o para a correnteza.

Prossigamos na nossa concepção. Pela manhã, o miserável foi tomado de indizível

terror, ao descobrir que o bote tinha sido recolhido à um lugar que ele costumava frequentar diariamente, a um lugar talvez, que suas ocupações o obrigassem a frequentar. Na noite seguinte sem ousar perguntar pelo leme, fez desaparecer o bote. Onde se encontra agora esse bote sem leme? Seja um dos nossos primeiros objetivos descobri-lo. Com o primeiro esclarecimento que pudemos obter, começará a aurora de nosso êxito. Este bote nos guiará com uma rapidez que surpreenderá a nós próprios, àquele que utilizou à meia-noite do domingo fatídico. Confirmações se amontoarão sobre confirmações e seguiremos a pista do criminoso.

Por motivos que não especificaremos, mas que parecerão claros a muitos leitores, tomamos a liberdade de omitir aqui, do manuscrito a nós entregue, a parte em que se acha pormenorizado o prosseguimento do indício, aparentemente ligeiro, descoberto por Dupin.

Julgamos conveniente apenas fazer conhecer, em resumo, que o resultado desejado foi obtido e que o Chefe de Polícia cumpriu, pontualmente, embora com relutância, os termos de seu contrato, com o cavalheiro. O artigo do Sr. Poe conclui com as palavras que se seguem : Compreender-se-á que falo de simples coincidências e nada mais. O que já disse a respeito deste assunto deve bastar. Não há no meu coração nenhuma fé no sobrenatural. Que a Natureza e Deus sejam dois, nenhum homem que pensa poderá negá-lo. Que este, criando aquela, pode, à vontade, controlá-la, ou modificá-la, é também incontestável. Digo "à vontade", pois a questão é de vontade, e não de poder, como certos lógicos absurdos o têm suposto. Não é que a Divindade não possa modificar suas leis, mas nós a insultamos imaginando uma possível necessidade de modificação. Na sua origem essas leis foram feitas para abarcar todas as contingências que poderiam fazer no futuro. Com Deus tudo é presente.

Repito, pois, que falo dessas coisas somente como coincidências. E mais ainda no que relato, ver-se-á que, entre a sorte da infeliz Maria Cecília Roget até onde se conhece essa sorte, e a sorte de uma tal Maria Roget, até certa época de sua história, existiu um paralelo na contemplação de cuja maravilhosa exatidão a razão se sente embaraçada.

Digo que tudo isso se verá. Mas nem por um instante se suponha que, continuando a triste história de Maria, desde a época mencionada e encalçando até sua solução o mistério que a cercava, foi meu designio secreto sugerir uma extensão do paralelo, ou mesmo insinuar que as medidas adotadas em Paris, para a descoberta do assassino de uma grisette, ou medidas baseadas sobre um método de raciocínio semelhante, produziram resultado idêntico. Porque em relação a última parte da suposição, dever-se-ia considerar que a mais leve variação nos fatos dos dois casos poderia dar origem aos mais graves erros de cálculo, fazendo divergir totalmente os dois cursos de acontecimentos, como acontece tantas vezes em aritmética, em que um erro inapreciável, se tomado individualmente, produz afinal, por força de multiplicação em todos os pontos da operação, um resultado enormemente distante do verdadeiro.

E relativamente à primeira parte, não devemos deixar em vista que esse mesmo cálculo das probabilidades a que me referi interdiz qualquer ideia da extensão do paralelo e a interdiz com uma positividade forte e decidida, justamente na proporção em que esse paralelo já tem sido lento e exato. É esta uma dessas proposições anômalas que, se bem que pareça considerar-se totalmente separada da matemática, é

contudo daquelas que somente os matemáticos podem plenamente conceber. Nada, por exemplo é mais difícil do que convencer o leitor comum de que o fato de ter sido o seis lançado duas vezes sucessivas, por um jogador de dados, é causa suficiente para apostar-se em grosso que o seis não aparecerá na terceira tentativa.

Uma sugestão dessa espécie é geralmente rejeitada pela inteligência, imediatamente. Não se compreende como as duas jogadas já realizadas, e que são agora coisa absolutamente do passado, possam ter influência sobre a terceira que existe somente no futuro. A possibilidade de obter o seis parece ser precisamente o que ela era em não importa qual momento, isto é, sujeita tão só à influência das várias outras jogadas que os dados possam fazer. E esta é uma reflexão que parece tão excessivamente evidente que qualquer tentativa de controvertê-la é recebida mais frequentemente com um sorriso de zombaria do que com algo que lembra uma atenção respeitosa. O erro aqui implicado, grande erro grávido de males, não pode ser aqui exposto, dentro dos limites que me são atualmente concedidos, e para os filósofos dispensa explicação. Basta dizer aqui que forma ele um engano de uma infinita serie de enganos, que surgem no caminho da Razão, em virtude de sua tendência em buscar a verdade no pormenor.

TU ÉS O HOMEM

DESEMPENHAREI agora o papel de Édipo, para o enigma de Rattleburgo. Exporemos-ci, como somente eu posso fazê-lo, o segredo do maquinismo que efetuou o milagre de Rattleburgo o autêntico, o admitido, o indisputado e indisputável milagre que pôs definitivamente fim à infidelidade entre os rattleburgueses, converteu à ortodoxia das vovós e de qualquer materialista que antes se aventurara a ser cético.

Este acontecimento, que seria triste discutir num tom de inoportuna levandade, ocorreu no verão de 18... O Sr. Barnabé Shuttleworthy, um dos mais ricos e dos mais respeitáveis cidadãos do burgo, estivera desaparecido por vários dias, em circunstâncias que despertavam suspeitas de uma má ação. O Sr. Shuttleworthy se ausentara de Rattleburgo num sábado, de manhã, bem cedo, a cavalo, com a confessada intenção de ir à cidade de N***, a cerca de quinze milhas de distância, e de lá voltar na noite do mesmo dia. Duas horas depois de sua partida, porém, seu cavalo voltou sem ele e sem os alforjes, que lhe tinham sido amarrados ao lombo, ao partir. O animal estava também ferido e coberto de lama. Estas circunstâncias suscitaram naturalmente grande alarme entre os amigos do homem desaparecido, e quando se verificou, no domingo de manhã, que ele ainda não havia reaparecido, todo o burgo se ergueu para ir procurar seu corpo.

O primeiro e mais enérgico em organizar essa busca era o amigo do peito o Sr. Shuttleworthy, um tal Sr. Carlos Goodfellow, ou como era por todos chamado, "Carlito Goodfellow", ou "Carlito Velho Goodfellow". Ora, se se trata apenas de maravilhosa coincidência, ou se e que o próprio nome tem imperceptível efeito sobre o caráter, não fui capaz de certificar-me; mas é fato questionável que nunca houve ninguém chamado Carlito que não fosse um sujeito franco, valente, honesto, afável e cordial, com uma rica e clara voz, agradável de ouvir-se, e um olhar que parece encarar sempre a gente diretamente como se dissesse: "Tenho uma consciência limpa, não tenho medo de homem nenhum e sou completamente incapaz de praticar uma ação indigna." E assim todos os alegres e descuidados artistas secundários do palco estão bem certos de ser chamados Carlos.

Ora, o "Carlito Velho Goodfellow", embora estivesse em Rattleburgo, não havia mais de seis meses ou por aí assim, e embora soubesse qualquer coisa a seu respeito antes que viesse estabelecer-se na vizinhança, não tivera dificuldade alguma em travar conhecimento com todas as pessoas respeitáveis do burgo. Nenhuma delas havia que não acreditasse piamente numa sua simples palavra, a qualquer momento; quanto às mulheres, não se pode dizer o que elas não teriam feito para obsequiá-lo. E tudo isso lhe vinha do fato de ter sido batizado como Carlos e de possuir, em consequência, aquele rosto ingênuo, que é proverbialmente a "melhor carta de recomendação".

Já disse que o Sr. Shuttleworthy era um dos mais respeitáveis e indubitavelmente, o homem mais rico de Rattleburgo e que "Carlito o Goodfellow" estava em tão íntimas relações com ele como se fosse seu próprio irmão. Os dois velhos cavalheiros eram vizinhos de casas contíguas e, embora o Sr. Shuttleworthy raramente, ou jamais visitasse 1 "Carlito Velho", nunca se soube que tivesse feito alguma refeição em sua casa; contudo, isso não impedia que os dois amigos fossem excessivamente íntimos,

como justamente observei. Quanto a "Carlito Velho", nunca deixou passar um dia sem ir três ou quatro vezes ver como seu vizinho ia passando e as vezes ficava para almoçar ou para o chá, e quase sempre jantar. Coisa realmente bem difícil de averiguar seria a quantidade de vinho escorruptada pelos dois camaradas numa reunião dessas. A bebida preferida de "Carlito Velho" era o Château Margaux e parecia confortar o coração do Sr. Shuttleworthy ver o amigo bebê-lo, como fazia, quartilho após quartilho. De modo que um dia, quando o vinho estava dentro e o juízo, como consequência natural, um tanto fora, disse ele a seu companheiro, dando-lhe pancadinhas nas costas: - Vou dizer-lhe o que é que você é, "Carlito Velho". Você é indubitavelmente o sujeito mais cordial que eu jamais encontrei desde de que nasci. E já que você gosta de beber vinho dessa maneira, muito me haveria de amaldiçoar se não lhe fizesse presente de uma grande caixa do Château Margaux.

- Diabos me levem! – exclamou o Sr. Shuttleworthy, que tinha o triste hábito de praguejar, embora raramente passasse de: "Diabos me levem!", "Que eu me dane", ou "Com os seiscentos diabos!". - Diabos me levem -ele - se não mandar uma ordem para a cidade esta tarde pedindo uma caixa dupla do melhor que se possa encontrar, fazer presente dela a você. E mando mesmo! Você não diz uma só palavra agora: eu mando, é o que lhe digo, e não se fala mais nisso. E não se preocupe. Chegará às nossas mãos um destes belos dias, precisamente quando menos o esperarmos.

Menciono essa pequena amostra de liberalidade da parte do Sr. Shuttleworthy justamente para mostrar-vos quanta intimidade e compreensão existia entre os dois amigos.

Pois bem, na manhã do domingo em questão, quando se tornou claramente patente que algo de mau havia acontecido ao Sr. Shuttleworthy, jamais vi alguém tão profundamente abalado como "Carlito Velho Goodfellow". Quando soube, a princípio, que o cavalo voltado para casa sem seu dono e sem os alforjes, todo ensanguentado por um tiro de pistola, que atravessara simplesmente o peito do pobre animal, sem matá-lo; quando ouviu tudo isso, ficou pálido como se o homem desaparecido tivesse sido seu irmão querido ou seu pai, e tremia e se agitava todo, como se tivesse com um ataque de maleita.

A princípio sentia-se demasiado acabrunhado de tristeza para poder fazer qualquer coisa ou decidir qualquer plano de ação. Assim é que, durante muito tempo, tentou dissuadir os outros amigos do Sr. Shuttleworthy de provocar qualquer agitação em torno do assunto, achando melhor esperar-se, entrementes – digamos, uma semana ou duas, ou um mês, ou dois -, para ver se alguma coisa não se apresentaria ou se o Sr. Shuttleworthy não voltaria de maneira natural e explicaria as razões de ter enviado seu cavalo na frente. Suponho que tendes muitas vezes observado esta disposição para contemporizar, ou para adiar, nas pessoas que sofrem qualquer pungente sofrimento. As forças de sua parecem cair em torpor, de maneira que têm elas horror de qualquer coisa que se pareça com ação e nada acham melhor no mundo que ficar quietamente na cama e "ninar sua dor", que dizem as velhas, isto é, ruminar as contrariedades.

O povo de Rattleburgo tinha, de fato, tão alta opinião da sabedoria e da discrição de "Carlito Velho" que a maior parte das pessoas se sentiu disposta a concordar com ele, e não agitar o caso, "até que alguma coisa se apresentasse", como tinha dito honesto cavalheiro. E eu acredito que, afinal, teria sido esta decisão geral, não fosse a

interferência bem suspeitosa do sobrinho do Sr. Shuttleworthy, rapaz de costumes dissipados e, além disso, um tanto dotado de mau caráter. Esse sobrinho, cujo nome Pennifeather, não concordava absolutamente com aquela estória de ficar quieto", mas 2 insistiu numa imediata busca do "cadáver do homem assassinado". Era esta a expressão que ele empregava.

O Sr. Goodfellow agudamente observou, no mesmo instante, que era singular, para não dizer mais. Essa observação de Carlito Velho, produziu também grande efeito sobre a multidão e alguém do grupo perguntou, muito intencionalmente, como era que o jovem Sr. Pennifeather se mostrava tão íntimo conhecedor de todas as circunstâncias relacionadas com o desaparecimento de seu rico tio, a ponto de sentir-se autorizado a afirmar, inequivocamente, que seu tio era "um homem assassinado".

Nisso, ocorreram pequenas alterações e disputas entre várias pessoas do povo e especialmente entre "Carlito Velho" e o Sr. Pennyfeather, embora esta última ocorrência não fosse de fato absolutamente novidade, pois certa má-vontade se suscitara entre os dois os últimos três ou quatro meses, e as coisas tinham ido tão longe que o Sr. Pennifeather tinha realmente esmurrado o amigo do tio, por causa de um alegado excesso de liberdade que o último tomara, na casa do tio, da qual era o sobrinho morador.

Nessa ocasião, conta-se que "Carlito Velho" comportou-se com exemplar moderação e caridade cristã. Levantou-se, depois de recebido o golpe, ajeitou as roupas e nenhuma tentativa fez de reação, murmurando apenas algumas palavras relativas a "tomar sumária vingança na primeira oportunidade conveniente" natural e bem justificável ebulição de cólera, que nada significava porém, e sem dúvida tão logo fora expressa, já estava esquecida.

Seja como for (coisa que não diz respeito ao assunto agora em questão), é completamente certo que o povo de Rattleburgo, principalmente em virtude da persuasão do Sr. Pennifeather, decidiu-se a dispersar-se pelas regiões adjacentes, em busca do desaparecido Sr. Shuttleworthy. Digo que chegaram esta decisão em primeiro lugar.

Depois que fora completamente resolvido que se fizesse uma busca, considerou-se quase fora de questão que os pesquisadores se dispersariam, isto é, se distribuiriam em grupos, para mais cuidadoso exame de toda a região em redor. Não sei, porém, porque engenhoso raciocínio foi que "Carlito Velho", finalmente, convenceu a assembleia de que era aquele o plano mais desarrazoado do que se poderia realizar. Convenceu-os, contudo, a todos, exceto ao Sr. Pennifeather; e afinal ficou combinado que se faria uma busca cuidadosa e bem completa, por todos os habitantes em massa, dirigidos pelo próprio "Carlito Velho".

Quanto a isto, não poderia haver melhor pioneiro do que "Carlito o Velho", que todos sabiam possuir olhos de lince; mas, embora ele os levasse a tudo quanto era recanto e buraco, fora da estrada e linhos que ninguém jamais suspeitara existissem na vizinhança embora a busca fosse mantida, sem cessar, dia e noite, durante quase uma semana, nenhum sinal do Sr. Shuttleworthy pôde ser descoberto. Quando digo "nenhum sinal", porém, não se deve entender que falo literalmente, porque sinais, até certo ponto, certamente havia.

O pobre homem tinha chegado, como se verificou pelas ferraduras de seu cavalo (que eram características), a um lugar situado a três milhas a leste do burgo, na

estrada principal que levava à cidade. Ali, o rastro desviou-se para uma vereda, através de um trecho de mata, entroncando-se a vereda, novamente para a estrada principal e atalhando assim cerca de meia milha da distância regular. Acompanhando as marcas de ferradura por aquele atalho, o grupo chegou afinal a um brejo de água estagnada, oculto pelas sarças, à direita do atalho. Do outro lado do brejo todo o vestígio do rastro desaparecera.

Parecia, porém, que luta de certa natureza ali se realizara e que algum corpo, grande e 3 pesado, muito maior e mais pesado que o de um homem, tinha sido arrastado da vereda para o brejo.

Este foi cuidadosamente dragado duas vezes, mas nada se encontrou. E a ponto de retirar-se, sem ter conseguido chegar a resultado algum quando a Providência sugeriu ao Sr. Goodfellow o expediente de drenar toda a água. Esse projeto foi recebido com aplausos e elevados cumprimentos se dirigiram a Carlito Velho, por sua sagacidade e ponderação.

Como muitos dos habitantes tinham pás consigo, na suposição de que teriam de desenterrar um cadáver o drenamento foi fácil e rapidamente efetuado; e tão logo o fundo do brejo se tornou visível, surgiu em meio da lama restante o colete de veludo preto, que quase todos os presentes, imediatamente reconheceram como pertencente ao Sr. Pennifeather.

Esse estava bastante dilacerado e manchado de sangue e muitas das pessoas que ali se achavam lembravam-se, distintamente, de que o dono o usara justamente na manhã da partida do Sr. Shuttleworthy para a cidade, ao mesmo tempo que outras estavam prontas a testemunhar, sob juramento, se preciso, que o Sr. Pennifeather não usara a peça de roupa em questão, durante o restante daquele mesmo dia; como também ninguém se podia achar que dissesse ter aquele colete na pessoa do Sr. Pennifeather em tempo algum seguida ao desaparecimento do Sr. Shuttleworthy.

As coisas agora estavam tomando aspecto muito sério para o Sr. Pennifeather e foi observado, como indubitável confirmação das suspeitas levantadas contra ele, que se tornou excessivamente pálido e, quando perguntado o que tinha a dizer em seu favor, foi absolutamente incapaz de dizer uma palavra. Nisto os poucos amigos que o seu modo dissoluto de vida lhe deixara abandonaram imediatamente como um só homem e se mostraram mesmo indignados do que seus antigos e confessados inimigos, exigindo , imediata detenção. Mas, por outro lado, a magnanimidade do Goodfellow esplendeu, com o mais brilhante lustre, pelo contraste. Fez, calorosa e intensamente, eloquente defesa do Sr. Pennifeather na qual aludiu mais de uma vez ao seu próprio e sincero perdão àquele grosseiro rapaz, "o herdeiro do digno Sr. Shuttleworthy pelo insulto que ele (o rapaz)

tinha, sem dúvida no ardor da paixão achado próprio descarregar na pessoa dele (Sr. Goodfellow).

Perdoava-o - dizia ele - do âmago do seu coração e quanto a mesmo (Sr. Goodfellow), longe de levar ao extremo as circunstâncias suspeitas, que, sentia muito dizê-lo, se haviam realmente levantado contra o Sr. Pennifeather, ele (Sr. Goodfellow) faria o estivesse em seu poder, empregaria toda a pouca eloquência de que era possuidor, para a suavizar, tanto quanto lhe fosse possível fazer em consciência, os piores aspectos daquela parte excessivamente espantosa do caso.

O Sr. Goodfellow prosseguiu, durante uma comprida meia hora, desse jeito para

muito crédito de sua cabeça e de seu coração; mas toda essa gente muito bondosa raramente se mostra bem ajuizada em suas observações; mete-se em toda espécie de disparates, contra tempos e despropósitos, na efervescência de seu zelo em servir a um amigo de modo que, muitas vezes, com a mais bondosa das intenções, causa infinitamente mais prejuízo à sua causa do que serve.

Assim no caso presente, aconteceu com toda a eloquência de Velho, pois, embora procurasse ativamente atenuar as suspeitas contudo aconteceu que, duma forma ou de outra, cada sílaba pronunciava, e cuja tendência direta, mas inconsciente, não fosse a de exaltar o orador no bom conceito de seu auditório, produziu o efeito de intensificar a suspeita já ligada ao indivíduo cuja causa ele advogava e de suscitar contra este a fúria da multidão. Um dos mais inacreditáveis erros, cometidos pelo orador, foi sua alusão ao suspeito como sendo "o herdeiro do digno cavalheiro Shuttleworthy". O povo, realmente, 4 nunca tinha pensado nisso. Lembrava-se de certas ameaças de deserção proferidas uma ou duas vezes antes pelo tio (que não tinha parente vivo, exceto o sobrinho), e tinha por isso encarado sempre essa deserção como questão assentada, tão simplórios eram os rattleburgueses. Mas a observação de "Carlito Velho" levou-os imediatamente a considerar o ponto, fazendo-os ver que a possibilidade das ameaças nada mais tinha sido que uma ameaça.

E logo diretamente ergueu-se a questão do cui bono?, questão que, muito mais do que o concorreu para ligar o rapaz ao terrível crime. E aqui, no de poder vir a ser mal-entendido, permiti-me uma rápida digressão para simplesmente observar que a frase latina, excessivamente breve e simples, por mim empregada, é invariavelmente mal traduzida e mal entendida. Cui' bono?, em todas as novelas famosas e em qualquer outra parte - nas da Sra. Gore, por exemplo (a de Cecílio), mulher que cita todas as línguas, do caldaico ao chickasaw, e foi ajudada no seu aprendizado, "quando necessário por um sistemático plano do Sr. Bedford -, em todas as novelas famosas, dizia eu, das de Bulwer e Dickens às de Turnapenny Ainsworth, as duas pequenas palavras latinas cui bono?

aduzidas como "com que propósito?" ou (como se fosse quo bono "com que utilidade?"

Sua verdadeira significação, no entanto é "para beneficiar a quem?". Cui, a quem; bono, o benefício.

É uma frase puramente legal e aplicável precisamente a casos como o que temos agora a considerar, onde a probabilidade de autor da façanha gira sobre a probabilidade do benefício em acréscimo para esse indivíduo, ou para o que resulta do cumprimento da façanha. Ora, no presente caso, a questão cui bono? Mui diretamente implicava o Sr. Pennifeather. Seu tio o havia ameaçado de deserdá-lo, depois de haver feito um testamento em seu favor. Mas a ameaça não fora realmente mantida; o testamento não fora alterado, supunha-se. Se tivesse sido alterado, o único motivo provável para o crime, por parte do suspeito, teria sido o vulgar da vingança; e mesmo este teria sido contrabalançado com a esperança de ser reintegrado nas boas graças do tio. Mas, se o testamento não estivesse alterado, enquanto a ameaça de alteração permanecesse suspensa sobre a cabeça do sobrinho, era de supor-se imediatamente, o incitamento mais forte possível para cidade; e assim concluíam bem sagazmente os dignos burgos de Rattle.

O Sr. Pennifeather foi, conseqüentemente, detido na mesma hora e a multidão,

depois de mais algumas buscas, voltou para casa levando-o preso. Em caminho, porém, outra circunstância ocorreu tendente a confirmar a suspeita existente. O Sr. Goodfellow, cujo o zelo o levava a ficar sempre um pouco à frente do grupo, foi correr subitamente para a frente e curvar-se, depois de poucos passos, aparentando apanhar um pequeno objeto dentre a relva. Tendo-o examinado rapidamente, observaram também que ele fazia uma espécie de semi tentativa de ocultá-lo no bolso de seu paletó; esse gesto foi percebido, como eu disse, e consequentemente apanhado, quando se verificou que o objeto apanhado era uma faca espanhola, que uma dúzia de pessoas imediatamente reconheceu pertencente ao Sr. Pennifeather. Além disso, suas iniciais estavam gravadas no cabo. A lâmina daquela faca estava aberta e ensanguentada. Nenhuma dúvida restava agora a respeito da culpabilidade do sobrinho e, logo depois que chegaram a Rattleburgo, foi ele conduzido à presença de um magistrado para ser interrogado.

Ali as coisas tomaram, de novo, um aspecto ainda mais desfavorável. Interrogado a respeito de seus passos na manhã do desaparecimento do Sr. Shuttleworthy, teve o prisioneiro a absoluta audácia de confessar que justamente naquela manhã estivera com seu rifle de caçar veados, na imediata vizinhança de onde o colete manchado de sangue fora descoberto, graças à sagacidade do Sr. Goodfellow. Este último adiantou-se então e, com lágrimas nos olhos, pediu permissão para ser interrogado. Disse ele que um agudo senso dever para com seu Criador, e não menos para com seus companheiros, não lhe permitia que permanecesse por mais tempo silêncio. Até então, o mais sincero afeto pelo rapaz (não obstante o mau tratamento que o último infligira a ele, Goodfellow) o induziu a levantar todas as hipóteses que a imaginação pudesse sugerir, a fim de tentar explicar o que parecia suspeito nas circunstâncias que falavam tão seriamente contra o Sr. Pennifeather. Mas estas circunstâncias eram agora tão totalmente convincentes, tão condenatórias, que não hesitaria por mais tempo... Contaria tudo, quanto sabia, embora seu coração (o do Sr. Goodfellow), com esse esforço se fizesse em pedaços.

Passou então, a relatar que, na tarde do dia anterior ao da partida do Sr. Shuttleworthy para a cidade, aquele digno cavalheiro tinha referido a seu sobrinho, em sua presença (dele, Goodfellow), que o fim de sua ida à cidade no outro dia era fazer um depósito de uma soma de dinheiro, insolitamente elevada, no Banco da Lavoura e Comércio e que, nessa mesma ocasião, o dito Sr. Shuttleworthy tinha distintamente confessado ao dito sobrinho sua irrevogável decisão de rescindir o testamento originariamente feito e de deixá-lo sem um vintém. Ele (testemunha) apelava agora solenemente para o acusado, a fim de afirmar se o que ele (testemunha) acabava de relatar era ou não a verdade, em todos os seus pormenores substanciais. Para grande espanto de todos os presentes, o Sr. Pennifeather admitiu francamente que era a pura verdade.

O magistrado então achou de seu dever mandar dois policiais dar busca no quarto do acusado, na casa de seu tio. Voltaram imediatamente, com a bem conhecida carteira de couro vermelha com cantos de aço, que o velho costumava usar durante anos. Os valores que continha, porém, tinham sido retirados. E o magistrado em vão tentou obrigar o prisioneiro a confessar o uso que deles, ou o lugar em que os ocultara. De fato, negou ele obstinadamente que soubesse qualquer coisa a respeito daquilo. Os policiais também descobriram entre a cama e o saco de roupas do

infeliz homem uma camisa e um lenço de pescoço, ambos marcados com as iniciais de seu nome e ambos horrendamente manchados com o sangue da vítima.

Nesta conjuntura, foi anunciado que o cavalo do homem assassinado acabava justamente de expirar, na estrebria, em consequência do tiro que recebera. E foi proposto, pelo Sr. Goodfellow, que se fizesse imediatamente a necropsia do animal com objetivo, se possível de encontrar a bala. Foi tudo efetivamente realizado; e como a demonstrar, fora de qualquer dúvida, a culpa do acusado, o Sr. Goodfellow, depois de considerável pesquisa na cavidade torácica conseguiu localizar e retirar uma bala, de bem extraordinário tamanho, que, examinada, achou-se que se adaptava exatamente ao calibre do rifle do Sr. Pennifeather, ao passo que era bastante grande para o da arma de qualquer outra pessoa do burgo ou na vizinhança.

Para tornar o caso ainda mais seguro, porém, descobriu-se que aquela bala tinha uma fenda ou sutura nos ângulos direitos, em vez da sutura habitual, e, examinada, essa sutura correspondeu precisamente a uma crista acidental ou elevação, num par de moldes que o acusado reconheceu como de sua propriedade. Com a descoberta dessa bala, o magistrado sumariamente recusou-se a ouvir qualquer outro testemunho e imediatamente ordenou o julgamento do prisioneiro, negando-se de modo resolutivo a aceitar qualquer fiança para o caso, embora contra semelhante severidade Goodfellow, mui calorosamente, protestasse e se oferecesse como fiador de qualquer quantia em que fosse ela arbitrada, generosidade da parte de "Carlito Velho" estava simplesmente de acordo com todo o teor de sua amigável e cavalheiresca conduta durante todo o período de sua residência no burgo de Rattle. No presente caso, o digno homem se deixou de tal modo arrebatado por excessivo ardor de sua simpatia que pareceu ter-se esquecido completamente, quando se ofereceu para fiador de seu jovem amigo de que ele próprio, Goodfellow, não possuía um simples dólar de propriedade na face da terra.

6 O resultado do inquérito pode ser prontamente previsto. O Sr. Pennifeather, entre as elevadas execrações de todo Rattleburgo levado a julgamento na próxima sessão do júri, quando a cadeia de provas circunstanciais (reforçada como foi por alguns adicionais fatos condenatórios, que a sensível retidão de consciência do Sr. Goodfellow proibia que subtraísse ao conhecimento do tribunal) foi considerada tão indestrutível e tão totalmente conclusivo que o júri, sem mesmo levantar-se das cadeiras, pronunciou imediato veredicto de Réu de assassinio em primeiro grau. Logo depois o infeliz coitado recebeu sentença de morte e foi recambiado para a cadeia regional, a fim de lá aguardar a inexorável vingança da lei.

Entretanto, a nobre conduta de "Carlito Velho Goodfellow" tinha-o feito ser duplamente estimado pelos cidadãos honestos do burgo. Tornou-se dez vezes mais preferido que dantes; e, como natural resultado da hospitalidade com que era tratado, relaxou como era de esperar, por força, os hábitos extremamente parcimoniosos que sua pobreza até então o haviam forçado a observar, e mui frequentemente proporcionava pequenas reuniões, em sua própria casa, ocasião em que a espirotuosidade e a jovialidade imperavam supremamente, ensombradas um tanto, sem dúvida, pela fortuita recordação do destino fatal e melancólico que impedia a presença do sobrinho do falecido e pranteado amigo íntimo do generoso anfitrião. Um belo dia, aquele magnânimo cavalheiro ficou agradavelmente surpreendido, ao receber a seguinte carta.

Senhor Carlos Goodfellow, Esq., Rattleburgo.

Caro Senhor: Em conformidade com uma ordem transmitida à nossa firma, há mais de dois meses, pelo nosso estimado correspondente Sr. Barnabé Shuttleworthy, temos a honra de despachar esta manhã, para seu endereço, uma caixa dupla de Château Margaux, marca antilope, selo roxo. A caixa numerada é marcada como se indica à margem. Somos de V. Senhoria os mais obedientes servos.

Hoggs, Frogs, Bogs & Co.

Cidade de..., 21 de junho de 18...

P.S. - A caixa chegará aí, pelo trem de ferro, um dia após o recebimento desta carta.

Nossos respeitos ao Sr. Shuttleworthy.

H., F., B. & Co.

Chat. Mar. A. N.º 1, 6 doc. bot. (½ grossa).

O fato é que, desde a morte do Sr. Shuttleworthy, perdera o Sr. Goodfellow a esperança de jamais receber o prometido Château Margaux; por isso, encarou aquilo agora como uma espécie de dom da Providência em seu favor. Ficou altamente deleitado e sem dúvida, e, na exuberância de sua alegria, convidou numerosos amigos para um petit souper no dia seguinte, com o fim de abrir o presente do bom velho Shuttleworthy. Não que dissesse coisa a respeito do "bom velho Shuttleworthy", quando fez os convites.

O fato é que ele pensou muito e concluiu em nada dizer absolutamente. Não fez menção a ninguém - se bem me recorde - de haver recebido um presente de Château Margaux.

Convidou simplesmente os amigos a ir ajudá-lo a beber um pouco de vinho de excelente e notável qualidade e rico sabor que mandara buscar uns dois meses atrás, e que iria chegar no dia seguinte.

Tenho muitas vezes indagado, de mim mesmo, por que foi que chegou à conclusão de nada dizer a respeito do recebimento daquele vinho do seu velho amigo, mas nunca pude 7 precisamente compreender a razão de seu silêncio, embora tivesse uma razão excelente e bem magnânima, sem dúvida.

Chegou afinal o dia seguinte, e com ele apareceu em casa do Sr. Goodfellow uma numerosa e altamente respeitável companhia. De fato, metade do burgo ali se achava - eu mesmo me encontrava no número dos presentes - mas, para grande vexame do anfitrião o Château Margaux não havia chegado até o último instante e quando já tinham feito todos os convidados ampla justiça à suntuosa ceia proporcionada por "Carlito Velho".

Chegou afinal, uma caixa monstruosamente grande, e, como toda a companhia estivesse de excessivo bom-humor, decidiu-se, nemine contradicente, que seria colocada sobre a mesa e seu conteúdo retirado imediatamente.

Dito e feito. Dei uma ajuda também e num instante tínhamos sobre a mesa, no meio de todas as garrafas e copos, não poucos dos quais se quebraram na confusão. "Carlito Velho", que lindamente embriagado e de rosto excessivamente vermelho, tomou então uma cadeira, com um ar de fingida dignidade, à cabeceira da mesa e bateu com furor sobre ela com uma garrafa, convidando a companhia a manter a ordem "durante a cerimônia do desenterro do tesouro".

Depois de algumas vociferações, o silêncio foi afinal restaurado, e como aconteceu

muitas vezes em casos semelhantes, seguiu-se profundo e admirável silêncio.

Sendo então solicitado a abrir a tampa cumpri a tarefa, sem dúvida, "com infinito prazer".

Inseri um formão e dando-lhe umas leves marteladas, a tampa da caixa subitamente fora, e, no mesmo instante, saltou, em posição de quem está sentado, encarando diretamente o anfitrião, o corpo ensanguentado e quase podre do assassinado Sr. Shuttlewothy. Contemplou em cheio, durante poucos segundos, fixa e tristemente, com seus olhos mortos e baços, o rosto do Sr. Goodfellow; mas clara e marcadamente, pronunciou as palavras: "Tú és o homem!", e depois, caindo sobre um lado do peito, como se totalmente satisfeito, esticou os membros, tremendo, sobre a mesa.

A cena que se seguiu está além de qualquer descrição. A carreira para as portas e janelas foi terrível, e muitos dos homens robustos que se achavam na sala perderam por completo os sentidos, tomados de pânico horror. Mas depois da primeira e selvagem explosão de tumultuoso terror, todos os olhos se fixaram Sr. Goodfellow. Se mil anos viver, jamais poderei esquecer a agonia mais do que mortal que se estampava naquele seu rosto lívido, até então rubicundo de triunfo e de vinho. Durante muitos minutos, conservou-se ele sentado, rígido, como uma estátua de mármore. Seus olhos pareciam, na intensa vacuidade do olhar, ter-se voltado para dentro, absorvendo-se na contemplação de sua própria alma, miserável e assassina. Afinal sua expressão pareceu reacender-se, subitamente, para o mundo exterior quando, num salto ligeiro, pulou da cadeira e, caindo, pesadamente, com a cabeça e os ombros sobre a mesa, em contacto com o cadáver, esboçou, rapidamente e veementemente, uma pormenorizada confissão do horrível crime pelo qual estava preso o Sr. Pennifeather, e condenado à morte.

O que ele contou foi, em substância, o seguinte: acompanhou sua vítima até a vizinhança do brejo; ali atirou no seu cavalo, uma pistola; matou o cavaleiro com a coronha da arma; apossou-se de sua carteira e, supondo morto o cavalo, arrastou-o com esforço até as sarças junto do brejo. Em seu próprio animal, colocou o cadáver do Sr. Shuttlewothy e assim o levou até um esconderijo seguro e bem distante, através das matas.

O colete, a faca, a carteira e a bala foram colocados por ele próprio nos lugares em que foram encontrados, com o fito vingar-se de do Sr. Pennifeather. Tinha também tramado a descoberta do lenço e da camisa manchados.

8 Já para o fim daquela narrativa, de fazer gelar o sangue, as palavras do miserável assassino tornaram-se gaguejantes e surdas. Quando a confissão chegou afinal a termo, ele se levantou, afastando cambaleante da mesa e caiu... morto.

Os meios pelos quais aquela felizmente oportuna confissão foi extorquida, embora eficientes, eram na realidade simples. O excesso de franqueza do Sr. Goodfellow havia-me desgostado e excitado minhas suspeitas, desde o princípio. Eu estava presente quando o Sr. Pennifeather lhe havia batido, e a odienta expressão que revelou na sua fisionomia, embora momentânea, assegurou-me que sua ameaça de vingança seria, se possível, rigorosamente executada. Estava eu assim preparado para observar as manobras de "Carlito Velho", a uma luz bem diversa daquela a que as viam os bons cidadãos de Rattleburgo. Vi imediatamente que todas descobertas incriminantes partiam, quer direta, quer indiretamente, dele. Mas o fato que claramente me abriu os

olhos à verdadeira situação do caso foi o negócio da bala, encontrada pelo Sr. Goodfellow na carcaça do cavalo.

Eu não havia esquecido, embota rattleburgueses o houvessem, que havia um buraco no lugar em tinha penetrado no cavalo e outro por onde ela saíra. Se, fora encontrado no animal depois de haver saído, é que evidente ali teria sido depositada pela pessoa que a encontrou. A camisa ensanguentada e o lenço confirmavam a ideia sugerida pela bala pois o sangue examinado revelou-se não ser mais do que excelente clarete. Quando vim a pensar nessas coisas, e também no recente aumento de prodigalidade e gastos da parte do Sr. Goodfellow, abriguei uma suspeita ainda mais forte, porque a conservava totalmente para mim mesmo.

Entretantes, iniciei uma rigorosa busca particular do cadáver do Sr. Shuttleworthy, e, com bons fundamentos, minhas pesquisas eram em lugares os mais divergentes possíveis daqueles aonde o Sr. Goodfellow conduzira seus acompanhantes. O resultado foi que, depois de alguns dias, dei com um velho num poço seco, cuja boca estava oculta pelas sarças, e ali, no fundo, descobri o que procurava. Ora, aconteceu que eu havia ouvido o colóquio entre os dois amigos quando o Sr. Goodfellow tinha levado seu anfitrião a prometer-lhe uma caixa de Château Margaux. Baseado nessa sugestão, arranjei um forte pedaço de barbatana de baleia, enfi-o pela garganta do cadáver e deposei este último numa velha caixa de vinho, tomando o cuidado de dobrar o corpo de modo a dobrar a barbatana dentro dele. Desta maneira, tive de fazer forte pressão a tampa, para conservá-la fechada, enquanto a segurava com pregos. E previ, sem dúvida, que logo que estes últimos fossem removidos a tampa saltaria e o corpo se levantaria.

Tendo assim preparado a caixa, marquei-a, numerei-a e enderecei-a como já foi dito; e depois, escrevendo uma carta em nome dos comerciantes de vinho com quem o Sr. Shuttleworthy estava em relações, dei instruções a meu criado para rodar a caixa até a porta do Sr. Goodfellow, num carro de mão, a dado sinal meu. A respeito das palavras que eu queria que o cadáver pronunciasse, confiava eu nas minhas habilidades de ventríloquo. Quanto a seu efeito contava com a consciência do miserável assassino.

Creio que nada há mais a explicar. O Sr. Pennifeather foi imediatamente posto em liberdade, herdou a fortuna de seu tio, aprendeu bem as lições da experiência, virou nova página, e levou nova vida, sempre, felizmente, em progresso.

O ESCARAVELHO DE OURO

*Oh! Oh! Este rapaz está dançando com louco!
Foi picado pela tarântula!
Tudo às avessas*

HÁ MUITOS anos passados, travei amizade com um cavalheiro chamado William Legrand.

Pertencia ele a uma antiga família huguenote e fora, outrora, rico, mas uma série de infortúnios tinham-no reduzido à miséria. Para evitar as mortificações que se seguiram a seus desastres, deixou Nova Orleans, terra natal de seus avós, e passou a residir na ilha de Sullivan, perto de Charleston, na Carolina do Sul.

Esta ilha é bastante singular. É formada quase que só de areia e tem cerca de três milhas de comprimento. Sua largura em ponto algum excede de um quarto de milha. Está separada do continente por um braço de mar quase imperceptível que se insinua através de uma vastidão de mangues e lodo, refúgio favorito das aves aquáticas. A vegetação, como se pode supor, é escassa, ou, pelo menos, raquítica. Nenhuma árvore de grande porte ali se vê. Perto da extremidade ocidental, onde se ergue o Forte Moultrie e onde se encontram alguns miseráveis barracões, habitados, durante o verão, pelos que fogem da poeira e da febre de Charleston, pode ser encontrada, a cerdosa palmeira-anã. Mas toda a ilha, com exceção dessa ponta ocidental e de uma faixa de áspera e branca praia na costa marítima, está coberta de densa capoeira de murta cheirosa, tão apreciada pelos horticultores ingleses.

Os arbustos atingem ali, às vezes, à altura de quinze a vinte pés e formam um matagal quase impenetrável, impregnando o ar com sua fragrância. No mais recôndito recesso desse matagal, não longe da ponta ocidental e mais remota da ilha, Legrand construiu uma pequena cabana, em que residia, quando, pela primeira vez, por mero acaso, travei conhecimento com ele.

Esse conhecimento logo amadureceu em amizade, pois naquele solitário muito havia para excitar interesse e estima. Achei-o bem-educado, dotado de incomuns faculdades espirituais, infectadas, apenas, de misantropia e sujeitas a caprichosas disposições de entusiasmo e de melancolia alternadas. Tinha consigo muitos livros, mas raramente se servia deles. Suas principais diversões eram a caça e a pesca, além de vagar por entre as murtas à busca de conchas ou espécimes entomológicos. Sua coleção destes últimos podia ser invejada por um Swammerdam. Nessas excursões era acompanhado, habitualmente, por um negro velho, chamado Júpiter, que tinha sido libertado antes dos reveses da família mas não pudera ser levado, por ameaças ou promessas, a abandonar o que considerava seu direito de acompanhar os passos de seu jovem "sinhô Will". Não é improvável que os parentes de Legrand, considerando-o de intelecto um tanto desarranjado, tenham tentado instilar essa teimosia em Júpiter, tendo em vista a vigilância e a guarda do erradio.

Os invernos, na latitude da ilha de Sullivan, raramente são muito severos e no fim do ano é coisa rara, na verdade, ser necessário acender. Pelo meado de outubro de 18..., houve, porém, um dia de sensível friagem. Justamente antes do pôr do sol, rompi, através dos arbustos sempre verdes, até a cabana de meu amigo, a quem eu não tinha visitado havia várias semanas, residente, como então era, em Charleston, a uma distância de nove milhas da ilha, num tempo em que as facilidades de travessia e volta estavam muito abaixo dos dias atuais.

Depois de alcançar a cabana, bati à porta, segundo meu costume, e, não obtendo resposta, procurei a chave no lugar onde eu sabia que ela ficava escondida, girei-a na fechadura e entrei. Belo fogo ardia na lareira. Era uma novidade, e de modo algum desagradável. Tirei o sobretudo e, puxando uma poltrona para junto das achas crepitantes, esperei pacientemente a chegada dos donos da casa. Pouco depois de escurecer, chegaram eles e me deram cordiais boas vindas. Júpiter, arreganhando os dentes de uma orelha a outra, apressou-se em preparar algumas aves aquáticas para o jantar. Legrand estava num de seus acessos - como poderia eu denominá-los diversamente? - de entusiasmo. Encontrara uma concha bivalva desconhecida, formando novo gênero, e, mais do que isso, caçara e apanhara, com o auxílio de Júpiter, um scarabaeus, que acreditava, ser totalmente novo, mas a respeito do qual desejava conhecer minha opinião, no dia seguinte.

- E por que não esta noite? - perguntei, esfregando as mãos por cima do fogo e desejando que toda a raça dos scarabaei fosse para o inferno.

- Ah! Se eu tivesse sabido que você estava aqui! - disse Legrand. - Mas faz tanto tempo que não o vejo; e como podia eu prever que você viria visitar-me logo nesta noite, grande entre todas? Ao vir para casa, encontrei-me com o Tenente G***, do forte, e, muito doidamente, emprestei-lhe o escaravelho; de modo que, para você, é impossível vê-lo antes que amanheça. Fique aqui esta noite e mandarei Júpiter descer, ao nascer do sol. É a mais bela da criação!

- O quê? O nascer do sol?

- Ora... não! O escaravelho. É de uma brilhante cor de ouro, mais ou menos do tamanho de uma noz grande, com duas manchas negras de azeviche, perto de uma das extremidades das costas e uma outra, um pouco mais comprida, na outra extremidade.

As antenas são...

- Não tem nada de estranho nele não, sinhô Will, tou apostando - interrompeu aí Júpiter. - O escarvéio é um escaravéio de oro maciço, cada pedacinho dele, por dentro e tudo, menos as asa. Eu nunca vi um escarvéio nem a metade mais pesado, em toda a minha vida.

- Bem, suponhamos que é, Jup - replicou Legrand, algo mais vivamente, pareceu-me, do que o caso requeria. - É isso algum motivo para você deixar as aves queimarem? A cor - e aí ele voltou-se para mim - é realmente quase capaz de afiançar a opinião de Júpiter.

Você nunca viu um brilho metálico mais cintilante do que o emitido pela casca dele. Mas sobre isso você poderá julgar amanhã. Até lá, vou dar-lhe alguma ideia do formato.

Dizendo isso, sentou-se a uma mesinha em que havia pena e tinta, porém não papel.

Procurou alguma folha numa gaveta, mais não encontrou.

- Não faz mal - disse, por fim. - Isto servirá.

E tirou do bolso do colete um pedaço do que eu tomei por um gorro muito sujo e fez nele, com a pena, rápido desenho. Enquanto o fazia, conservei-me na cadeira junto ao fogo, pois estava ainda com frio. Quando o desenho ficou pronto, ele mo entregou, sem levantar-se. No momento em que eu o recebia, ouviu-se um alto grunhido, seguido de arranhões na porta. Júpiter abriu-a e um grande cão terra-nova, que pertencia a Legrand, entrou correndo, pulou sobre meus ombros e cumulou-me de festas, pois eu lhe dedicara muita atenção em visitas anteriores. Quando suas brincadeiras terminaram, olhei para o papel e, para falar verdade, fiquei um pouco intrigado com o que meu amigo desenhara.

- Bem! - disse eu, depois de contemplá-lo por alguns minutos.

- Esse é um estranho scarabaeus, devo confessá-lo; para mim, é novo; nunca vi coisa alguma como ele, antes, a não ser um crânio, ou uma caveira, com o que ele se parece mais do que qualquer coisa que já esteve sob a minha observação.

- Uma caveira! - repetiu Legrand. - Oh! Sim! bem... ele tem algo dessa aparência, no papel, sem dúvida. As duas manchas pretas do alto assemelham-se aos olhos, hein? E a mais comprida, embaixo, assemelha-se à boca... Depois, a forma do conjunto é oval.

- Talvez seja isso - disse eu -, mas, Legrand, receio que você não seja artista. Devo esperar até ver o próprio bicho, se quiser formar uma ideia de sua aparência pessoal.

- Bem, não sei... - disse ele, um pouco irritado. - Eu desenho toleravelmente; pelo menos, deveria desenhar; tive bons professores e orgulho-me de não ser um imbecil.

- Mas, meu caro, então você está brincando - falei. - Isto é um crânio bem passável... de fato posso dizer que é um crânio excelente, de acordo com as noções vulgares sobre tais espécimes de fisiologia. E seu scarabaeus deve ser o mais esquisito do mundo, se se parecer com isto. Ora, poderíamos extrair uma impressionante superstição desse esboço.

Presumo que você chamará o *escaravelho scarabaeus caput hominis*, ou qualquer coisa desse gênero. Há muitos títulos semelhantes na História Natural. Mas onde estão as antenas de que você falou?

- As antenas! - disse Legrand, que parecia estar-se tornando inexplicavelmente furioso com o assunto. - Estou certo de que você deve ver as antenas! Fi-las tão nítidas como são no inseto original e julgo que é suficiente.

- Bem... bem... talvez você tenha feito - disse eu. - Contudo não as vejo. E passei-lhe o papel, sem observação adicional, não desejando-lhe o temperamento. Mas muito surpreso estava com a reviravolta que as coisas sofreram; seu mau-humor me intrigava. E, quanto ao desenho do bicho, positivamente nenhuma antena era visível e o conjunto possuía uma semelhança muito estreita com os desenhos comuns de uma caveira.

Ele recebeu o papel, muito impaciente, e estava a ponto de amarfanhá-lo, aparentemente para atirá-lo ao fogo, quando uma olhadela casual ao desenho pareceu de súbito prender-lhe a atenção. Num instante seu rosto enrubescou com violência, e noutro ficou excessivamente pálido. Durante alguns minutos continuou a pesquisar o desenho, acuradamente, do lugar onde se sentava. Afinal levantou-se, apanhou uma vela na mesa e foi sentar-se sobre uma arca de viagem, no canto mais

distante do aposento. Ali, de novo, procedeu a um exame ansioso do papel, virando-os em todas as direções. Nada disse, todavia, e essa conduta grandemente me assombrou; achei prudente, porém, não exacerbar o crescente mau humor de seu temperamento com qualquer comentário.

Depois ele tirou do bolso do colete uma carteira, colocou o papel dentro dela, cuidadosamente, e depositou-a numa escrivaninha, que fechou a chave.

Tornou-se, então, mais comedido em seus modos mas o aspecto primitivo de entusiasmo desaparecera por inteiro. Contudo, não parecia tão de mau-humor quanto abstraído. À medida que a noite avançava, ele se tornava cada vez mais perdido em sonhos, dos quais não o podia despertar qualquer de minhas observações. Fora minha intenção passar a noite na cabana, como antes frequentemente fizera, mas, vendo naquela disposição de ânimo o dono da casa, considerei mais prudente despedir-me. Ele não insistiu para que eu ficasse, mas, quando parti, apertou-me a mão com cordialidade além da costumeira.

Foi cerca de um mês depois disso (e durante esse intervalo eu nada soubera de Legrand) que recebi, em Charleston, a visita de seu criado, Júpiter. Eu nunca vira o bom negro velho com aparência tão assustada e temi que algum sério desastre tivesse sobrevindo a meu amigo.

- Bem, Jup - falei -, que há agora? Como vai seu patrão?

- Ora, pra falá verdade, sinhô, ele num vai tão bem cumo devia sê.

- Não vai bem? Sinto muito em saber disso. De que é que ele se queixa?

- Tá-i. É isso! Ele num queixa de nada... mas ele está muito doente, muito mesmo.

- Muito doente, Júpiter? Por que você não disse isso logo? Ele está de cama?

- Num tá, não! Ele num acha lugá nenhum aão! Ai éque a porca torce o rabo! Tou cum a cabeça tonta por causa do sinhô Will!

- Júpiter, eu gostaria de entender o que você está dizendo. Você falou que seu patrão está doente. Ele não lhe contou de que é que sofre?

- Ora, sinhô, é bobage ficá quebrano a cabeça cum esse negócio! O sinhô Will num fala nada, diz que num tem coisa nenhuma... mas, então, por que é que ele fica pra lá e prá ca, oiano pra onde anda, cum a cabeça pra baixo e os ombro pra cima? E por que é que ele fica o tempo todo com uns numos, e...

- Com o quê, Júpiter?

- Fazendo uns numos e figuras na pedra, as figuras mais esquisitas que eu já vi. Eu já tou ficano cum medo, palavra. Tenho de ficá cum os óio pregado em riba dele só. Trodia, ele me escapuliu antes do só nascê e ficou sumido todo o santo dia. Eu tinha cortado uma boa vara, pra dá um bom ezempre nele quando ele vortasse, mas eu tô tão bobo que num tenho coração pra fazê ... Ele tava com uma cara tão triste!

- Hein? Como? Ah, sim!... Afinal de contas, eu acho que você fez melhor em não ser tão severo com o coitado. Não bata nele Júpiter. Ele pode muito bem não aguentar isso. Mas você não faz uma ideia do que é que causou essa doença, ou antes, essa mudança de procedimento? Aconteceu alguma coisa desagradável desde que eu estive lá?

- Não sinhô. Num teve nada desagradave desde esse dia. Foi antes disso, eu acho. Foi mesmo no dia que o sinhô teve lá.

- Como? Que é que você quer dizer?

- Ora, sinhô, eu quero dizê o escarvéio, tá-i!

- O quê?

-O escarvéio. Tou com toda a certeza de que sinhô Will foi mordido, lá por perto da cabeça, por aquele escarvéio de ouro.

- E que motivo você tem para essa suposição, Júpiter?

- Ele tem puã que chega, sinhô, e boca também. Eu nunca vi escarvéio tão encapetado.

Ele bate e morde em tudo o que chegá perto . Sinhô Will apanhó ele primeiro, mas teve de deixá ele i embora depressa outra vez, tou-lhe falando... Foi nessa ocasião que ele deve tê dado a mordida. Eu num gosto do jeito da boca do escarvéio, de modo nenhum. Assim, eu num ia pegá nele cum meus dedo, mas agarrei ele cum pedaço de papé, que eu achei.

Enrolei ele no papé e enfiei um pedaço na boca dele. Foi assim que eu fiz.

- E você pensa, então, que seu patrão foi picado pelo bicho e que a picada é que o fez ficar doente?

- Eu num penso, nada. Eu sei. O que é que faz ele ficá variano por causa de ouro, se num é a mordida do escarvéio de ouro? Eu já ouvi falá desses escarvéio de ouro antes disso.

- Mas como é que você sabe que ele sonha com ouro?

- Cumo é que eu sei? Ora, porque ele fala disso enquanto tá dormindo. Tá-i como é que eu sei.

- Bem, Jup, talvez você tenha razão. Mas a que afortunada circunstância devo atribuir a honra de sua visita, hoje?

- Que é que é isso, sinhô?

- Você traz algum recado do Sr. Legrand?

- Não, sinhô. Eu trago é esta carta.

E aí Júpiter me entregou um bilhete, que rezava assim:

Meu caro:

Por que não o tenho visto, há tanto tempo? Espero que você não tenha caído na infantilidade de ofender-se com qualquer pequena rudeza de minha parte; mas, não; isso é improvável.

Desde que o vi, tenho tido grandes motivos de ansiedade. Tenho algo a dizer-lhe e, contudo, mal sei como falar, nem se devo falar.

Não tenho andado muito bem, nestes últimos dias, e o pobre velho Júpiter me irrita quase além do suportável com suas significativas atenções. Você acreditará que ele preparou uma pesada vara, no outro dia, para castigar-me, por ter escapulado dele e passado o dia, sozinho, entre as colinas do continente?

Acredito, deveras, que só minha aparência doentia me salvou de uma surra...Não fiz qualquer acréscimo à minha coleção, desde que nos encontramos.

Se você puder, de qualquer modo, fazê-lo sem inconveniente, venha com Júpiter. Venha.

Desejo vê-lo, esta noite. É assunto de importância. Asseguro-lhe que é da mais alta importância.

Sempre seu,

William Legrand

Havia algo no tom desse bilhete que me causou grande incomodo. Todo o seu estilo diferia completamente do de Legrand. Com que poderia estar ele sonhando? Que

nova excentricidade dominava seu cérebro excitável? Que "negócio da mais alta importância"

podia ele, possivelmente, ter a realizar? O que Jupiter me dissera dele não afixava nada de bom. Eu temia que a contínua pressão da má sorte, afinal, tivesse inteiramente desarranjado a razão de meu amigo. Sem um momento de hesitação, por conseguinte, preparei-me para acompanhar o negro.

Ao chegar ao cais, notei uma foice e três pás, todas aparentemente novas, no fundo do bote em que devíamos embarcar.

- Que quer dizer isso tudo, Jup? interroguei.

- Foice, sinhô, e pá.

- Muito bem; mas que é que elas estão fazendo aí?

- É a foice e as pás que sinhô Will falô pra eu comprá prá ele na cidade e foi o diabo o dinheirão que eu tive de dá por elas.

- Mas, por tudo quanto é misterioso, que é que seu "Sinhô Will" vai fazer com foices e pás?

- Tá-i uma coisa que eu num sei e um raio me parta se eu num aquerdito que ele também num sabe. Mas isso tudo é coisa do escarvão.

Verificando que nada de satisfatório podia obter de Júpter, cuja mente parecia estar inteiramente absorvida pelo "escarvão", entrei no bote e soltei a vela. Com bela e forte brisa, logo corremos para a pequena angra, ao norte do Forte Moultrie, e uma caminhada de cerca de duas milhas levou-nos à cabana. Eram quase três horas da tarde quando chegamos. Legrand estivera a esperar-nos com ansiosa expectativa. Apertou-me a mão, com um aperto nervoso, que me alarmou e fortaleceu as suspeitas já entretidas. Seu rosto é pálido até a lividez e seus olhos, fundos, brilhavam com um clarão anormal. Depois do algumas perguntas, relativas à sua saúde, interroguei-o, não sabendo que coisa melhor dizer, sobre se recebera do Tenente G*** o scarabaeus.

- Oh, sim! replicou ele, corando violentamente. - Recebi-o dele, na manhã seguinte.

Nada me podia tentar a separar-me desse scarabaeus. Você sabe que Júpter tem toda a razão acerca dele?

- De que modo? - perguntei, com triste pressentimento no coração.

- Ao supor que ele é um escaravelho de ouro autêntico.

Falou isso com aspecto de profunda seriedade e senti-me indizivelmente perturbado.

- Esse escaravelho vai fazer minha fortuna - continuou ele, com sorriso triunfante.

- Vai reinstalar-me na posse do que era de minha família. É qualquer coisa de admirar, então, que eu o aprecie que eu o aprecie tanto? Desde que a Fortuna achou conveniente conceder-mo, só tenho que usá-lo de modo adequado e chegarei até o ouro de que ele é o indício. Júpter, traga-me aquele scarabaeus!

- O quê? O escarvão, sinhô? Eu acho mió num tê trabaio com aquele escarvão... O sinhô mesmo apanhe ele.

Ai Legrand levantou-se, com ar grave e imponente, e trouxe-me o bicho, tirando-o de uma caixa de vidro em que ele estava encerrado. Era um belo scarabaeus, de tipo naquele tempo desconhecido para os naturalistas e naturalmente de grande valor do ponto de vista científico. Havia duas manchas negras e redondas, perto de uma das extremidades das costas, e outra comprida mancha perto da outra extremidade. A casca era enormemente dura e brilhante, com toda a aparência de ouro brunido. O

peso do inseto era bem digno de nota e, tomando tudo isso em consideração, eu mal poderia censurar Júpiter por sua opinião relativamente a ele; mas, por minha vida, não podia dizer que fazer, quanto à concordância de Legrand com essa opinião.

- Mandei buscá-lo - disse ele, num tom grandiloquente -, mandei buscá-lo para poder ter seu conselho e auxílio, a fim de favorecer os desígnios da Sorte e do escaravelho.

- Meu caro Legrand - gritei eu, interrompendo-o -, você com certeza não está bem e faria melhor se tomasse algumas pequenas precauções . Deve ir para a cama e eu ficarei com você alguns dias até que recobre a saúde. Você está com febre e...

- Tome meu pulso - disse ele.

Tomei-lhe o pulso e, para falar a verdade, não achei o mais leve indício de febre.

- Mas você pode estar doente e, contudo, não ter febre. Permita-me que, desta vez, me faça de médico para você. Em primeiro lugar, vá para a cama. Em segundo lugar...

- Você está enganado - interrompeu ele. - Sinto-me tão bem quanto seria de esperar no estado de excitação em que me encontro. Se você realmente se interessa pela minha saúde, trate de aliviar-me dessa excitação.

- E como se há de fazer?

- Muito facilmente. Júpiter e eu vamos fazer uma expedição às colinas, no continente, e nessa expedição necessitamos do auxílio de alguma pessoa em quem possamos confiar.

Você é a única que nos merece essa confiança. Se formos bem sucedidos ou fracassarmos, a excitação que você agora percebe em mim será, igualmente, aliviada.

- Tenho o maior desejo em servi-lo, de qualquer maneira - respondi -, mas... pretende você dizer que esse infernal escaravelho tem alguma relação com sua expedição às colinas?

- Tem.

- Então, Legrand, não posso tomar parte numa empresa tão absurda.

- Sinto muito... sinto muito... pois teremos de tentá-la nós mesmos.

- Pois tentem-na vocês! Este homem está seguramente maluco! Mas, vejamos! Quanto tempo se propõe você ficar ausente?

- Provavelmente a noite inteira. Partiremos agora mesmo e estaremos de volta, de qualquer modo, ao amanhecer.

- E você me promete, sob palavra de honra, que, quando tiver passado esse capricho de vocês e o negócio do escaravelho (bom Deus!) estiver resolvido, para satisfação sua, voltará então para casa e seguirá estritamente meu conselho, como se fosse o seu médico?

- Sim, prometo. E agora, partamos, pois não temos tempo perder.

De coração oprimado, acompanhei meu amigo. Pusemo-nos a caminho, cerca das quatro horas, Legrand, Júpiter, o cachorro, e Jupiter tinha consigo a foice e as pás, pois insistira em carregar todas, mais por medo, pareceu-me, de deixar qualquer daqueles utensílios ao alcance de seu patrão do que por qualquer excesso de solicitude ou complacência. Sua fisionomia estava extremamente carrancuda e "esse mardito escarvão" foram as únicas palavras que escaparam de seus lábios durante o trajeto. Pela minha parte, estava encarregado de um par de lanternas furta-fogo, enquanto Legrand contentava-se com o scarabaeus, que levava amarrado à ponta de um

pedaço de barbante fazendo-o girar, para lá e para cá, com o ar de um prestidigitador, enquanto caminhava. Ao observar esta última e plena prova da aberração mental de meu amigo, mal podia eu reter as lágrimas.

Pensei, porém, que seria melhor satisfazer-lhe a fantasia, pelo menos um momento, ou até que eu pudesse adotar medidas mais enérgicas, com probabilidade de êxito.

Entrementes, tentei, mas completamente em vão, sondá-lo a respeito do objetivo da caminhada. Tendo conseguido induzir-me a acompanhá-lo, não parecia desejar travar conversa sobre qualquer assunto da menor importância. E a todas as minhas perguntas não se dignava dar outra resposta senão: "Veremos!"

Cruzamos o braço de mar na ponta da ilha por meio de um esquite e, subindo os terrenos altos da praia do continente, continuamos na direção noroeste, através de um trecho de terras expressivamente agrestes e desoladas, onde não se via vestígio algum de passo humano. Legrand seguia na dianteira, com decisão, parando apenas um instante aqui e ali para consultar o que parecia ser certos marcos, por ele mesmo colocados em ocasião anterior.

Caminhamos, assim, cerca de duas horas, e o sol estava a ponto de pôr-se, quando penetramos numa região infinitamente mais sinistra do que qualquer outra até então vista. Era uma espécie de tabuleiro, perto do cume de uma colina quase inacessível, densamente coberta da base ao cimo e entremeada de imensos penhascos que pareciam estar soltos sobre o solo e, em muitos casos, só não se precipitavam nos vales, lá embaixo, graças ao suporte dos troncos contra os quais se reclinavam. Profundas ravinas, em várias direções, davam ao cenário um ar de solenidade ainda mais severo.

A plataforma natural sobre a qual havíamos garimpado estava espessamente coberta de sarças, através das quais logo descobrimos que seria impossível abrir caminho, a não ser por meio da foice e Júpiter, por ordem de seu patrão, começou a rasgar para nós uma estrada, até o pé de um tulipeiro gigantesco, que se erguia, com uns oito ou dez carvalhos, sobre o planalto, e os ultrapassava, a todos, bastante, bem como a todas as outras árvores que até então eu vira, pela beleza da folhagem e da forma, pela vasta circunferência dos ramos e pela majestade geral de seu aspecto. ao alcançarmos essa árvore, Legrand voltou-se para Júpiter e perguntou-lhe se achava que podia subir por ela.

O velho pareceu um tanto aturdido com essa pergunta e, durante alguns instantes, não deu resposta. Afinal, aproximou-se do imenso tronco, andou devagar em torno dele e examinou-o com minuciosa atenção. Terminado o exame disse simplesmente: - Sim, sinhô. Jup sobe em quarqué arve que ele nunca não viu na sua vida.

- Então suba, o mais depressa possível, pois em breve estará demasiado escuro para ver o que devemos fazer.

- Até aonde eu tenho de assubi, sinhô? - perguntou Júpiter.

- Suba primeiro pelo tronco principal e depois eu lhe direi que caminho deverá tomar...

Ah! Espere! Leve este escaravelho com você.

- O escarvéio, sinhô Will? O escarvéio de ouro? - gritou o negro, recuando de medo. - Pur que é que eu tenho de levar o escarvéio pra cima da arve? Que eu me dane se fizé isso!

- Se você tem medo, Jup, um negralhão como você, de pegar num pequeno

escaravelho morto e inofensivo, pode levá-lo por este barbante. Mas se, de qualquer modo, não quiser levá-lo consigo lá para cima, serei forçado a quebrar sua cabeça com esta pá.

- Que negócio é esse, sinhô? - disse Júpiter, evidentemente envergonhado, a ponto de se tornar mais condescendente. Sempre quereno armá barúio com o nego véio... Eu tava só brincano! Eu, tê medo de escarvéio? Nem tou ligando pra ele!

Aí pegou com precaução a extremidade do barbante e, mantendo o inseto tão longe de sua pessoa quanto as circunstâncias lhe permitiam, preparou-se para subir à árvore.

Quando novo, o tulipeiro, ou *Liriodendron tulipiferum*, o mais majestoso dos habitantes da floresta americana, tem um tronco caracteristicamente liso e muitas vezes se eleva a grande alturas sem ramos laterais; mas, chegando à maturidade, a casca torna-se rugosa e desigual, enquanto muitos galhos pequenos aparecem sobre o tronco. Assim, a dificuldade da ascensão, no caso presente, era mais aparente que real. Abraçando o enorme cilindro o mais estreitamente possível, com os braços e os joelhos, agarrando com mãos alguns dos brotos e descansando os dedos nus sobre outros, Júpiter, depois de ter escapado de cair uma ou duas vezes, por fim içou-se até à primeira grande forquilha, parecendo considerar a coisa toda como virtualmente executada. Na realidade, o risco da empresa havia passado, embora o negro estivesse a sessenta ou setenta pés do solo.

- Pra donde devo i agora, sinhô Will? - perguntou ele.

- Vá subindo pelo galho mais grosso, o daquele lado - disse Legrand. O negro obedeceu-lhe prontamente e, ao que parece, sem muita dificuldade, subindo cada vez mais alto, até que não se conseguia vislumbrar seu vulto agachado, através da densa folhagem que o tocava. Nesse momento, ouviu-se sua voz, numa espécie de grito.

- Até onde eu tenho de assubi ainda?

- A que altura você está? - perguntou Legrand.

- Tão arto, tão arto - replicou o negro - que tou podendo vê o céu pelo arto da arve.

- Não se preocupe com o céu, mas preste atenção ao que eu digo. Olhe para o tronco embaixo e conte os galhos abaixo de você, desse lado. Quantos galhos você passou?

- Um, dois, três, quatro, cinco... Passei cinco gaios grandes desse lado sinhô.

- Então, suba um galho mais alto. Em poucos minutos ouviu-se novamente a voz, anunciando que galho fora atingido.

- Agora, Jup - gritou Legrand, evidentemente bastante excitado. - Quero que você vá andando por esse galho, até onde puder. Se vir qualquer coisa estranha, diga-me.

Desta vez, qualquer pequena dúvida que eu pudesse ainda entreter a respeito da insinuação de meu pobre amigo foi, por fim, desfeita. Não tinha outra alternativa senão concluir que ele estava atacado de loucura e fiquei seriamente ansioso por fazê-lo voltar à casa. Enquanto ponderava sobre o que seria melhor, ouviu-se de novo a voz de Júpiter.

- Tou com muito medo de me arriscá nesse gaio mais longe. Ela tá quage todo podre.

- Você está dizendo que é um galho podre, Júpiter? - gritou Legrand, com voz trêmula.

- Nhô, sim. Tá podre que nem uma tranca vêia. Podrinho da Sirva. Não tá prestano mais pra nada.

- Em nome do céu, que devo fazer? - perguntou Legrand, demonstrando o maior desespero.

- Que fazer? - disse eu, alegre por encontrar uma oportunidade de intercalar uma palavra. - Ora, ir para casa e deitar-se.

- Vamos embora! Não seja teimoso! Está ficando tarde, e além disso não deve esquecer-se de sua promessa.

- Júpiter! - gritou ele, sem me dar nenhuma atenção. - Está me ouvindo?

- Nhô, sim, sinhô Will, tou escuitando o sinhô muito bem.

- Experimente, então, o galho com seu canivete e veja se está muito podre.

- Ele tá podre, sinhô, e muito mesmo - replicou o negro, em poucos momentos. Mas num tá tão podre como devia tá. Eu sozinho, posso me arriscá mais um bocado pelo gaio.

- Você sozinho? Que é que você quer dizer?

- Ora, tou falano do escarvêio. Ele é muito pesado. Se eu soltasse ele primeiro, então o gaio não ia se quebrá, só com o peso de um nego.

- Velhaco dos infernos! - gritou Legrand, aparentemente muito aliviado. - Que é que você está pensando para falar uma asneira dessas? Se você soltar esse escaravelho, palavra que lhe quebro o pescoço. Escute aqui Júpiter. Você está-me ouvindo?

- Tou sim, sinhô. Num é preciso gritá pro pobre negro desse jeito.

- Bem, então escute! Se você se arriscar pelo galho, até onde puder chegar sem perigo, e não soltar o escaravelho, eu lhe darei um dólar de prata de presente logo que você descer.

- Tou ino, sinhô Will... Tá feito - replicou o negro, bem depressa. Tou agora quage na pontinha!

- Na ponta! gritou satisfeito Legrand. - Você diz que está na ponta desse galho?

- Tou chegando no fim, sinhô... ooooooooooooooh! Vala-me Deus! Que é isso aqui em cima da arve?

- Bem! - gritou Legrand, altamente satisfeito. - Que é? Uai! Pra mim isso é uma caveira!

Arguém deixô a cabeça dele aqui em riba da arve e os corvo comero tudo quanto era pedaço de carne.

- Uma caveira, foi o que você disse? Muito bem!... Como é que ela está presa no galho? Que é que a segura?

- Sei não, sinhô. Vô espíá. Tá-i, palavra que é uma coisa muito esquisita... Tem um prego enorme na caveira, pregando ela na arve.

- Bem. Agora, Júpiter, faça exatamente como eu vou dizer.

- Sim, sinhô.

- Preste atenção, então. Procure o olho esquerdo da caveira - Humm! Humm! Tá bem! Mas ela num tem ôio esquerdo nenhum!

- Maldita estupidez! Você não sabe distinguir sua mão direita da esquerda?

- Sei. Isso eu sei... Sei muito bem... é com a mão esquerda; que eu racho a lenha.

- Muito bem. Você é canhoto. E seu olho esquerdo está do mesmo lado de sua mão esquerda. Acho que agora você já sabe achar o olho esquerdo da caveira ou o lugar

onde ele estava. Achou?

Houve um prolongado intervalo. Por fim o negro falou: - O ôio esquerdo da caveira tá também do mesmo lado da mão esquerda dela? E porque a caveira não tem nem um pedacinho de mão nenhuma... Num faz mal! Achei o ôio esquerdo agora. Tá aqui o ôio esquerdo. Que é que eu vô fazê cum ele?

- Deixe o escaravelho cair por dentro dele, até onde o barbante der mas tenha cuidado e não largue o barbante.

- Tá tudo pronto, sinhô Will. Foi muito fácil pô o escarvêio no buraco. Óia ele lá embaixo!

Durante essa conversa, nenhuma parte do corpo de Júpiter podia ser vista; mas o escaravelho, que ele fizera descer, era agora visível na ponta do cordel e cintilava, como um globo de ouro brunido, aos últimos raios do sol poente, alguns dos quais ainda iluminavam debilmente o cume sobre que nos achávamos. O scarabaeus pendia inteiramente livre de quaisquer galhos e, se deixado cair, tombaria aos nossos pés.

Legrand imediatamente tomou da foice e limpou com um espaço circular, de três ou quatro jardas de diâmetro, bem por baixo do inseto. E, tendo feito isso, ordenou a Júpiter que e soltasse o barbante e descesse da árvore.

Fincando uma cunha, com grande cuidado, no lugar preciso em que o escaravelho caiu, meu amigo tirou então do bolso uma fita métrica. Amarrando uma ponta da mesma ao ponto da árvore que estava mais próxima da cunha, desenrolou-a até alcançar a cunha e tornou a desenrolá-la, na direção já estabelecida pelos dois pontos da cunha e da árvore, pela distância de cinquenta pés. Júpiter ia limpando as sarças com a foice. No lugar assim atingido, foi cravada segunda cavilha e em volta desta, como centro, traçou ele um círculo grosseiro, de cerca de quatro pés de diâmetro. Apanhando então uma pá e dando uma a Júpiter e a outra a mim, Legrand pediu-nos que cavássemos tão depressa quanto possível.

Para falar verdade, eu nunca tive predileção por tal divertimento, em tempo algum, e naquele momento particular de boa-vontade teria recusado, pois a noite ia chegando e me achava muito fatigado com o exercício já feito. Mas não vi jeito de escapar e temia eu turbar a serenidade de meu pobre amigo com uma recusa. Se eu, de fato, pudesse confiar na ajuda de Júpiter, não teria hesitado em tentar carregar o lunático para casa, à força; mas conhecia demasiado bem a disposição de ânimo do velho negro para crer que ele me ajudaria, sob quaisquer circunstâncias, numa disputa pessoal com seu patrão.

Não tinha dúvida de que este último era vítima de alguma das inúmeras superstições meridionais acerca de ouro enterrado e de que tal fantasia recebera confirmação pela descoberta do scarabaeus, ou, talvez, pela obstinação de Júpiter em asseverar que era "um escarvêio de ouro de verdade". Um espírito disposto à loucura seria facilmente conduzido por semelhantes sugestões, especialmente se as mesmas se harmonizassem com ideias favoráveis e preconcebidas. Recordei-me, então, da conversa do coitado acerca de ser o escaravelho "o indício de sua fortuna". Por causa de tudo isso eu me sentia tristemente aborrecido e incomodado, mas afinal resolvi fazer do mal um bem e cavar com boa-vontade, para que assim o visionário se convencesse mais cedo, pela demonstração de seus olhos, da inutilidade das opiniões que entretinha.

Acesas as lanternas, entregamo-nos ao trabalho com um zelo digno de causa mais

tradicional; e ao cair o clarão sobre nossas pessoas e objetos, não pude deixar de pensar no grupo pitoresco que compúnhamos e quão estranhas e suspeitas nossas ações deveriam parecer a qualquer intruso que, por acaso, pudesse surgir onde nos achávamos.

Cavamos bem firmemente, durante duas horas. Pouca coisa se disse. E nosso embaraço principal estava nos latidos do cachorro, que tomava especial interesse em nossa tarefa.

Afinal, ele se tornou tão impertinente que tivemos receio de que desse o alarme algum desgarrado que andasse nas vizinhanças. Ou, antes, esse era o temor de Legrand, pois eu me sentiria alegre com qualquer interrupção que me permitisse levar o alucinado para casa. O barulho, por fim foi muito eficazmente silenciado por Júpiter, que, saindo do buraco com um ar carrancudo de resolução, amarrou a cabeça do bicho com um de seus suspensórios e depois voltou, com um risinho sério à sua tarefa.

Quando o tempo mencionado expirara, alcançáramos uma profundidade de cinco pés e, contudo, nenhum sinal de qualquer tesouro se manifestara. Seguiu-se uma pausa geral e comecei a esperar que a farsa estivesse no fim. Legrand, contudo, embora evidentemente muito desapontado, enxugou a testa, pensativo, e recomeçou. Cavávamos todo o círculo de quatro pés de diâmetro e agora, pouco a pouco, alargávamos o limite, chegando a cavar mais de dois pés de profundidade.

Nada apareceu, todavia. O procurador de ouro, de quem eu sinceramente me apiedava, pulou afinal do buraco, com mais amargo desaponto impresso em todos os traços do rosto, pôs-se, vagarosa e relutantemente, a vestir o paletó que atirara fora ao começar o serviço. Entrementes, eu não fiz qualquer observação.

Júpiter, a um sinal do patrão, começou a juntar as ferramentas. Feito isso e desamoraçado o cachorro, voltamos para casa, em profundo silêncio. Déramos, talvez, doze passos nessa direção, quando, com um alto palavrão, Legrand saltou sobre Júpiter e agarrou-o pelo pescoço. O negro, atônito, abriu os olhos e a boca até onde foi possível soltou as pás e caiu de joelhos.

- Vagabundo! - disse Legrand, sibilando as sílabas, por entre dentes cerrados. - Negro dos diabos! Fale, estou-lhe dizendo! Responda-me neste instante, sem querer enganar-me! Qual é... qual é seu olho esquerdo?

- Oh, meu Deus! Sinhô Will! Então num é este aqui meu ôio, esquerdo? - grunhiu o terrificado Júpiter, colocando a mão sob o órgão direito da visão e conservando-a ali, com desesperada pertinácia, como se temesse uma tentativa imediata de seu patrão para arrancá-lo.

- Bem eu pensei! Eu sabia disso! Viva! - vociferou Legran soltando o negro e executando uma série de piruetas e cambalhotas, para grande espanto do criado, que, erguendo-se de sobre os joelhos, olhava, mudo, de seu patrão para mim e de mim para seu patrão.

- Venham! Precisamos voltar! - disse este último. - A partida não foi perdida ainda. E de novo caminhou para o tulipeiro.

- Júpiter, - disse ele, - quando o acompanhamos. - Venha cá! A caveira estava pregada ao galho com a face para fora ou com a face para o ramo?

- A cara tava pra fora, sinhô, e assim os corvo pudero chegá bem nos óio, sem trabão nenhum.

- Bem. Então foi por este olho ou por aquele que você deixou cair o escaravelho? - e aí Legrand apontou para cada um dos olhos de Júpiter.

- Foi por este ôio, sinhô... O ôio esquerdo... certinho como o sinhô me disse - e aí era o olho direito o que o negro indicava.

- Pois vamos! Devemos tentá-lo de novo.

Aí meu amigo, em cuja loucura agora eu via, ou imaginava ver, alguns indícios de método, removeu a cavilha que marcava o lugar onde o escaravelho caiu para um lugar cerca de três polegadas para oeste de sua primitiva posição. Tomando, depois, a fita métrica do ponto mais próximo do tronco até a cavilha, como antes, e continuando a estendê-la em linha reta até a distância de cinquenta pés, foi indicado um lugar afastado várias jardas do ponto em que tínhamos estado cavando.

Em torno da nova posição, um círculo, um tanto maior do que no caso anterior, foi agora traçado e nós de novo pusemo-nos a trabalhar com a pá. Eu estava terrivelmente cansado; mas, mal compreendendo o que havia causado a mudança em meus pensamentos, não sentia mais nenhuma grande aversão pelo trabalho imposto. Tinha-me tornado mais inexplicavelmente interessado, e não só, até mesmo excitado. Talvez houvesse algo, em meio de todas as atitudes extravagantes de Legrand, certo ar de previsão, ou de decisão, me impressionava.

Cavei com afinho e, de vez em quando, me surpreendia realmente aguardando, com algo que muito se assemelhava à expectativa, o imaginado tesouro, cuja visão havia dementado meu infeliz companheiro. Ao tempo em que tais devaneios de pensamento maiormente se apoderaram de mim e quando já estávamos a trabalhar talvez uma hora e meia, fomos de novo interrompidos pelos violentos latidos do cão. Sua inquietação, no primeiro caso, tinha sido, evidentemente, apenas o resultado de brincadeira, capricho; mas agora assumia um tom mais amargo e sério. À nova tentativa de Júpiter para amordaçá-lo, ele ofereceu furiosa resistência e, pulando para dentro do buraco, começou a cavar a terra freneticamente, com as patas. Em poucos segundos, tinha descoberto um monte de ossos humanos, formando dois esqueletos completos, entremeados de vários botões de metal e do que parecia ser poeira de lã apodrecida. Uma das pazadas puseram a descobrir a lamina de uma faca espanhola e, ao cavarmos mais fundo, três ou quatro moedas de ouro e de prata vieram a lume.

À vista delas, a alegria de Júpiter mal pôde ser contida, mas a fisionomia de seu patrão apresentava um ar de extremo desaponto. Insistiu conosco, porém, a que continuássemos nossos esforços e mal as palavras acabavam de ser pronunciadas, eu cambaleei para a frente, tendo enfiado a ponta de minha bota num anel de ferro que jazia semi-enterrado na terra solta.

Trabalhávamos, agora, com verdadeira ânsia e nunca passei minutos de mais intensa excitação. Durante este intervalo, havíamos completamente desenterrado uma arca oblonga, de madeira que, pela sua perfeita conservação e maravilhosa resistência, evidenciava plenamente ter sido sujeita a algum processo de mineralização, talvez o do bídoreto de mercúrio. Esta caixa tinha três pés e meio de comprimento, três pés de largura e dois e meio de altura. Estava firmemente fechada por aros de ferro fundido, com ferros formando uma espécie de grade em volta da arca. De cada lado da caixa, perto da tampa, havia três anéis de ferro, seis ao todo, por meio dos quais seis pessoas poderiam agarrá-la com firmeza. Reunidos os nossos maiores esforços, mal pudemos afastar o cofre um pouquinho no seu leito. Percebemos

imediatamente a impossibilidade de levantar tão grande peso. Felizmente, as únicas trancas da tampa consistiam em dois ferrolhos corrediços, que puxamos para trás, tremendo e vacilando de ansiedade.

No mesmo instante, tivemos ali, cintilando diante de nossos olhos, um tesouro de incalculável valor. Como os raios de luz das lanternas caíssem dentro do poço, deste subiam, irradiando, uma incandescência e um resplendor provindos dum confuso montão de ouro e de joias, que nos deslumbravam completamente a vista.

Não pretenderei descrever os sentimentos que de mim se apossaram ao contemplar aquilo. Predominava, sem dúvida, o espanto. Legrand parecia exausto e dizia muito poucas palavras. A fisionomia de Júpiter apresentou, por alguns minutos, a palidez mortal que é possível, na ordem natural das coisas, um rosto de negro exibir. Parecia estupefato, siderado. Logo em seguida ajoelhado dentro do buraco e, mergulhando os braços, nus ate os cotovelos, no ouro, ali deixou-os ficar, como se gozasse a volúpia dum banho. Por fim, com um profundo suspiro, exclamou, se falasse sozinho: - E tudo isso vem do escarvão de ouro! Do bunito escarvão de ouro! O coitado do escarveinho de ouro que eu tanto descompus, chamei tanto nome feio! Océ num tem vergonha disso não seu nego? Vamos, me arresponda!

Tornou-se necessário, por fim, que eu despertasse tanto o patrão como o criado, chamando-lhes a atenção para a urgência de remover o tesouro. Estava ficando tarde, e era conveniente que desenvolvêssemos certa atividade para ter tudo aquilo em casa antes do amanhecer. Difícil foi combinarmos o que deveríamos fazer, e muito tempo perdemos a decidir-nos, tão confusas eram as ideias de todos nós. Finalmente, aliviamos o peso da caixa, removendo dois terços de seu conteúdo, e só então fomos capazes, com algum esforço de tirá-lo do buraco.

Os objetos retirados foram depositados entre as sarças, ficando o cachorro a guardá-los, com estritas ordens de Júpiter para , sob nenhum pretexto, nem se afastar do lugar nem abrir a boca até voltarmos. Então, apressadamente, rumamos para casa com a arca, tendo alcançado a cabana a salvo, mas depois de excessivo esforço, a uma hora da manhã. Esgotados como estávamos, ultrapassava as forças humanas fazer mais alguma coisa imediatamente. Descansamos até às duas horas e ceamos, partindo para as colinas logo depois, munidos de três resistentes sacos que havíamos encontrado, por felicidade, na cabana. Um pouco antes das quatro, chegamos ao buraco, dividimos o restante da presa, o mais igualmente possível, entre nós, e, deixando os buracos abertos, e de novo partimos para a cabana, na qual, pela segunda vez, depositamos nossas cargas de ouro, justamente quando os primeiros e fracos raios da madrugada apareciam a leste, luzindo por cima das copas das árvores.

Sentíamo-nos, agora, completamente esgotados, mas a intensa excitação daquele instante nos impedia de repousar. Depois dum sono inquieto dumas três ou quatro horas de duração, despertamos, como se o houvéssemos combinado, para proceder ao exame do nosso tesouro.

A arca fora cheia até as bordas e passamos o dia inteiro e grande parte da noite inventariando seu conteúdo. Nenhuma ordem ou arranjo fora adotada. Tudo fora amontoado misturadamente. Depois de tudo classificado com cuidado, achamo-nos de posse duma riqueza muito mais vasta do que a princípio supuséramos. Em moedas, havia mais, muito mais, de quatrocentos e cinquenta mil dólares, estimando o valor

do dinheiro, tão acuradamente como podíamos, de acordo com as tabelas da época. Não havia uma partícula de prata. Tudo era ouro de antiga data e de grande variedade: moedas francesas, espanholas e alemãs, com alguns guinéus ingleses e uns tantos miúdos, de que jamais havíamos visto modelos antes.

Havia muitas moedas bem grandes e pesadas, tão gastas que nada se podia vislumbrar de suas inscrições. Não havia dinheiro americano. Mais dificuldade encontrávamos em avaliar o valor das joias. Havia diamantes, alguns deles excessivamente grandes e belos, cento e dez ao todo, e nenhum pequeno; dezoito rubis de notável brilho; trezentas e dez esmeraldas, todas lindíssimas, e vinte e uma safiras, além de uma opala. Essas pedras tinham sido, todas, arrancadas de seus engates e atiradas de qualquer modo à arca. Os próprios engates que retiramos de entre outras peças de ouro pareciam ter sido batidos com martelos, como para impedir a identificação. Além de tudo isso, havia uma enorme quantidade de pesados ornamentos de ouro, quase duzentos brinco e anéis maciços; ricas correntes, em número de trinta, se bem me lembro; oitenta e três crucifixos muito grandes e pesados; cinco turíbulo de ouro de grande valor, uma maravilhosa poncheira de ouro, ornamentada com folhas de parreira ricamente cinzeladas e figuras báquicas; dois punhos de espada, caprichosamente gravados em relevo, e muitos outros objetos.

menores, de que não me posso lembrar. O peso desses excedia de trezentas e cinquenta libras, bem pesadas; e nessa avaliação eu não incluí cento e noventa e sete soberbos relógios de ouro, três dos quais valiam, cada um, quinhentos dólares, no mínimo. Muitos deles eram muito velhos e, para marcar o tempo, inúteis, pois o mecanismo sofrera, muito ou pouco, com a corrosão, mas eram todos ricamente cravejados de pedras, estando em estojos de alto preço.

Calculamos, naquela noite, que o inteiro conteúdo da arca valia um milhão e meio de dólares; e quando, depois, dispusemos dos berloques e joias (retendo poucas para nosso uso próprio verificamos haver grandemente subestimado o tesouro. Ao concluir, por fim, nosso exame, diminuída de alguma intensa excitação daquelas horas, Legrand, que viu que eu morria de impaciência, esperando uma solução desse extraordinário enigma, passou a detalhar, completamente, todas as circunstâncias relacionadas com ele.

- Você se lembra - disse ele - da noite em que eu lhe entreguei o tosco desenho que fizera do scarabaeus. Você se recorda também, de que eu fiquei completamente zangado com você, de sua insistência de que meu desenho se assemelhava a uma caveira? Quando você pela primeira vez fez essa afirmativa, pensei que estivesse brincando; mas depois recordei as manchas características nas costas do inseto e concordei comigo mesmo em que sua observação tinha, de fato, alguma base. Contudo, a zombaria de minhas capacidades gráficas me irritou, pois sou considerado um bom artista, portanto, quando você me restituiu o pedaço de pergaminho, estive a ponto de rasgá-lo e atirá-lo, com raiva, ao fogo.

- O pedaço de papel, quer dizer - disse eu.

- Não, ele era muito parecido com o papel e, a princípio supus que fosse isso, mas quando fui desenhar nele verifiquei que era um pedaço de pergaminho muito fino. Você disse que estava inteiramente sujo? Bem, quando eu estava a amarrotá-lo meu olhar caiu sobre o esboço para que você estivera olhando e você pode imaginar meu espanto quando, de fato, percebi a figura de uma caveira no mesmo lugar, pareceu-

me, em que eu desenho do escaravelho. Por um momento fiquei demasiado atônito para pensar com clareza. Sabia que meu desenho era, em detalhes, muito diverso daquele, embora houvesse uma certa semelhança no contorno geral. Tomei então de uma vela e, sentando-me no outro canto do quarto, comecei a examinar o pergaminho mais perto. Depois de virá-lo, vi meu próprio desenho no verso, tal o havia feito. Minha primeira ideia, então, foi a de simples surpresa pela similaridade de contorno realmente notável e pela sua singular coincidência envolvida no fato, para mim desconhecido, de que houvesse um crânio no outro lado do pergaminho, bem por trás de meu desenho do scarabaeur, e de que esse crânio, não só contorno, mas no tamanho, tão estreitamente se assemelhasse a meu desenho.

Digo que a similaridade dessa coincidência me deixou estupefato por algum tempo. Tal é o efeito comum de coincidências tais. A mente luta para estabelecer uma relação, uma sequência de causa e efeito e, sendo incapaz de fazê-lo, experimenta uma espécie de paralisia temporária. Mas quando voltei a mim desse estupor, irrompeu em mim uma convicção, pouco a pouco, que me espantou mais do que a coincidência. Comecei distintamente, positivamente, a recordar que não havia desenho algum sobre o pergaminho quando fiz o esboço do escaravelho.

Fiquei perfeitamente certo disso, porque me lembrava de ter virado primeiro um lado e depois o outro, à procura do lugar mais limpo. Se o crânio tivesse estado ali, sem dúvida eu não podia ter deixado de notá-lo. Ali estava, de fato, um mistério que achei impossível explicar; mas mesmo naquele primeiro momento, pareceu-me cintilar, fracamente, no mais íntimo e secreto recanto de minha inteligência a larva de uma concepção daquela verdade de que a ventura da noite passada nos trouxe magnífica demonstração. Ergui-me logo e, guardando o pergaminho com cuidado, transferi toda reflexão ulterior para quando estivesse só.

Quando você saiu, e quando Júpiter estava já bem adormecido, entreguei-me a uma investigação mais metódica do assunto. Em primeiro lugar, considerei a maneira pela qual o pergaminho veio cair em meu poder. O lugar onde descobrimos o escaravelho era na costa do continente, a cerca de uma milha para leste da ilha, e apenas a curta distância acima da marca da maré alta. Quando o agarrei ele me deu uma aguda picada, o que me fez deixá-lo cair. Júpiter com sua precaução costumeira, antes de agarrar o inseto que voara para o lado dele, procurou em volta uma folha, ou algo semelhante, com que apanhá-lo.

Foi nesse momento que seus olhos e também os meus, caíram sobre o pedaço de pergaminho, que então supus ser papel. Ele estava meio enterrado na areia com uma ponta aparecendo. Perto do lugar onde o encontramos, observei os restos do casco do que parecia ter sido uma baleeira de navio. As ruínas pareciam estar ali desde muito tempo, pois nas madeiras mal se podia vislumbrar a aparência de um bote.

Bem, Júpiter apanhou o pergaminho, envolveu nele o escaravelho e deu-mo. Logo depois voltamos para casa e, no caminho, encontramos o Tenente G***.

Mostrei-lhe o inseto e ele me pediu que o deixasse levá-lo ao forte. Tendo o meu consentimento, colocou-o em seguida no bolso do colete, sem o pergaminho em que estivera enrolado e que eu continuara a ter na mão durante o tempo em que ele inspecionava o animal. Talvez receasse que eu mudasse de ideia e achasse melhor assegurar-se da presa imediatamente; você sabe quão entusiasta ele é em todos os assuntos relacionados com a História Natural. Ao mesmo tempo, sem notar o que

fazia, eu devo ter cocado o pergaminho em meu próprio bolso.

Você se lembra de que, quando fui à mesa para o fim de fazer um esboço do escaravelho, não encontrei papel onde era ele habitualmente guardado. Procurei na gaveta e também nada achei. Revistei os bolsos, esperando encontrar uma velha carta, quando minha mão caiu sobre o pergaminho. Pormenorizo assim o modo preciso pelo qual este caiu em meu poder porque as circunstâncias impressionaram com força especial.

Não duvido de que você me achará um sonhador. Mas eu já estabelecera uma espécie de relação. Ajuntara dois elos de uma grande cadeia. Havia um bote jazendo sobre a costa marítima e não longe do bote, havia um pergaminho - não um papel - um crânio pintado nele. Você naturalmente perguntará: onde está a relação? Replico que o crânio, ou caveira, é o muito conhecido emblema dos piratas. A bandeira da caveira é içada em todas as suas empresas.

Já disse que aquele pedaço era de pergaminho e não de papel. O pergaminho é durável, quase imperecível. Raramente se confiam ao pergaminho coisas de pequena importância, visto como, para os simples fins ordinários do desenho ou da escrita, ele não se presta tão bem como o papel.

Essa reflexão sugeria algum significado, algum propósito na caveira. Não deixei de observar, também a forma do pergaminho. Embora um de seus cantos tivesse sido destruído por algum acidente, podia-se ver que a forma primitiva era quadrangular. Era justamente um pedaço, de fato, tal como poderia ter sido escolhido para uma nota, para o registro de alguma que devia ser prolongadamente lembrada e cuidadosamente preservada.

- Mas - interrompi -, você disse que o crânio não estava no pergaminho quando fez o desenho do escaravelho. Como, então traça alguma relação entre o bote e o crânio, desde que este último de acordo com o que você mesmo admitiu, deve ter sido desenhado (só Deus sabe como e por quem) em algum período subsequente ao de seu esboço do escaravelho?

- Ah, aí é que todo o mistério se resolve, embora, nesse ponto eu tivesse relativamente pouca dificuldade em resolver o segredo. Meus passos eram certos e eu só podia atingir um resultado. Raciocinei, por exemplo, assim: Quando desenhei o escaravelho, não aparecia crânio algum no pergaminho. Ao terminar o desenho, passei-o a você e observei-o acuradamente, até que você o devolveu. Você portanto, não desenhara o crânio e não se achava presente mais ninguém para fazê-lo. Logo, não fora feito por meios humano não obstante, fora feito.

Nesse ponto de minhas reflexões, esforcei-me por lembrar e lembrei, com inteira exatidão, todos os incidentes que correram por volta do período em apreço. O tempo estava frio (oh!

Raro e feliz acaso!) e o fogo ardia na lareira. Eu me achava aquecido pelo exercício e sentei-me perto da mesa. Você, porém, puxara uma cadeira para perto da chaminé. Logo que coloquei o pergaminho em suas mãos, e que você estava a ponto de examiná-lo, Lobo, o meu terra-nova, entrou e pulou sobre seus ombros. Com a esquerda você lhe fez festas e com a direita, que segurava o pergaminho, caiu descuidadamente entre os seus joelhos, bem perto do fogo. Em um momento pensei que as chamas o atingissem e estava quase a avisá-lo quando, antes que tivesse podido falar, você o retirou e entregou-se a examiná-lo.

Quando considerei todos esses pormenores, não duvidei um só momento de que o calor fora o agente que trouxera à luz, no pergaminho, o crânio que eu vira desenhado nele.

Você bem sabe que existem preparados químicos, e sempre existiram desde tempos imemoriais, por meio dos quais é possível escrever sobre papel ou velino, de modo que os caracteres só se tornem visíveis quando submetidos à ação do fogo. O óxido impuro de cobalto, dissolvido em água régia e diluído em quatro vezes o seu peso de água, é às vezes empregado; resulta uma tinta verde. O régulo de cobalto, dissolvido em espírito de nitro, dá uma tinta vermelha. Tais cores desaparecem em intervalos maiores ou menores, depois de efetuada a escrita, com o frio, reaparecem de novo, após a aplicação de calor.

Examinei então a caveira com cuidado. A borda exterior, a borda do desenho mais perto da ponta do velino, era bem mais distinta do que o resto. Claro estava que a ação do calórico fora imperfeita, ou desigual. Acendi fogo imediatamente e submeti todas as partes do pergaminho a um calor ardente. A princípio, o único efeito foi acentuar as linhas fracas do crânio; mas, perseverando na experiência ficou visível, num canto da faixa, diagonalmente, em oposição ao lugar em que se delineara a caveira, a figura do que, a princípio, supus ser uma cabra. Um exame mais acurado, contudo, demonstrou -me que se tratava de um cabrito.

- Ah! Ah! - disse eu. - Sem dúvida não tenho o direito de rir de você. Um milhão e meio em dinheiro é coisa muito séria para brincadeiras. Mas você não vai querer estabelecer um terceiro elo em sua cadeia. Você não vai achar uma relação especial entre seus piratas e uma cabra. Os piratas, como você sabe, não têm nada com as cabras; elas pertencem aos interesses dos fazendeiros.

- Mas eu acabo de dizer que a figura não era a de uma cabra...

- Bem, que seja de um cabrito... é mais ou menos a mesma coisa.

- Mais ou menos, mas não inteiramente - disse Legrand. - Você deve ter ouvido falar num tal Capitão Kidd. Pela minha parte, considerei logo a figura do animal como espécie de assinatura figurada ou hieroglífica. Digo assinatura porque sua posição no velino sugeriu essa ideia. A caveira no canto diagonalmente oposto tinha do mesmo modo, o aspecto de um sinete, ou selo. Mas fiquei tristemente perturbado com a ausência de mais qualquer coisa, de um corpo para meu imaginado documento, do texto de meu contexto.

- Presumo que você esperava encontrar uma carta entre o sinete e a assinatura. Algo dessa espécie.

- O fato é que me sentia irresistível impressionado com um pressentimento de alguma vasta e boa fortuna pendente. Mal posso dizer porque talvez, afinal de contas, fosse antes um desejo que uma crença real. Mas sabe você que as tolas palavras de Júpiter acerca de ser o escaravelho feito de ouro maciço tiveram notável efeito sobre minha imaginação? E, depois, a de acasos e coincidências... eram todos tão extraordinários! Observe! como, por simples acaso, esses acontecimentos ocorreram no único dia do ano que foi, ou podia ser, suficientemente frio para que acendêssemos fogo, e sem esse fogo, sem a intervenção do cão no momento preciso em que ele apareceu, eu nunca saberia da existência dessa caveira e, assim, nunca seria o possuidor do tesouro.

- Mas, continue... estou impaciente.

- Bem, você naturalmente já ouviu as muitas histórias que correm, esses mil boatos vagos que circulam acerca de dinheiro enterrado em algum ponto da costa atlântica por Kidd e seus associados. Tais boatos devem ter tido alguma base na realidade. E o fato de que eles tenham existido tanto e tão continuamente só podia ter resultado, pareceu-me, da circunstância de que o tesouro enterrado ainda permanecia sepulto. Tivesse Kidd escondido sua pilhagem por algum tempo, retirando-a depois, tais boatos raramente poderiam ter-nos alcançado na sua forma presente e invariável.

- Observe as histórias que se contam são, todas, sobre procuradores de dinheiro e não acerca de achadores de dinheiro. Se o pirata tivesse recuperado seu dinheiro, a questão estaria encerrada. Parece-me que aí algum acidente - digamos a perda de uma nota indicando o local - o privou dos meios de recuperar o tesouro e que esse acidente se tornou conhecido de seus comparsas, que de outro modo nunca poderiam ter ouvido falar, em absoluto, que o tesouro tivesse sido escondido, e que, empregando-se em tentativas inúteis, porque sem guia para reavê-lo, deram origem, primeiramente, e depois divulgação universal, aos relatos que agora são tão comuns. Você já ouviu falar que algum tesouro importante tenha sido desenterrado longo da costa?

- Nunca.

- Mas é bem sabido que a fortuna acumulada por Kidd era imensa. Tomei como certo, portanto, que a terra ainda a conservava escondida. E você mal se surpreenderá se lhe disser que senti uma esperança, quase chegando à certeza, de que o pergaminho estranhamente encontrado encerrasse o registro perdido do lugar do depósito.

- Mas como você continuou?

- Levei de novo o velino ao fogo, depois de aumentar o calor mas nada apareceu; julguei então possível que a cobertura de sujo podia ter alguma relação com o fracasso; assim, limpei cuidadosamente o pergaminho, derramando água quente sobre ele, e, tendo feito isso, coloquei-o numa caçarola de cobre com o crânio para baixo, e pus a caçarola sobre um fogão com carvão em brasa. Em poucos minutos a caçarola ficou inteiramente aquecida e removi a folha que, com indizível alegria, encontrei salpicada, em diversos com o que me pareceu serem figuras arrumadas em linhas. Coloquei-a de novo na caçarola e deixei que lá ficasse outro minuto. Depois de tirá-la, tudo estava tal como você agora vê.

- E aí Legrand, aquecendo de novo o pergaminho, entregou-o a meu exame. Entre a caveira e a cabra estavam toscamente traçados, em tinta vermelha, os seguintes sinais: .53% % + 305))6*; 4826)4% >4%); 806*; 48+88&60))85; 1% (;%*8+83(88)5*+; 46(88*96*?; 8)*%(485); 5*+2.*%(4956 *2(5*-4)8&8*; 4069285);)6+8)4%); 1;(%9; 48081; 8:8%1; 481;48+85:4)485+528806*81(%9; 48; (88; 4(%?34; 48)4%; 161;188;%?;

- Mas - disse eu, entregando-lhe a folha -, estou no escuro como antes. Esperassem-me todas as joias de Golconda em troca da solução desse enigma e tenho plena certeza de que seria incapaz de ganhá-las.

- E contudo - falou Legrand - a solução de modo algum é tão difícil como você poderia ser levado a imaginar após o primeiro exame apressado dos caracteres. Esses caracteres, como qualquer pessoa pode prontamente verificar, formam uma cifra, isto é, encerram um significado; mas segundo o que se conhece de Kidd, eu não podia supô-lo capaz de compor qualquer espécie de cifra muito complicada. Achei, imediatamente, que esta era duma espécie simples, tal, entretanto, que para a

inteligência rude do marinheiro devesse parecer absolutamente insolúvel, sem a chave. E você realmente a decifrou? Com toda a facilidade. Já decifrei outras, dez mil vezes mais complicadas. Certas circunstâncias e certas tendências do espírito levaram-me a interessar-me por semelhantes enigmas e pode-se bem duvidar de que a engenhosidade humana consiga compor um enigma dessa espécie, que a engenhosidade humana não possa decifrar, graças a uma aplicação adequada. De fato, uma vez que tenha eu arranjado caracteres unidos e legíveis, mal ligo importância à simples dificuldade de descobrir-lhe a significação.

- No caso presente - e na verdade em todos os casos de escrita secreta - a primeira questão diz respeito à língua da cifra, pois os princípios de solução, particularmente quando se trata das cifras mais simples, dependem do gênio de cada idioma e podem por isso variar. Em geral não há outra alternativa para quem tenta a decifração, senão experimentar (dirigido pelas probabilidades) cada língua conhecida até que a verdadeira seja encontrada. Mas nesta cifra que temos aqui diante de nós, toda a dificuldade foi removida, graças à assinatura. O trocadilho com a palavra "Kidd" só é perceptível na língua inglesa. Sem esta consideração, teria eu começado minhas tentativas com o espanhol e o francês, como línguas em que um segredo desta espécie deveria ter sido naturalmente escrito por um pirata dos mares espanhóis. Mas no caso presente, presumi que a cifra estivesse em inglês.

- Você há de notar que não existem divisões entre as palavras. Se as houvesse, a tarefa teria sido relativamente fácil. Em tal caso teria eu começado por fazer uma comparação e análise das palavras mais curtas e, se tivesse encontrado, como é sempre provável uma palavra duma só letra a (um) ou I (eu), por exemplo, haveria considerado a solução como garantida. Mas, não havendo divisões meu primeiro passo foi averiguar quais as letras dominantes, como as menos frequentes.

Contando todas, construí a seguinte tábu:

O algarismo "8" ocorre 33 vezes

O sinal ";" ocorre 26 vezes

O algarismo "4" ocorre 19 vezes

O sinal "%" ocorre 16 vezes

O sinal ")" ocorre 16 vezes

O sinal "*" ocorre 13 vezes

O algarismo "5" ocorre 12 vezes

O algarismo "6" ocorre 11 vezes

O sinal "(" ocorre 10 vezes

O sinal "+" ocorre 8 vezes

O algarismo "1" ocorre 8 vezes

O algarismo "0" ocorre 6 vezes

O algarismo "9" ocorre 5 vezes

O algarismo "2" ocorre 5 vezes

O sinal ":" ocorre 4 vezes

O algarismo "3" ocorre 4 vezes

O sinal "?" ocorre 3 vezes

O sinal "&" ocorre 2 vezes

O sinal "-" ocorre 1 vez

O sinal "." ocorre 1 vez.

- Ora, em inglês a letra que mais se encontra é o e. As demais ocorrem na seguinte ordem: a o i d h n r s t u y c f g l m w b k p q x z. O e é tão singularmente predominante que raras são as frases, de certo tamanho, em que não seja ele a letra principal. Temos, pois, aqui, logo no começo, uma base para algo mais do que uma simples conjectura. É evidente o uso geral que se pode fazer dessa tábuia, mas para esta cifra particular só mui reduzidamente nos utilizaremos de seu concurso. Como o algarismo predominante é o 8, começaremos por atribuir-lhe o valor de e, do alfabeto natural. Para verificar essa suposição, observemos se o 8 aí aparece muitas vezes aos pares, pois o e se duplica, com grande frequência, em inglês: como, por exemplo, nas palavras meet, fleet, speed, seen, been, agree, etc. No caso presente, vemo-lo duplicada não menos de cinco vezes, embora o criptograma seja curto.

Admitamos, pois, que o 8 seja O e. Ora, de todas as palavras da língua, the é a mais usual. Vejamos, portanto, se não há repetições e três caracteres na mesma ordem de colocação, sendo o 8 o último dos três. Se descobrirmos repetições de tais letras arranja-das desta forma, elas representarão, mui provavelmente, a palavra THE. Examinando-se, encontramos não menos de sete dessas combinações; sendo os caracteres; 48. Podemos, portanto, supor que ; representa t, 4 representa h e 8 representa e, estando este último bem confirmado. De modo que um grande passo já foi dado. Tendo determinado uma única palavra, estamos capacitados a determinar um ponto vastamente importante, isto é, muitos começos e fins de outras palavras. Vejamos, por exemplo, o penúltimo que a combinação ;48 ocorre quase no fim da cifra. Sabemos que o sinal ";" que vem logo depois é o começo de uma palavra dos seis caracteres que seguem este the conhecemos não menos de cinco. Substituamos, pois, estes caracteres pelas letras que já sabemos que eles representam, deixando um espaço para o que não conhecemos: t eeth.

Aqui já estamos habilitados a descartar-nos do th, como não formando parte da palavra que começa pelo primeiro t, pois que temos experimentando sucessivamente todas as letras do alfabeto para preencher a lacuna, que nenhuma palavra pode ser formada em que apareça esse th. Estamos, assim, limitados at ee, e percorrendo todo o alfabeto, se necessário, como antes, chegamos à palavra tree (árvore) como a única possivelmente certa. Ganhamos assim outra letra, o r, representada por (, e mais duas palavras justapostas, the tree (a árvore). Um pouco além destas palavras, a custa distância, vemos de novo a combinação; 48, e dela nos utilizamos como terminação da que imediatamente a precede. E assim temos este arranjo: the tree ;4(% ?34 the, ou, substituindo pelas letras reais os sinais conhecidos, lê-se assim: the tree thr % ?3h the.

Ora, se em vez dos caracteres desconhecidos, deixarmos espaços em branco ou pontos que os substituam, leremos isto: the tree thr. The, a palavra through se torna imediatamente evidente. Mas esta coberta dá-nos três novas letras: o, u e g, representadas por % e 3. Procurando agora, cuidadosamente, na cifra, combinações de caracteres conhecidos, descobrimos, não muito longe do princípio, disposição: 83(88, ou seja, egree. Isto é, claramente, a conclusão da palavra degree (grau) e dá-nos outra letra, o d, representada por +. Quatro letras além da palavra degree notamos a combinação 46;

Traduzindo os caracteres conhecidos e representando os desconhecidos por pontos, como antes, vemos o seguinte: th rtee, combinação que sugere imediatamente a palavra thirteen (treze de novo nos fornece dois novos caracteres: i e n, representados

respectivamente, por 6 e *. Voltando agora ao princípio do criptograma, observamos a combinação 53%%+.

Traduzindo-a como antes, obtemos good.

Isso nos certifica de que a primeira letra é A e as primeiras palavras são: A good. É tempo, então, de organizar nossa chave com o já descoberto, em forma de uma tábua, para evitar confusões. Tê-la-emos assim:

5 representa a
+ representa d
8 representa e
3 representa g
4 representa h
6 representa i
* representa n
% representa o
(representa r
; representa t
? representa u

- Temos, portanto, nada menos de onze das mais importantes letras representadas e será desnecessário continuar com os detalhes desta solução. Já lhe disse o bastante para convencê-lo de que as cifras desta natureza são facilmente solúveis e para dar-lhe alguma ideia da análise racional que serve para desenvolvê-las. Mas fique certo de que o espécime presente pertence às mais simples espécies de criptogramas. Agora só resta dar-lhe a tradução completa dos caracteres do pergaminho, depois de decifrados. Aqui está ela: "A goad glass in the bishap's hastel in the devil's seat forty one degrees and thirteen minutes northeast and by north main branch seventh limb east side shoot from the left eye of the death's-head a bee line from the tree through the shot fifty feet out."

- Mas - disse eu - o enigma parece ainda em tão ma situação como antes. Como é possível extrair um significado dessa trapalhada toda de "cadeira do diabo", "caveira" e "hotel do bispo" ?

(Um bom vidro no hotel do bispo na cadeira do diabo quarenta e um graus e treze minutos nordeste quadrante norte tronco principal sétimo galho lado leste atirai do olho esquerdo da caveira uma linha de abelha da arvore através o tiro cinquenta pés distante. N. T.)

- Mas - disse eu - o enigma parece ainda em tão ma situação como antes. Como é possível extrair um significado dessa trapalhada toda de "cadeira do diabo", "caveira" e "hotel do bispo" ?

- Confesso - replicou Legrand - que a questão ainda apresenta um aspecto sério, quando encarada de modo superficial. Minha primeira tentativa foi dividir a sentença nas divisões naturais, pretendidas pelo autor da cifra.

- Pontuá-la, quer dizer?

- Mais ou menos isso.

- Mas como era possível fazê-lo?

- Refleti que o autor fizera questão de amontoar as palavras sem separá-las, para aumentar a dificuldade da tradução. Ora, um homem não demasiado esperto, ao objetivar tal resultado, quase certamente iria além do devido. Quando, no decorrer de

sua escrita, a uma parada do assunto, que naturalmente requereria uma pausa ou mesmo um ponto, ele seria mais do que capaz de amontoar as letras nesse lugar, mais do que nas junções anteriores. Se você observar o manuscrito aqui presente, facilmente observará cinco casos de juntamento incomum. Partindo dessa sugestão, fiz a divisão seguinte: *A goad glass in the bishap's hastel in the devil's seat - forty one degrees and thirteen minutes - northeast and by north - main branch seventh limb east side - shoot from the left eye of the death's-head a bee line from the tree through the shot fifty feet out* (Um bom vidro no hotel do bispo na cadeira do diabo - quarenta e um graus e treze minutos nordeste quadrante norte - tronco principal sétimo galho lado leste - atirai do olho esquerdo da caveira - uma linha de abelha da árvore através do tiro cinquenta pés distante. N. T.)

-Mesmo esta divisão - falei - ainda me deixa no escuro.

- Também me deixou no escuro - replicou Legrand - por poucos dias, durante os quais fiz diligentes pesquisas nas vizinhanças de Sullivan, procurando algum edifício que tivesse o nome de " hotel do bispo", pois, naturalmente, não me inquietei com a palavra arcaica hostel. Não obtendo qualquer informação a respeito, estava a ponto de estender meu campo de pesquisa e proceder de modo mais sistematizado, quando, certa manhã, tive a bem súbita, de que esse "hotel do bispo" podia referir-se a antiga família Bessop, que, desde tempos remotíssimos, possuía mansão antiga a cerca de quatro milhas a nordeste da ilha.

Em consequência, fui até a fazenda e renovei minhas pesquisas entre os mais velhos negros do lugar. Afinal, uma das mulheres mais idosas disse que ouvira falar de um lugar tal como Bessop's Castle (Castelo de Bessop) e achou que me podia levar ao lugar, mas que não se tratava de um castelo nem de uma taverna, mas de um rochedo elevado.

Ofereci-lhe boa paga pelo trabalho e, depois de alguma hesitação, consentiu em acompanhar-me ao local. Encontrando-o sem grande dificuldade, mandei-a de volta e passei a examinar o lugar. O "castelo" consistia num conjunto irregular de penhascos e rochedos, sendo um destes últimos muito digno de nota, por sua altura, bem como por sua aparência isolada e artificial. Subi a seu cume e fiquei sem saber o que devia fazer em seguida.

- Enquanto me ocupava em tal reflexão, caíram meus olhos sobre uma saliência estreita, na face ocidental do rochedo, uma jarda talvez por baixo do cimo em que me achava. Essa saliência projetava-se cerca de dezoito polegadas e não tinha mais de um pé de largura; um nicho no penhasco dava-lhe toska semelhança como uma das cadeiras de encosto côncavo usadas por nossos antepassados.

- Não duvidei de que ali se achava a "cadeira do diabo" que aludia o documento e pareceu-me então apreender todo o segredo do enigma.

- O "bom vidro", sabia eu, apenas podia referir-se a um binóculo, pois a palavra glass (vidro) é raramente empregada em outro sentido pelos marinheiros. Logo vi, então, que se devia usar um binóculo, de um ponto de visão definido, não admitindo variação. Não hesitei em acreditar que as frases "quarenta e um graus e treze minutos" e "nordeste quadrante norte" deveriam ser direções para colocação do binóculo. Grandemente excitado por essas descobertas apressei-me em voltar à casa, apanhei um binóculo e regressei ao rochedo.

- Coloquei-me na saliência e verifiquei que era impossível ficar sentado, a não ser

uma posição especial. Esse fato confirmou minha ideia preconcebida. Passei a usar o binóculo.

Naturalmente, "quarenta e um graus e treze minutos" só podiam aludir à elevação acima do horizonte visual, pois a direção horizontal estava claramente indicada pelas palavras "nordeste quadrante norte. Estabeleci imediatamente esta última direção, por meio de uma bússola de bolso; depois, apontando o binóculo a um ângulo de cerca de quarenta e um graus de elevação, como podia calcular por experiência, movi-o cautelosamente para cima e para baixo, até minha atenção foi detida por uma fenda circular, ou abertura, na folhagem de uma grande árvore, que, à distância, dominava suas companheiras. No centro dessa abertura percebi um ponto branco mas a princípio não pude distinguir de que se tratava. Ajustei o foco do binóculo, olhei de novo e verifiquei então que era crânio humano.

Depois desta descoberta, eu estava confiante em considerar o enigma resolvido, pois a frase "tronco principal, sétimo galho, lado leste" só se podia referir à posição do crânio na árvore, enquanto que "atirai do olho esquerdo da caveira" também apenas admitia uma interpretação em relação à busca do tesouro enterrado. Percebi que a intenção era de lançar uma bala através do olho esquerdo do crânio e que uma "linha de abelha", ou, em outras palavras uma linha reta, tirada do ponto mais próximo da árvore através "do tiro", ou o lugar onde a bala caísse, e daí estendida a uma distância de cinquenta pés, indicaria um ponto definido. E por baixo desse ponto considerei como pelo menos possível que estivesse oculto um depósito de valor.

- Tudo isso disse - é excessivamente claro e, embora engenhoso, simples e explícito. Que fez você depois de deixar o "hotel do bispo"?

- Ora, tendo cuidadosamente tomado nota da aparência da árvore, voltei para casa. Logo, porém, que deixei a "cadeira do bispo" a abertura circular desapareceu. Não pude vê-la mais depois, embora me virasse para trás. O que pareceu a principal perícia, em todo esse negócio, foi o fato (pois repetidas experiências me convenceram de que era um fato) de que a abertura circular em questão não é visível de qualquer ponto de visão que se possa alcançar, a não ser o que permite a estreita saliência na face do rochedo. Nessa expedição ao "hotel do bispo", fora eu auxiliado por Júpiter, sem dúvida, observara, nas semanas anteriores, minha atitudes de abstração, tomando especial cuidado em não me deixar só. Mas no dia seguinte, levantando-me muito cedo, escapuli dele e fui às colinas, à procura da árvore. Depois de muito pesquisar, encontrei-a.

- Quando voltei para casa, à noite, meu criado estava resolvido a dar-me uma surra. Do resto das aventuras creio que você sabe como eu.

- Suponho - disse - que você errou o lugar, na primeira tentativa de cavar, por causa da estupidez de Júpiter, deixando o escaravelho cair pelo olho direito, em vez de pelo olho esquerdo do crânio - Perfeitamente. Esse engano produziu uma diferença de cerca polegadas e meia no "tiro", isto é, na posição da cavilha mais próxima da árvore; e se o tesouro estivesse por baixo do "tiro" o erro teria sido de pouca importância; mas o "tiro", bem como o ponto mais próximo da árvore eram simplesmente dois pontos para o estabelecimento de uma linha de direção. Naturalmente o erro, embora trivial no começo, aumentava à medida que continuava com a linha e, ao completarmos os cinquenta pés, ficamos inteiramente fora da direção. Não fossem minhas impressões solidificadas de que o tesouro estava ali

realmente enterrado, em alguma parte, poderíamos ter perdido em vão todo o nosso trabalho.

- Mas sua grandiloquência, sua conduta ao balançar o escaravelho... estavam enormemente extravagantes! Eu ficara certo de você enlouquecera. E por que você insistiu em deixar cair o escaravelho, em vez de uma bala, pelo crânio?

- Ora, para ser franco, eu me sentia algo aborrecido com suas evidentes suspeitas, relativamente à minha sanidade mental e resolvi castigá-los calmamente ao meu próprio jeito, com um pouquinho de calculada mistificação. Por esse motivo balancei o escaravelho, e por essa razão fiz com que fosse atirado da árvore observação sua sobre o grande peso dele sugeriu-me essa ideia.

- Sim, percebo! E agora só há um ponto que me embaraça. Que significam os esqueletos encontrados no buraco?

- Essa é uma pergunta a que não sou mais capaz de responder do que você. Parece, contudo, haver apenas um meio plausível de explicar o caso... e, entretanto, é terrível acreditar em atrocidades tal como a implicada em minha hipótese. E claro que Kidd, (se na verdade Kidd escondeu esse tesouro, coisa de que não duvido) claro que ele deve ter sido auxiliado nesse trabalho. Concluído, porém, o serviço, pode ter ele considerado prudente fazer desaparecer todos os que participavam de seu segredo. Talvez um par de golpes com uma picareta, fosse suficiente, enquanto seus ajudantes se ocupavam em cavar; talvez fossem necessários doze... Quem sabe?

A CARTA FURTADA

Nu sapientiae odiosius acumine nimio.

Sêneca

PARIS, logo depois do escurecer duma ventosa noite do outono gozava eu a dupla volúpia da meditação e dum cachimbo de espuma, em companhia de meu amigo C. Augusto Dupin, em sua pequena biblioteca, ou gabinete de estudos, no terceiro andar do n.º 33, da Rua Dunot, bairro de São Germano. Durante hora, pelo menos, mantivemos profundo silêncio; ao primeiro observador casual, cada um de nós pareceria atenta e exclusivamente ocupado com as crespas volutas de fumaça que tornavam pesada a atmosfera do quarto. Quanto a mim, porém, discutia mentalmente certos tópicos que haviam formado tema de conversa entre nós, no começo da noite. Refiro-me ao caso da Rua Morgue e ao mistério ligado ao assassinio de Maria Roget. Considerava, por conseguinte, a espécie de relação existente entre eles, quando a porta de nosso apartamento foi escancarada e deu entrada ao nosso conhecido, o Sr. G***, Chefe da Polícia parisiense.

Recebemo-lo cordialmente, pois tanto havia naquele homem de encantador como de desprezível, e há muitos anos que não o víamos. Como estivéssemos no escuro Dupin levantou-se a fim acender uma lâmpada, mas sentou-se de novo, sem fazê-lo, ao ouvir G*** dizer que tinha vindo consultar-nos, ou antes, pedir a opinião de meu amigo a respeito de certo negócio oficial que já havia ocasionado grandes complicações.

- Se se trata dum caso que requeira reflexão - observou ao abster-se de acender o pavio -, examiná-lo-emos melhor no escuro.

- É outra de suas esquisitices - disse o Chefe de Polícia tinha o cacoete de chamar de "esquisito" tudo quanto além de sua compreensão e por isso vivia em meio duma completa legião de "esquisitices".

- É bem verdade - disse Dupin, apresentando um cachimbo ao visitante e empurrando para o lado dele uma confortável cadeira.

- E qual a dificuldade agora? - perguntei. - Espero que não seja mais nenhum assassinio.

- Oh, não, nada dessa espécie! O fato é... o caso é bastante simples na verdade, e não tenho dúvida que poderíamos nós mesmos resolvê-lo muito bem; mas depois pensei que Dupin gostaria de conhecer-lhe os pormenores, porque é tão extraordinariamente esquisito.

- Simples e esquisito - disse Dupin.

- Mas é mesmo, embora a expressão não seja bem exata. O fato é que todos nós ficamos bastante embaraçados, porque o é tão simples, e, no entanto, desconcerta-nos inteiramente.

- Talvez seja a própria simplicidade da coisa que o induz erro - disse meu amigo.

- Que contra-senso esse seu! - respondeu o Chefe de rindo cordialmente.

- Talvez o mistério seja um tanto demasiado claro - disse Dupin.

- Oh, pelo bom Deus! Quem já ouviu falar de semelhante ideia?

- Um pouco demasiado evidente.

- Ah, ah, ah! Ah, ah, ah! Oh! oh! oh! ria estrepitosamente nosso visitante, intensamente divertido. - Oh, Dupin, você ainda me mata!

- E afinal - perguntei eu -, qual é o caso em questão?

- Bem, vou contar-lhes o caso - respondeu o Chefe de Polícia lançando uma longa, segura e contemplativa fumaçada e sentando-se na cadeira. - Contar-lhes-ei tudo em poucas palavras, mas antes de começar, deixem-me adverti-los de que se trata dum negócio que exige o maior sigilo, e que mui provavelmente perderei o cargo que ora exerço se se souber que o confiei a alguém.

- Comece - disse-lhe eu.

- Ou não comece - disse Dupin.

- Pois vamos lá. Recebi informação particular, na mais alta esfera de que certo documento da mais extrema importância foi furtado dos aposentos reais. O indivíduo que o furtou é conhecido, e não pode haver dúvida a respeito. Foi visto no ato do furto. Sabe-se também que o documento se encontra ainda em seu poder.

- Como se sabe disso? - perguntou Dupin.

- Deduz-se claramente - respondeu o Chefe de Polícia - da natureza do documento e do não aparecimento de certos resultados surgiriam imediatamente se ele saísse das mãos do ladrão, isto ele o utilizasse em vista do fim a que se propunha.

- Seja um pouco mais explícito - disse eu.

- Bem, posso aventurar-me a dizer que o papel dá a seu possuidor certo poder em determinado setor em que tal poder é imensamente valioso.

O chefe de Polícia era doido pela gíria diplomática.

- Não compreendo ainda inteiramente - disse Dupin.

- Não? Pois bem, revelado esse documento a uma terceira pessoa cujo nome omitirei, porá em questão a honra de um personagem da mais alta hierarquia, e este fato dá ao detentor do documento ascendência sobre o ilustre personagem cuja honra e cuja paz ficam assim ameaçadas.

- Mas esta ascendência - interrompi eu - dependerá do seguinte, saberá o ladrão que a pessoa roubada conhece quem furtou o documento? Quem ousaria...

- O ladrão - disse G*** - é o Ministro D***, que ousa tudo quanto é indecente, bem como tudo quanto é decente para um homem. O processo do furto foi tão engenhoso quanto audaz. O documento em questão - uma carta, para ser franco - tinha sido recebida pela personagem roubada enquanto se achava só na alcova real.

Enquanto a lia, foi ela, de súbito, interrompida pela entrada de outra elevada personagem, de quem desejava especialmente ocultar a carta. Depois de apressada e vã tentativa de lançá-la numa gaveta, foi obrigada a colocá-la, aberta como estava, sobre mesa. O sobrescrito, porém, estava para cima e oculto assim o conteúdo, não chamando a carta atenção. Nesta conjuntura entra o Ministro D***. Seu olhar de lince nota imediatamente o papel, reconhece a letra do sobrescrito, percebe a atrapalhação da personagem, a quem a carta estava endereçada, e descobre-lhe o segredo.

Depois de tratar de alguns negócios, a toda pressa, como costuma tira do bolso

uma carta um tanto semelhante à carta em questão abre-a, pretende lê-la, e depois coloca-a bem junto da outra. Começa a conversar, durante uns quinze minutos, a respeito de negócios públicos. Por fim, ao despedir-se, pega de cima da mesa a carta a que não tinha direito. Seu verdadeiro dono viu isso, sem dúvida, não ousou chamar a atenção para o ato, na presença do terceiro personagem, que estava a seu lado. O ministro deixando sua própria carta, que não tinha a menor importância sobre a mesa.

- Aqui, então - falou-me Dupin -, tem você o que é preciso para tornar a ascendência completa: o ladrão sabe que a pessoa furtada conhece o ladrão.

- Sim - replicou o Chefe de Polícia - e o poder assim tem sido utilizado, desde há alguns meses, para fins políticos, amplitude muito perigosa. A pessoa roubada está cada dia inteiramente convencida da necessidade de reaver sua carta. isto, naturalmente, não pode ser feito às claras. Afinal, levada ao desespero, encarregou-me da questão.

- Para isso disse Dupin, em meio a uma perfeita espiral fumaça - nenhum agente mais sagaz poderia, suponho, ser desejado ou sequer imaginado.

- O senhor me lisonjeia - replicou o Chefe de Polícia - é possível que tenha sido expandida alguma opinião dessa espécie.

- É claro - disse eu -, como o senhor observa, que a carta ainda se acha em poder do ministro; visto como é a posse, e não qualquer utilização da carta, que lhe permite o poder. Com emprego, desaparece o ascendente.

- De fato - disse G * * * - e eu procedi de acordo com convicção. Meu primeiro cuidado foi fazer uma busca completa no palacete do ministro. E meu principal embaraço, aí, estava na necessidade de procurar, sem que ele soubesse. Além de tudo, fora prevenido do perigo que resultaria de dar-lhe motivo de suspeitar de nosso desígnio.

- Mas - disse eu - o senhor está perfeitamente au fait nessas investigações. A polícia parisiense já fez tais coisas várias vezes antes.

- Oh, sim! E por essa razão não perdi a esperança. Os hábitos do ministro, aliás, davam-me grande vantagem. Frequentemente se ausenta ele de casa a noite inteira. Seus criados não são numerosos. Dormem distanciados do apartamento de seu patrão , como são napolitanos, embriagam-se facilmente. Eu tenho chaves como sabem, que podem abrir qualquer quarto ou móvel de Paris. Durante três meses, não se passou uma noite em cuja maior parte eu não me entregasse à tarefa de revistar, pessoalmente, o palacete.

- Minha honra está em jogo e, para mencionar um grande segredo, a recompensa é enorme. Assim, não abandonei a busca, até que me convenci completamente de que o ladrão é homem mais astuto do que eu. Creio que investiguei todos os nichos e cantos do edifício em que fosse possível estar o papel escondido.

- Mas é possível - sugeri - que, embora a carta possa estar em poder do ministro, como inquestionavelmente está, ele a tenha ocultado em outra parte que não em sua própria residência?

- Isso é dificilmente possível - disse Dupin. - As atuais condições especiais dos negócios da corte e principalmente dessas intrigas em que se sabe estar D* * * envolvido tornam a eficácia do documento sua possibilidade de ser apresentado em um momento, um ponto de importância quase igual ao de sua posse.

- Sua possibilidade de ser apresentado? - perguntei.
- O que vale dizer, de ser destruído - disse Dupin.
- De fato - observei. - A carta então está claramente no prédio. Quanto a estar na própria pessoa do ministro, devemos considerar isso como coisa fora de questão.

- Inteiramente - disse o Chefe de Polícia. - Ele foi duas vezes vítima de emboscada, como da parte de salteadores, e uma estrita busca foi dada em sua pessoa, sob minha própria inspeção.

- Você podia ter-se poupado esse incômodo - falou Dupin. - - D***, creio eu, não é de modo algum maluco, e, não o sendo, devia ter previsto essas emboscadas como uma coisa inevitável.

- Não é de modo algum maluco - falou G*** -, mas é porque eu julgo estar só a um passo do maluco.

- Efetivamente - disse Dupin, depois de longa e pensativa fumaça do cachimbo -, embora eu próprio tenha perpetrado alguns versos de pé quebrado.

- Suponho que o senhor pormenorizará - disse eu -, minuciosamente, a sua pesquisa.

- Bem, o fato é que gastamos tempo e procuramos em toda parte Tenho longa experiência desses assuntos. Explorei o edifício inteiro, aposento por aposento, dedicando as noites de toda uma semana a cada um deles. Examinamos primeiro a mobília de cada apartamento. Abrimos todas as gavetas possíveis; e imagino que o senhor sabe que, para um agente de polícia convenientemente treinado coisa tal como uma gaveta secreta é impossível. Será um pateta qualquer homem que deixe escapulir-lhe uma gaveta "secreta"

numa busca dessa espécie. A coisa é tão fácil. Há certa quantidade de volume, de espaço, a ser examinada em cada móvel. Depois temos regras acuradas. Não nos escapará a quinta parte de uma linha.

- Depois das escrivatinhas passamos às cadeiras. Os estofos foram pesquisados com as finas agulhas compridas, que você me viu empregar. Das mesas, retiramos a parte de cima.

- Por que isso?

- Às vezes, a parte de cima de uma mesa, ou de outra similarmente construída do mobiliário, é removida pela pessoa que deseja esconder um objeto. Depois, escava-se a perna do móvel -, deposita-se o objeto dentro da cavidade e recoloca-se a tampa. As partes de cima e do fundo das colunas de camas são também empregadas do mesmo modo.

- Mas não podia a cavidade ser localizada pelo som? - perguntei.

- De modo algum, se, quando o objeto for colocado, se em volta dele um enchimento suficiente de algodão. Além em nosso caso, éramos obrigados a agir sem fazer barulho.

- Mas o senhor não podia ter removido, o senhor não ter feito em pedaços todas as peças do mobiliário, em que seria possível depositar uma coisa do modo que mencionou. Uma carta pode ser comprimida num rolo fino em espiral, não diferindo na forma ou no volume, de uma comprida agulha de crochê e dessa forma, pode ser inserida num pé de cadeira, por exemplo. O senhor não reduziu a pedaços todas as cadeiras?

- Certamente que não; mas fizemos melhor: examinamos os pés de todas as

cadeiras do palacete e, para falar verdade, as de todas as peças do mobiliário com o auxílio de um poderoso microscópio. Tivesse havido traços de qualquer alteração recente não deixaríamos de descobri-la no mesmo instante. Qualquer modificação na cola, qualquer afastamento incomum das juntas, bastante para assegurar a descoberta.

- Creio que o senhor examinou os espelhos, entre as tábuas o vidro, e pesquisou as camas e as roupas de cama, assim as cortinas e os tapetes.

- Naturalmente; e quando acabamos de examinar completamente desse modo cada partícula do mobiliário, rebuscamos a própria casa. Dividimos sua superfície completa em compartimentos, numeramos de modo que nenhum podia escapar; depois, investigamos cada polegada quadrada, isoladamente, pelo edifício inteiro com o microscópio, como fizéramos antes, inclusive as duas casas imediatamente vizinhas.

- As duas casas vizinhas? - exclamei. - O senhor deve ter tido um trabalho enorme!

- Tivemos. Mas a recompensa oferecida é maravilhosa!

- O senhor incluiu o chão em volta das casas?

- Todo o chão é calçado com tijolos. Isso nos deu relativamente pouco trabalho.

Examinamos a relva entre os tijolos e verificamos que não se mexera ali.

- O senhor investigou os papéis de D***, naturalmente, e os livros da biblioteca?

- Por certo. Abrimos cada embrulho e cada objeto; não só abrimos todos os livros, mas viramos todas as folhas de todos os volumes, não nos contentando com uma simples sacudidela, como dizem alguns de nossos funcionários da polícia. Também medimos a espessura de cada capa de livro, com a mais apurada precisão e, aplicamos a cada uma delas, a mais zelosa pesquisa com o microscópio. Se se tivesse inserido alguma coisa em qualquer uma, seria extremamente impossível que tal fato houvesse escapado à observação. Cerca de cinco ou seis volumes que haviam voltado recentemente das mãos do encadernador foram sondados, cuidadosamente, com as agulhas.

- Examinou o assoalho por baixo dos tapetes?

- Sem dúvida. Removemos todos os tapetes e examinamos as tábuas com microscópio.

- E o papel das paredes?

- Também.

- Olharam nas adegas?

- Sim.

- Então - disse eu - o senhor está fazendo um cálculo errado.

- Não está no prédio, como supõe.

- Receio que aí o senhor tenha razão - disse o Chefe de polícia.

- E agora, Dupin, que é que você me aconselha a fazer?

- Fazer uma busca completa no edifício.

- Isso é completamente desnecessário - replicou G *** Tenho menos certeza de respirar do que de que a carta não está no palacete.

- Não tenho melhor conselho para lhe dar - disse Dupin. - senhor com certeza tem uma descrição minuciosa da carta? Oh, sim!

E então, o Chefe de Polícia extraiu um caderno de notas e leu, em voz alta, um minucioso relatório sobre a aparência interna e, especialmente, a externa do documento perdido.

Logo depois de terminar a leitura dessa descrição, partiu, mais inteiramente abatido do que eu jamais vira antes o bom cavalheiro.

Cerca de um mês depois, nos fez ele outra visita e achou-nos ocupados quase da mesma forma em que nos encontrou da vez anterior . Pegou do cachimbo, assentou-se e iniciou qualquer conversa comum. Afinal, disse eu: - Bem, mas G* *, que há a respeito da carta furtada? Presumo afinal, se convenceu de que não é coisa de pouca monta vencer em astúcia o ministro?

- Maldito seja, digo eu, sim, maldito seja. Refiz as buscas, no entanto, como Dupin sugeriu, mas foi tudo trabalho perdido, como sabia que seria.

- De quanto era a recompensa oferecida, a que você se referiu?

- Perguntou Dupin.

- Ora, é muita coisa... uma recompensa bastante generosa... não gosto de dizer quanto, precisamente, mas uma coisa direi: que não me importaria de dar, do meu próprio bolso, cinquenta mil a quem quer que pudesse obter para mim essa carta. O fato é que a coisa está-se tornando dia a dia mais importante e a recompensa foi recentemente duplicada.

Mesmo, porém, que a triplicassem, não poderia fazer mais do que tenho feito.

- Mas, sim... - disse Dupin, arrastando as palavras, as baforadas de seu cachimbo de espuma. - Na verdade... G***, que você não se tem esforçado... não tem feito o que pode nesse negócio. Você devia - penso eu fazer um pouco mais, hein?

- Como?... Em que sentido?

- Ora... puff... você poderia... puff, ... aconselhar-se com alguém nesse caso... não acha?... puff, puff, puff Lembra-se da estória que contam do Abernethy?

- Não. Que vá Abernethy para o diabo!

- Com efeito! Mande-o para o diabo, se lhe apraz. Mas uma vez, certo ricaço porreta concebeu o desígnio de extrair Abernethy uma consulta médica. Travando, com esse objetivo, conversa comum, num grupo de íntimos, insinuou seu caso ao médico, como o de um indivíduo imaginário. "Vamos disse o avaro que os sintomas dele são tais e tais; ora, que lhe aconselharia tomar?" "Eu lhe mandaria que tomasse" disse Abernethy , o conselho de um médico, com certeza. "

- Mas... - disse o Chefe de Polícia, um tanto desconcertante, estou perfeitamente disposto a tomar conselho e a pagar pelo conselho. Daria realmente cinquenta mil francos a quem quer me ajudasse nesse negócio.

- Neste caso - respondeu Dupin, abrindo uma gaveta, e sentando um livro de cheques -você poderia muito bem escrever-me um cheque do montante que acaba de mencionar.

Depois que o tiver assinado entregar-lhe-ei a carta.

Fiquei atônito. O Chefe de Polícia parecia ter sido fulminado, durante alguns minutos permaneceu sem fala e sem movimento olhando incredulamente para meu amigo, de boca aberta, e olhos quase fora das órbitas. Depois parecendo, de certo dominar-se, agarrou uma pena e, após muitas pausas e olhos vagos, encheu afinal e assinou um cheque de cinquenta mil francos , entregando-o, por cima da mesa, a Dupin. Este examinou-o detidamente e meteu-o depois na carteira. Em seguida, abrindo a escrivaninha, dela tirou uma carta e entregou-a ao Chefe de polícia . O funcionário agarrou-a, num perfeito transe de alegria, abriu com mão trêmula, lançou um rápido olhar a seu conteúdo, e, arrastando-se com esforço para a porta,

precipitou-se, afinal, sem mais cerimônia, para fora do quarto e da casa sem ter pronunciado uma só sílaba, desde que Dupin lhe havia pedido que enchesse o cheque.

Quando ele saiu, meu amigo passou a dar algumas explicações - A polícia parisiense - disse ele - é excessivamente hábil no seu ofício. Seus agentes são perseverantes, engenhosos, e inteiramente versados nos conhecimentos que sua profissão principalmente exige. Por isso, quando C * * * nos expunha seu processo de pesquisa nos aposentos da residência de D***, tive inteira confiança no resultado satisfatório da busca, dentro dos limites de seus esforços.

- Dentro dos limites de seus esforços? - perguntei eu.

- Sim disse Dupin. - As medidas adotadas eram não só de sua espécie, mas foram conduzidas com absoluta perfeição. Se a carta tivesse sido depositada dentro do alcance dos agentes teriam, sem dúvida alguma, dado com ela.

- Ri simplesmente. Ele, porém, parecia dizer tudo aquilo com toda a seriedade.

- As medidas, pois - continuou ele - eram boas no seu gênero e bem executadas. Seu defeito jazia em serem inaplicáveis ao caso e ao homem. Certo grupo de recursos altamente engenhoso ao Chefe de Polícia, uma espécie de leito de Procusto, tem de forçosamente adaptar seus planos. Mas ele erra, sem cessar, por ser demasiado profundo ou demasiado raso no assunto em questão, e muito menino de colégio raciocina melhor do que ele. Conhecia um, de cerca de oito anos de idade, cujos triunfos em acertar no jogo do "par e ímpar" atraíam a admiração geral. Este jogo é simples e joga-se com bolinhas.

Um jogador tem na mão certo número dessas bolinhas e pergunta a outro número é par ou ímpar. Se a adivinhação dá certo, o adivinhador ganha uma bola; se está errada, perde uma. O menino a quem me referi ganhava todas as bolas da escola. Tinha ele, sem dúvida algum meio de adivinhação e este consistia na simples observação e comparação da astúcia de seus adversários.

- Por exemplo simplório chapado é seu adversário, e, mantendo a mão, pergunta: "São pares ou ímpares?" O nosso colegial responde "Ímpares", e perde; mas, na segunda prova, acerta, porque a si mesmo: "O simplório pusera número par da primeira vez e sua dose de astúcia é o suficiente para fazê-lo ter bolas em ímpar, da segunda vez; portanto, adivinharei ímpar"; adivinha ímpar e ganha. Ora, com um simplório um grau acima do primeiro caso, ele teria raciocinado assim: "Este rapaz vê que, no primeiro caso, eu adivinhei ímpar, e no segundo, proporá a si mesmo, de acordo com o primeiro impulso, uma simples variação de par como fez o primeiro simplório; mas depois um segundo pensamento lhe sugerirá que isto é uma variação demasiado, e, finalmente, decidirá pôr número par como antes. Eu, lo, adivinharei par; adivinha par e ganha. Ora, este modo de raciocinar do colegial que seus camaradas chamam de "sorte", em última análise, qual é?

- É simplesmente - disse eu -, uma identificação do intelecto do raciocinador com o de seu antagonista.

- É - disse Dupin. - Quando perguntei ao menino por que era efetuada aquela perfeita identificação na qual consistia seu êxito, recebi a resposta que se segue: "Quando eu quero descobrir quando alguém é sensato, ou estúpido, ou bom, ou perverso, ou quais são seus pensamentos no momento, componho a expressão de meu rosto, tão cuidadosamente quanto possível, de acordo a expressão dele, e então espero ver que pensamentos ou sentimentos são despertados na minha mente ou no meu

coração, como para se equiparar ou corresponder à "minha fisionomia". Esta resposta do colegial mergulha fundamente em toda aquela profundeza errônea que tem sido atribuída a La Rochefoucauld, a La Bougive, a Machiavelli e a Campanella.

- E a identificação - disse eu - do intelecto do raciocinador com o de seu adversário depende, se bem o compreendo, da exatidão com que é apreciado o intelecto do adversário.

- Para seu valor prático, depende efetivamente disso -pondeu Dupin -, e se o Chefe de Polícia e sua corte são frequentemente mal sucedidos é, primeiro, por falta dessa identificação, e, em segundo lugar, pela má apreciação, ou antes, não apreciação do intelecto com que se estão medindo. Consideram somente suas próprias ideias engenhosas e, na procura de oculto, só cuidam dos meios de que eles se teriam servido ocultá-lo. Têm bastante razão nisto de ser sua própria engenhosidade uma representação fiel da massa; mas quando a astúcia malfeitor particular é de caráter diverso da deles, o malfeitor naturalmente os "enrola". Isso sempre acontece quando essa astúcia está acima da deles e, muito comumente, quando está abaixo. Eles não variam de princípios em suas investigações; no máximo, quando premidos por alguma emergência insólita, por alguma recompensa extraordinária, ampliam ou exageram seus velhos métodos de ação, sem mexer-lhes nos princípios.

- Que, por exemplo, caso de D***, se fez para variar o princípio de ação? Que significam todas essas perfurações e exames e sondagens e investigações com o microscópio e divisões da superfície do edifício polegadas quadradas numeradas? Que significa tudo isso senão exagero da aplicação do único princípio ou grupo de princípios pesquisa, que se baseiam sobre o único grupo de noções relata à engenhosidade humana, com as quais o Chefe de Polícia se acostumou na longa rotina de suas funções? Você não vê que tomou como assegurado que todos os homens procuram, para esconder uma carta, se não exatamente um buraco feito a verruma numa perna de cadeira, pelo menos algum canto ou orifício, indo pelo mesmo curso de ideias que impeliria um homem a esconder uma carta, num buraco feito a verruma, numa perna de cadeira? E você não vê também que tais esconderijos *recherchés* só prestam para ocasiões comuns e só seriam adotados por intelectos comuns? Porque, em todos os casos de ocultamento, a colocação do objeto escondido, a colocação dele desse modo *recherché*, é logo no primeiro momento, presumível e presumida; e sua descoberta assim depende não absolutamente da agudeza, mas inteiramente do simples cuidado, paciência e obstinação dos que procuram; e quando o caso é de importância (o que significa a mesma coisa aos olhos dos policiais quando a recompensa é elevada), nunca se soube que falhassem as qualidades em apreço. Você compreenderá agora o que eu queria dizer, ao sugerir que, se a carta furtada tivesse escondida em qualquer lugar dentro dos limites de pesquisa do chefe de polícia, em outras palavras, se estivesse o princípio de seu esconderijo compreendido dentro dos princípios do Chefe de polícia sua descoberta teria sido um assunto completamente fora de questão.

- Esse funcionário, contudo, foi inteiramente mistificado e a fonte remota de sua derrota está na suposição de que o ministro é um maluco, porque adquiriu renome como poeta.

Todos os malucos são poetas; é isso o que o Chefe de Polícia sente; e ele é simplesmente culpado de um *non distributio meda*, ao deduzir que todos os poetas são

malucos.

- Mas esse é realmente o poeta? - perguntei. - Sei que são ambos irmãos, e que ambos alcançaram renome nas letras. O ministro creio eu, escreveu eruditamente sobre o cálculo diferencial. É um matemático e não um poeta.

- Você se engana. Eu o conheço bem; é ambas as coisas. Como matemático, ele raciocinaria bem; como simples matemático não raciocinaria absolutamente e assim estaria à mercê do chefe de Polícia.

- Você me surpreende - disse eu - com essas opiniões que sido contraditadas pela voz geral. Você não tem a intenção de deduzir a nada as ideias bem assentadas através dos séculos. Raciocínio matemático tem sido considerado, há muito, como o raciocínio par excellence.

- Deve-se apostar - replicou Dupin, citando Chamfort - que toda ideia pública, toda convenção aceita é uma tolice, porque conveio ao numero maior. Os matemáticos, concedo-lhe, fizeram o melhor que puderam para divulgar o erro popular a que você alude e que não deixa de ser um erro só por ser promulgado verdade. Com uma arte digna de melhor causa, por exemplo, insinuaram a palavra "análise" nas operações algébricas. Os franceses são os criadores desse engano particular, mas se uma palavra tem alguma importância, se as palavras extraem qualquer valor de aplicabilidade, então "análise"

significa "álgebra", quase tanto, no latim, ambitus significa "ambição", religio quer dizer "religião", ou homines honesti, um punhado de "homens honrados".

- Vejo que você está tendo alguma polêmica - disse eu - com alguns dos algebristas de Paris. Mas continue.

- Contesto a eficácia, e portanto o valor, daquele raciocínio que se cultiva por qualquer forma especial que não seja a lógica abstrata. Contesto, em particular, o raciocínio deduzido pelo estudo matemático. As matemáticas são a ciência da forma e da quantidade; o raciocínio matemático é simplesmente lógico se aplicado à forma e à quantidade. O grande erro está em supor que mesmo as verdades do que se chama álgebra pura são verdades gerais ou abstratas. E esse erro é tão evidente que me espanta a universalidade de sua aceitação. Os axiomas matemáticos não são axiomas de verdade geral. O que é uma verdade de relação (de forma e quantidade) é muitas vezes enormemente falso, com respeito à moral, por exemplo.

- Nesta última ciência, é muito comumente inverídico que a soma das partes seja igual ao todo. Também na química esse axioma falha. Na apreciação de motivos, falha, porque dois motivos, cada um de um dado valor, não têm, necessariamente, quando unidos, um valor igual à soma de seus valores separados. Há numerosas outras verdades matemáticas que só são verdades dentro dos limites da relação. Mas os matemáticos mentem com suas verdades finitas pelo hábito, como se elas fossem de uma aplicabilidade absolutamente geral, tal como o mundo em verdade imagina que sejam.

- Bryant, em sua mui erudita Mitologia menciona uma fonte análoga de erro quando diz que, embora as fábulas pagãs não sejam cridas, esquecemo-nos, contudo, continuamente, e tiramos deduções delas como de realidades existentes. Entre os algebristas, porém, que são igualmente pagãos, as fábulas pagãs" são criadas, e as inferências são feitas, não tanto de falta de memória como por causa de uma inexplicável perturbação do cérebro. Em suma, nunca encontrei um simples

matemático em quem pudesse ter confiança fora das raízes quadradas, nenhum que, clandestinamente, não mantivesse, como um ponto de fé que x^2+px era absoluta e incondicionalmente igual a q .

- Diga a algum desses cavalheiros, só para experimentar, se lhe aprouver, que você acredita possam ocorrer ocasiões em que $x^2 + px$ não seja igual a q , e tendo feito com que ele compreenda o que você quer dizer, coloque-se fora de seu alcance, com toda a rapidez conveniente, pois sem dúvida ele tentará atirá-lo ao chão.

- Quero dizer - prosseguiu Dupin, enquanto eu apenas ria de suas observações - que se o ministro não fosse mais do que matemático o Chefe de Polícia não teria passado pela necessidade de dar-me este cheque. Conheço-o, contudo, tanto como matemático quanto como poeta, e minhas medidas foram adaptadas à capacidade dele com referência às circunstâncias que o rodeavam. Sabia também que ele era um cortesão e um ousado intrigante. Um homem assim, pensei, não podia deixar de ser conhecedor dos modos comuns de agir da polícia. Não podia deixar de prever - e os acontecimentos provaram que ele não deixou de prever - as emboscadas a que estava sujeito. Deve ter pressuposto, refleti, as investigações secretas de sua residência. Suas frequentes ausências de casa, à noite, que foram saudadas pelo Chefe de Polícia como auxílio certo para seu sucesso, olhei-as apenas como astúcia para fornecer oportunidade a uma busca completa pela polícia e acentuar-lhe a convicção a que G^{**} , de fato, finalmente chegou de que a carta não estava no prédio. Pensei, também, que toda série de pensamentos que me estava custando detalhar-lhe mesmo com relação ao princípio Invariável da ação policial na procura de objetos escondidos, pensei que toda essa série de pensamentos necessariamente passaria pela mente do ministro. Ela o levaria imperativamente, a pôr de parte todos os esconderijos comuns.

- Não podia, refleti, ser fraco a ponto de não ver que os mais intrincados e remotos recessos de seu palacete ficariam tão abertos como as mais comuns antecâmaras aos olhos, às pesquisas, às verrumas e aos microscópios do Chefe de Polícia. Vi, finalmente, seria levado, como coisa natural, à simplicidade, senão deliberadamente induzido a isso, por uma questão de gosto. Você se lembrará talvez, de como o Chefe de Polícia riu, desbandeiramente de quando eu sugeri, em nossa primeira entrevista, que era bem que esse mistério o perturbasse tanto por causa de ser tão claro. - disse eu. - Lembro-me perfeitamente de sua hilaridade. Realmente pensei que ele ia cair em contorções de riso.

- O mundo material - continuou Dupin - é abundante em analogias muito estreitas com o imaterial e, assim, certa coloração de verdade foi dada ao dogma retórico de que a metáfora ou o sorriso podem servir tão bem para fortalecer um argumento como para embelezar uma descrição. O princípio de vis inertiae, por exemplo, parece ser idêntico na física e na metafísica. Não verdade é, na primeira, que um corpo grande se põe com maior dificuldade em movimento do que um menor e que seu menor subsequente está em proporção com essa dificuldade, do que o é, na segunda, que às inteligências de maior capacidade, se unem e mais poderosas, mais constantes e mais cheias de acontecimentos em seus movimentos, do que as de grau inferior, são, contudo, as que se movem menos prontamente, com mais embaraço e cheias de hesitação, nos primeiros poucos passos de seu progresso. E mais: já observou você quais dos letrados de rua, nas das lojas, mais atraem a atenção?

- Nunca cogitei disso - disse eu.

- Há um jogo de adivinhação - continuou ele - que se exerce sobre um mapa. Um parceiro, que joga, pede ao outro para descobrir uma dada palavra, um nome de cidade, rio, estado ou império; qualquer palavra, em suma, sobre a matizada e intrincada superfície do mapa. Um novato no jogo procura, geralmente, embaraçar seus parceiros dando-lhes os nomes de letras mais miúdas, veterano escolhe palavras de grandes caracteres que se estendem de uma extremidade a outra do mapa. Estes, como os letreiros e tabuletas de rua, com grandes letras, escapam à observação pelo de serem excessivamente evidentes, e aqui a inadvertência física é precisamente análoga à inapreensão moral por meio da qual o intelecto deixa passar inadvertidas aquelas considerações, que são demasiado importunamente e demasiado palpavelmente evidentes. Mas este é um ponto, ao que parece, um tanto acima ou um tanto abaixo da compreensão do Chefe de Polícia. Ele, nem uma vez sequer julgou provável ou possível que o ministro tivesse depositado a carta bem por baixo do nariz de todo mundo, com o fim de melhor impedir que qualquer porção desse mundo a percebesse.

- Mas quanto mais refleti sobre a habilidade atrevida, ousada inteligente de D***, sobre o fato de que o documento devia estar sempre à mão, se ele tencionava utilizá-lo para um devido fim, sobre a decisiva prova obtida pelo Chefe de Polícia de que não estava oculto dentro dos limites das buscas comuns daquele, funcionário, tanto mais convencido fiquei de que, para ocultar a carta, o ministro tinha apelado para o expediente compreensível e sagaz de não tentar ocultá-la absolutamente.

- Cheio destas ideias, muni-me de um par de óculos verdes e dirigi-me, um belo dia, completamente por acaso, ao edifício ministerial. Encontrei D* * em casa, bocejando, espreguiçando-se, o como de costume e demonstrando achar-se no mais extremo tédio.

Ele é, talvez, a criatura humana mais realmente enérgica que existe mas somente quando ninguém o vê.

- Para emparelhar com ele, queixei-me de meus olhos fracos lamentei a necessidade de usar óculos, e, a coberto disto, atenta e completamente investiguei todo o aposento, enquanto dava mostras, de estar apenas atento à conversa de meu interlocutor.

- Prestei especial atenção a uma grande escrivadinha, junto a qual estava ele sentado e sobre a qual achavam-se confundidas várias cartas misturadas e outros papéis, com um ou dois instrumentos musicais e uns poucos livros. Ali, porém, depois de longa e bem decidida pesquisa, nada vi que despertasse particular suspeita.

- Afinal meus olhos, circulando o quarto, caíram sobre um barato porta-cartões de filigrana e papelão que pendia, oscilando, amarrado por uma suja fita azul, de um pequeno prego de bronze, justamente sob o meio da cornija da lareira. Nesse porta-cartões, tinha três ou quatro compartimentos, viam-se cinco ou seis cartões de visita e uma carta solitária. Esta última estava bastante manchada e amassada. Estava quase rasgada em duas, no meio, se uma intenção, no primeiro momento, de rasgá-la inteiramente como coisa sem importância tivesse sido alterada, ou adiada, em segundo momento. Ostentava um grande selo negro, levando bem claramente o sinete de D***, e estava endereçada, com letra feminina bem miúda, ao próprio D* **, o ministro. Fora atirada descuidadosamente e mesmo, como parecia, desdenhosamente numa das divisões superiores do porta-cartões.

- Logo depois que lancei a vista para aquela carta, concluí que deveria ser a tal

que eu procurava. Decerto era, segundo todas as aparências, radicalmente diferente daquela de que o Chefe Polícia nos dera tão minuciosa descrição. Nela o selo era grande e negro, com o sinete de D^{**.*}; lá era pequeno e vermelho, com as armas duais da família . Aqui o endereço do ministro era em letras miúdas e femininas; na outra, o sobrescrito, para certo personagem real, estava em letras marcadamente abertas e firmes; só o formato constituía um ponto de relação. Mas justamente o radicalismo dessas diferenças, que era excessivo; o sujo; o estado do papel manchado e amassado, tão de desacordo com os verdadeiros hábitos metódicos de D^{***}, e tão sugestivo de uma intenção de induzir erradamente o observador a uma ideia da falta de importância do documento; estas coisas, juntamente com a posição, exageradamente ostensiva desse documento, bem à vista de qualquer visitante e dessa forma exatamente em acordo com as conclusões a que eu tinha previamente chegado; tudo isso, repito, corroborava fortemente a suspeita de quem ali fosse com a intenção de suspeitar.

- Prolonguei minha visita o mais possível, e, enquanto mantinha com o ministro, a respeito de um assunto que eu bem sabia jamais deixara de interessá-lo e excitá-lo, conservava na realidade minha atenção fixa sobre a carta. Neste confiei à memória sua aparência externa e posição no porta cartões e, por fim, cheguei também a uma descoberta que afastou a mais ligeira dúvida que eu pudesse entreter. Observando as extremidades do papel, notei que elas estavam mais estragadas do que parecia necessário. Apresentavam o aspecto enxovalhado, que se manifesta quando um papel duro, tendo sido uma vez dobrado e repassado por uma espátula, é desdobrado em direção contrária , nas mesmas dobras, ou extremidades que haviam formado a dobra primitiva.

- Esta descoberta foi suficiente. Tornava-se claro para mim que a carta tinha sido revirada como uma luva, de para fora, reendereçada e relacrada. Despedi-me do ministro e imediatamente, deixando uma tabaqueira de ouro sobre a mesa. No dia seguinte, fui buscar a tabaqueira e então retomamos, com a mesma avidez, a conversa do dia anterior.

- Enquanto estávamos entretidos, ouviu-se uma forte detonação, como de uma pistola, ali bem por baixo das janelas do edifício, seguida de uma de uma série de terríveis gritos e do vozerio de uma população aterrorizada. D^{***} correu para uma sacada, abriu-a e olhou para fora. Enquanto encaminhei-me para o porta-cartões, tirei a carta, meti-a no bolso e substitui-a por um fac-símile (quanto às aparências externas que eu tinha cuidadosamente preparado nos meus aposentos, usando o sinete de D^{***}, muito facilmente, por meio de um feito de miolo de pão.

- A desordem na rua tinha sido ocasionada pela conduta furiosa m homem armado de um mosquete. Havia-o detonado, em meio de uma multidão de mulheres e crianças. Ficou provado, porque o fizera sem balas e deixaram o camarada seguir seu caminho, tendo-o como um maluco ou um bêbedo. Logo que ele se foi, D^{***} voltou da janela, aonde eu o havia seguido, logo depois de ter-me apoderado do objeto em vista. Sem demora tratei de despedir-me. O pretenso maluco era um homem pago por mim.

- Mas qual a sua intenção - pergunte, substituindo a carta por um fac-símile? Não teria sido melhor, logo à primeira visita, haver-se apoderado dela francamente e partido?

- D^{***} - replicou Dupin é um homem violento e nervoso. Além disso, em sua casa

não faltam servidores devotados a seus interesses. Se eu tivesse feito a grosseira tentativa que você sugeriu talvez jamais tivesse podido sair vivo da presença do ministro. Talvez o bom povo de Paris nunca mais ouvisse falar de mim. Mas tinha eu um objetivo, fora dessas considerações. Você conhece minhas simpatias políticas. Neste assunto, ajo como partidário da senhora em questão. Durante dezoito meses o ministro a teve em seu poder.

Ela agora o tem no seu, uma vez que, não sabendo a carta não se acha em seu poder, ele continuará com suas extorsões, como se ainda a possuísse. Por isso será inevitavelmente reduzido, de pronto, à sua destruição política. Sua queda, será tão precipitada quanto desastrosa. E muito bom falar a respeito do jacilis descensus Averni; mas em todas as espécies de subida, como diz Catalani sobre o canto, é bem mais fácil do que descer. No presente caso, não tenho eu simpatia, ou pelo menos não tenho piedade, por aquele que cai. Ele é aquele monstrum horrendum, um homem de gênio sem caráter. Confesso, contudo, que gostaria bastante de conhecer a precisa natureza de seus pensamentos quando, sendo desafiado por aquela a quem o Chefe de Polícia denomina "certo personagem", se vir reduzido a abrir a carta que eu deixei para ele no porta-cartões.

- Como? Escreveu você qualquer coisa de especial nela?

- Ora... não pareceria absolutamente direito deixar o interior da carta em branco! Teria sido insultante. E outrora, em Viena, pregou-me uma má peça, de que, lhe disse eu, completamente de bom-humor, sempre haveria de lembrar-me. Assim, como soube que ele sentiria alguma curiosidade a respeito da identidade da pessoa que o tinha excedido em astúcia, achei que era uma pena não lhe dar um indício. Ele conhece muito bem minha letra e justamente copiei, no meio da folha branca, as palavras: *un dessein si funeste, s'il n'est digne d'Atrée, est digne de Thyeste*. (desígnio tão funesto, se não é digno de Atréia, é digno de iaesr)

Elas se encontram na Atrée de Crébillon.

FIM